

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA LITERÁRIA E
LITERATURA COMPARADA

O "SONHADOR" DE *A SENHORIA*, DE DOSTOIÉVSKI:
UM "HOMEM SUPÉRFLUO"

Maria de Fátima Bianchi

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção de título de doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Lúcia Pontieri

São Paulo
2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Agradecimentos

Agradeço imensamente, antes de tudo, a minha orientadora, Profa. Dra. Regina Lúcia Pontieri, que acompanhou atentamente este trabalho, em todas as suas etapas, a começar pela elaboração do projeto de pesquisa.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de doutoramento no país, de 2002 a 2006, e no exterior, em 2005, que possibilitou meu estágio de seis meses na Rússia, onde pude concluir minha pesquisa bibliográfica na Biblioteca Nacional, em Moscou, assim como participar de seminários e conferências e fazer contatos valiosos com vários estudiosos da obra de Dostoiévski.

Com o professor Boris Schanaiderman, que, além da atenção que dedicou a este trabalho desde o início, tem me acompanhado criticamente e me estimulado permanentemente com sua amizade, tenho uma dívida de imensa de gratidão. Seu apoio tem sido um grande incentivo para mim.

Durante minha estadia em Moscou, para a orientação de minha pesquisa pude contar com a professora Anna Ivánovna Juravlióva, da Faculdade de Filologia da Universidade de Moscou, a quem sou imensamente grata não só pela seriedade com que tomou essa tarefa, como pelo carinho e amizade com que me recebeu. Agradeço também a Galina Evguênievna Kedrova, diretora da Faculdade, por seu empenho em tornar possível meu estágio na Universidade.

Sou profundamente grata à professora Iná Camargo, que em meu Exame de Qualificação participou da banca examinadora, e cujas observações e sugestões foram valiosas para a minha pesquisa.

A Samuel Titan Jr. agradeço toda a ajuda entusiasmada e espontânea a este trabalho desde o início, e o apoio e incentivo que tem me dado em minhas traduções.

Meus mais sinceros agradecimentos aos professores Paulo Bezerra, Arlete Cavalieri,

Elena Vássina, pela colaboração fundamental para que meu estágio na Universidade de Moscou se realizasse.

Agradeço muito a atenção de Stefano Aloe, professor de Literatura Russa da Universidade de Roma, que gentilmente enviou-me via correio eletrônico sua tradução de *A senhoria* para o italiano, assim como seu trabalho sobre a novela.

A meus amigos Galina e Boris Rakítiski agradeço imensamente não só o apoio intelectual e de mais de uma década de amizade, mas também muitos dos convites que recebi para o visto de entrada na Rússia.

Entre outras pessoas que muito me ajudaram ao longo destes quatro anos estão Nikolai Preobrajiénski, Flávio Tavares de Lyra Jr., Henrique Carneiro, Sílvia Misculin e Eujácio Silveira, amigos que nunca me faltaram, com os quais tenho dívidas ao mesmo tempo intelectuais e pessoais. Reiko Miúra é outra amiga a quem sou imensamente grata pelo estímulo que sempre me deu.

Sou imensamente grata a minha família, ligada a este trabalho pelo ânimo e amparo que me proporcionou.

E, finalmente, quero agradecer a David Mandel, por seu carinho e seu contínuo apoio e incentivo não só a este trabalho.

Resumo

A primeira parte deste trabalho é uma tradução da novela *A senhoria*, de Dostoiévski, direta do texto original em russo, seguida de um estudo sobre o tipo central da novela, um “sonhador” – um típico herói romântico –, e sua revelação como um “herói de seu tempo” – um “homem supérfluo”. *A senhoria* é uma obra que difere muito de todos os outros trabalhos de Dostoiévski. Mal recebida pela crítica de sua época, ela constitui sua primeira tentativa de caracterização de um tipo e de um tema a que ele iria se dedicar praticamente durante toda a sua carreira. E, em se tratando da literatura russa do século XIX, não há dúvida de que o que mais se sobressai é o fenômeno do herói. Com essa novela Dostoiévski apresenta, na figura do “sonhador” romântico, não só um fenômeno ainda corrente na vida russa em fins dos anos 40, mas também um novo elo na evolução do “herói do tempo”.

Abstract

The first part of this work is a translation of Dostoevsky's novel *The Landlady*, translated from the original Russian. This is followed by a study on the central figure of the novel, a “dreamer” -- a typical romantic hero -- and its revelation as a “hero of our time” -- a “superfluous man”. *The Landlady* differs from all of Dostoevsky's other works. Badly received by critics when it was published, it was his first attempt to create a literary figure to whose depiction he would devote practically his entire subsequent career. There is no doubt that the most salient feature of Russian literature of the nineteenth century is the phenomenon of the hero. With this novel, Dostoevsky presents in the romantic “dreamer”, not only a phenomenon still current in Russian life at the end of 1840's, but also a new link in the evolution of the "hero of our time."

Palavras-chave: Literatura russa; século XIX; “sonhador” romântico; “herói do tempo”; “homem supérfluo”.

Key words Russian literature; nineteenth century ; romantic “dreamer”; "hero of the time"; "superfluous man".

ÍNDICE

<i>A senhoria</i> (novela)	05
<i>O “sonhador” de A senhoria, de Dostoiévski: um “homem supérfluo”</i>	92
I- <i>A senhoria</i> no cenário da evolução da literatura russa nos anos 40	97
1. <i>A senhoria</i> e sua recepção	97
2. O motivo romântico da novela	104
3. O fenômeno da figura do herói	112
II- Ordínov: um “herói de seu tempo”?	118
1. A questão da verossimilhança da personagem	118
2. A tragédia da solidão	131
3. O desmascaramento do “sonhador” romântico	139
4. O encontro entre a <i>intelligentsia</i> e o povo	157
Considerações finais	165
Referências bibliográficas	169

A senhoria (uma novela)

Primeira parte

I

Ordínov afinal se decidira a procurar um novo alojamento. A dona da casa em que ele alugava um quarto, uma mulher já idosa e muito pobre, viúva de um funcionário público, por circunstâncias imprevistas havia partido de Petersburgo para algum fim de mundo, onde viviam seus parentes, sem mesmo esperar o dia primeiro – data de seu contrato de aluguel. O jovem, esperando expirar o prazo, pensava com lástima em seu velho canto, aborrecido por se ver obrigado a deixá-lo: ele era pobre, e o apartamento saía caro. Já no dia seguinte ao da partida da senhoria, pegou seu boné e saiu perambulando pelas travessas de Petersburgo, olhando todos os anúncios fixados nos portões dos prédios e selecionando os prédios *maiores*, mais enegrecidos e populosos, onde seria mais provável encontrar o canto que lhe convinha na casa de algum locatário pobre.

Já estava procurando há bastante tempo, com verdadeiro afinco, mas foi logo invadido por sensações novas, quase desconhecidas. Começou a olhar a sua volta, a princípio distraidamente, com despreocupação, depois com mais interesse, e por fim com grande curiosidade. A multidão e a vida na rua, o burburinho, a movimentação, a novidade dos objetos, a novidade da situação – toda essa vida mesquinha e esse farelório cotidiano, que há tanto tempo aborrece o petersburguês ocupado e azafamado, que passa a vida toda procurando inutilmente, mas com ansiedade, um meio de encontrar paz, tranqüilidade e repouso em algum ninho aconchegante, conquistado com seu trabalho, suor e por vários outros meios –, toda essa *prosa* vulgar e esse fastio suscitavam nele, ao contrário, uma sensação de alegria radiante e serena. Suas faces pálidas foram se cobrindo de um leve rubor, em seus olhos parecia começar a brilhar uma nova esperança, e ele se pôs a inspirar profundamente e com avidez o ar fresco e frio. Ele se sentia extraordinariamente leve.

Ele sempre havia levado uma vida tranqüila, completamente solitária. Há uns três anos, depois de sua colação de grau, tornando-se na medida do possível emancipado, foi à

casa de um velhinho que até então só conhecia de ouvir falar e teve de esperar um bom tempo até que o criado de quarto consentisse em anunciá-lo pela segunda vez. Depois entrou em uma salão de teto alto, escuro e vazio, extremamente entediante, o que ainda é comum nos antigos lares senhoriais poupados pelo tempo, e viu ali um velhinho adornado de cabelos grisalhos, coberto de condecorações, que fora amigo e colega de trabalho de seu pai e era seu tutor. O velhinho lhe entregou em mãos uma ninharia de dinheiro. A soma revelou-se muito insignificante; era o que restara da herança de seu bisavô, leiloada para pagar dívidas. Ordínov tomou posse dela com certa indiferença, despediu-se para sempre de seu tutor e saiu para a rua. Era uma tarde de outono, fria e lúgubre; o jovem ia pensativo, e uma tristeza inconsciente lhe dilacerava o coração. Ardiam-lhe os olhos; sentia calor, calafrios e febre alternadamente. Pelo caminho foi fazendo cálculos e concluiu que, com seus recursos, poderia viver uns dois, três anos, até mesmo quatro, com bastante economia. Havia anoitecido e começava a chuveirar. Acertou o preço do primeiro canto que encontrou e uma hora depois estava se mudando. Ali se enclausurou como se estivesse em um monastério, como se estivesse recluso do mundo. Em dois anos havia se asselvajado completamente.

Ele se asselvajara sem se dar conta disso; até então nem lhe passava pela cabeça que existia uma outra vida – ruidosa, tumultuosa, em eterno alvoroço, em eterna transformação, eternamente convidativa e sempre, mais cedo ou mais tarde, inevitável. É verdade que não poderia não ter ouvido falar dela, mas não a conhecia nem nunca a havia procurado. Já desde a infância tinha vivido de um modo esquisito; agora essa esquisitice se precisava. Devorava-o uma paixão, a mais profunda, a mais insaciável, que absorve toda a vida de um homem e, a criaturas como Ordínov, não concede um canto que seja na outra esfera, a da atividade prática, cotidiana. Essa paixão era... a ciência. Ela vinha até agora corroendo sua juventude, como um veneno inebriante, de efeito lento, intoxicava sua paz noturna, subtraía-lhe o alimento sadio e o ar fresco, que não penetrava nunca em seu canto sufocante, mas Ordínov, na embriaguez de sua paixão, não queria se dar conta disso. Ele era jovem e

até esse momento não necessitava de mais nada. Essa paixão o havia transformado numa verdadeira criança perante o mundo exterior e já para sempre incapaz de se impor a outras pessoas de bem, quando se fizesse necessário demarcar para si ao menos um cantinho entre elas. Nas mãos de pessoas hábeis, a ciência é um capital; a paixão de Ordínov era como uma arma apontada para ele mesmo.

Havia nele mais uma inclinação inconsciente do que uma motivação lógica precisa para os estudos e o conhecimento, assim como para qualquer outra atividade a que até então se dedicara, até mesmo a mais insignificante. Já na infância tinha fama de esquisito e era diferente de seus companheiros. Os pais ele não conheceu; por causa de seu temperamento estranho e introspectivo, teve de suportar grosserias e um tratamento desumano da parte de seus companheiros, o que fez com que se tornasse realmente introspectivo e sorumbático e fosse aos poucos se isolando de tudo. Mas em seus estudos solitários nunca houve ordem e um sistema determinado, nem mesmo agora havia; o que havia agora era apenas o primeiro entusiasmo, o primeiro ardor, a primeira febre do artista. Ele estava criando seu próprio sistema; ele o havia obcecado durante anos, e em sua alma aos pouco ia se insurgindo a imagem ainda obscura, imprecisa, mas maravilhosamente gratificante, de uma idéia materializada em uma forma nova, iluminada, e essa forma, ao se desprender de sua alma, dilacerava essa alma; ele percebia ainda timidamente a originalidade, a verdade e a autenticidade dessa idéia: sua criação já se manifestava às suas forças; ela se formava e se consolidava. Mas o momento de sua encarnação e criação ainda estava distante, talvez muito distante, talvez ela fosse absolutamente irrealizável!

Andava agora pelas ruas como um alienado, como um eremita que de repente saiu de seu deserto mudo para uma cidade ruidosa e tumultuosa. Tudo lhe parecia novo e estranho. Mas ele se tornara a tal ponto alheio àquele mundo que fervilhava e estrepitava à sua volta que nem sequer lhe ocorria se espantar com suas estranhas sensações. Parecia não se dar conta de sua selvajaria; ao contrário, se via invadido por uma sensação de alegria, uma espécie de embriaguez, semelhante ao que sucede a um faminto quando, após um longo

jejum, lhe dão de comer e de beber; embora, é claro, fosse estranho que a novidade de um incidente tão insignificante como uma mudança de casa pudesse deixar confuso e aturdido um habitante de Petersburgo, ainda que fosse Ordínov; mas é verdade também que até hoje quase nunca lhe havia acontecido de sair *a negócios*.

Sentia cada vez mais prazer em vaguear pelas ruas. Olhava para tudo embasbacado, como um *flâneur*¹.

Mas mesmo agora, fiel a esse seu jeito de ser, lia num cartaz que se descobria vivamente diante de seus olhos como nas entrelinhas de um livro. Tudo o surpreendia; não deixava escapar uma só impressão e olhava com um ar pensativo para os rostos dos transeuntes, espreitava a fisionomia de todos os que o rodeava, punha-se a escutar afetuosamente a conversa popular, como se tudo viesse a confirmar suas próprias conclusões, nascidas na calada de suas noites solitárias. Com freqüência, a menor bobagem o surpreendia e inspirava-lhe uma idéia, e pela primeira vez se ressentiu por ter a tal ponto se enterrado vivo em sua cela. Aqui tudo andava mais rápido; seu pulso batia rapidamente e com mais força, sua mente, oprimida pela solidão, aguçada e afinada apenas pela tensão de uma atividade exaltada, trabalhava agora com rapidez, tranqüilidade e audácia. Além do que, meio inconscientemente, sentia vontade de também se introduzir de algum modo nessa vida que lhe era alheia, que até agora havia conhecido ou, melhor dizendo, provavelmente apenas pressentido com seu instinto de artista. O coração começou a bater-lhe involuntariamente num anseio de amor e compaixão. Olhava com mais atenção as pessoas que passavam diante dele; mas as pessoas estavam alheias, preocupadas, pensativas... E pouco a pouco a despreocupação de Ordínov foi sem querer se esvaecendo; a realidade passava a oprimi-lo, a incutir nele uma espécie de temor involuntário, de respeito. Ele começava a se cansar desse afluxo de impressões novas, que até então

¹ A palavra “flanior”, que Dostoiévski usa também no “Folhetim de Petersburgo” de 1º de junho de 1847, nessa época era nova na literatura russa. Ela havia penetrado na Rússia sob influência do ensaio fisiológico francês, das novelas e dos romances de Balzac, onde um dos tipos característicos se tornou o tipo do flâneur, que freqüentava dos bulevares parisienses. É por isso que Dostoiévski sublinha essa palavra. (N. do E. russo)

ignorara, como um doente que alegremente se levantara pela primeira vez de seu leito de sofrimentos e caíra, atordoado pela luz, pelo brilho, pelo turbilhão da vida, pelo burburinho e pela miscelânea de cores da multidão que rodopiava ao seu redor, aturdido, entontecido pelo movimento. Foi ficando angustiado e triste. Começou a temer por sua vida, por toda a sua atividade e até pelo futuro. Um novo pensamento vinha roubar-lhe a tranqüilidade. De súbito ocorreu-lhe que havia passado sua vida inteira sozinho, que ninguém o havia amado, e que também ele nunca chegara a amar ninguém. Alguns dos transeuntes com os quais puxou conversa casualmente no início do passeio o olharam de um modo grosseiro e estranho. Percebia que o tomavam por louco ou por um excêntrico bem original, o que, aliás, era a pura verdade. Recordou-se também de que sua presença sempre causava em todos um certo mal-estar, de que já desde a infância todo mundo o evitava, por causa do seu caráter introvertido e obstinado, de que a simpatia que sentia pelas pessoas, mas na qual nunca houve uma igualdade moral perceptível, se manifestava de modo difícil, opressivo e passava despercebida, o que o torturava ainda em pequeno, quando não se parecia em nada com as outras crianças da sua idade. Agora que se lembrou, compreendeu que sempre, a qualquer momento, todos o haviam abandonado e se esquivado dele.

Sem perceber, foi parar em um arrabalde de Petersburgo distante do centro da cidade. Depois de comer alguma coisa em uma taverna solitária, saiu de novo vagueando. Tornou a passar por muitas ruas e praças. Ao longo delas estendiam-se longas paliçadas amarelas e cinzentas, e em vez dos edifícios luxuosos começou a encontrar *isbás* completamente decrépitas e, ao mesmo tempo, prédios de fábricas colossais, monstruosos, enegrecidos, vermelhos e com chaminés altas. Por todo lado estava ermo e deserto; tudo tinha uma aparência meio lúgubre e hostil: pelo menos era essa a impressão que tinha Ordínov. Já havia entardecido. Atravessando uma ruela comprida, ele saiu numa pequena praça, onde havia uma igreja paroquial.

Entrou nela distraidamente. A cerimônia religiosa havia apenas terminado; a igreja estava quase completamente deserta, apenas duas velhinhas ainda permaneciam ajoelhadas

junto à entrada. O sacristão, um velhinho grisalho, apagava as velas. Do alto, através de uma janela estreita na cúpula, raios do sol poente se derramavam em um feixe amplo e clareavam com um mar de brilho uma das capelas laterais; mas aos poucos eles foram se apagando, e quanto mais a escuridão se adensava sob as abóbadas do templo, mais vivamente reluziam aqui e ali seus ícones banhados a ouro, iluminados pela chama bruxuleante das lamparinas e das velas. Num acesso de melancolia que o deixou profundamente excitado e tomado por uma sensação de opressão, Ordínov recostou-se à parede no canto mais escuro da igreja e por um instante deixou-se ficar ali, esquecido de tudo. Só voltou a si quando um rumor surdo dos passos cadenciados de dois paroquianos que entravam ressoou sob as abóbadas do templo. Ergueu os olhos, e ao ver as pessoas que entravam foi tomado por uma curiosidade inexplicável. Era um velho e uma jovem mulher. O velho era alto, ainda ereto e forte, mas magro e de uma palidez doentia. Por sua aparência, podia-se tomá-lo por um comerciante vindo de muito longe. Vestia um *caftan* preto e comprido, de pele, que trazia desabotoado, evidentemente um traje dominueiro. Embaixo do *caftan* se entrevia uma outra roupa russa comprida, bem abotoada de cima até em baixo. Em volta do pescoço nu tinha um lenço vermelho vivo negligentemente atado; na mão, segurava um gorro de pele. Uma barba comprida, rala e meio grisalha caía-lhe sobre o peito, e sob as sobrancelhas hirsutas e espessas brilhava um olhar ardente, febrilmente inflamado, arrogante e insistente. A mulher tinha uns vinte anos e era de uma beleza celestial. Usava um rico casaco azul-claro, forrado de pele, e tinha a cabeça coberta com um lenço de cetim branco amarrado sob o queixo. Vinha de olhos baixados, e um certo ar de altivez absorta, que emanava de toda a sua figura, se refletia com nitidez e tristeza no doce contorno das linhas infantilmente delicadas e dóceis de seu rosto. Havia algo de estranho nesse inesperado casal.

O velho parou no centro da igreja e se inclinou para os quatro lados, embora a igreja estivesse completamente vazia; sua companheira fez o mesmo. Depois ele pegou em sua mão e a conduziu até a grande imagem da Virgem, a padroeira da igreja, que resplandecia,

junto ao altar, com o brilho ofuscante das luzes refletidas em sua moldura reluzente de ouro e pedras preciosas. O sacristão, o último a permanecer na igreja, saudou o velho com respeito; este acenou-lhe com a cabeça. A mulher caiu prostrada diante do ícone. O velho pegou a ponta do manto que pendia do pedestal do ícone e cobriu-lhe a cabeça. Um soluço surdo ressoou na igreja.

Ordínov ficou pasmo com a solenidade toda dessa cena e esperava com ansiedade o seu desfecho. Uns dois minutos depois a mulher ergueu a cabeça, a luz viva da lamparina tornou a iluminar seu rosto encantador. Ordínov estremeceu e deu um passo à frente. Ela já havia dado a mão ao velho e eles estavam saindo da igreja em silêncio. Com os longos cílios baixados brilhando sobre a brancura leitosa de seu rosto, lágrimas ferventes transbordavam de seus olhos azuis-escuros e rolavam por suas faces empalidecidas. Em seus lábios aflorava um leve sorriso; mas em seu rosto se percebiam sinais de um medo infantil e de um terror misterioso. Ela se estreitava timidamente ao velho, e era evidente que tremia toda de emoção.

Pasmo, fustigado por um inusitado sentimento de obstinação e ternura, Ordínov saiu rapidamente atrás deles e no adro da igreja cruzou-lhes o caminho. O velho deitou-lhe um olhar severo e hostil; ela também olhou para ele, mas sem curiosidade e distraidamente, como se estivesse absorvida por um outro pensamento, distante. Ordínov saiu-lhes no encalço, embora nem ele próprio compreendesse sua atitude. Já havia anoitecido completamente; ele os seguia a uma certa distância. O velho e a jovem entraram em uma rua ampla e comprida, lamacenta, cheia do pessoal das várias indústrias, dos armazéns de farinha e das hospedarias, que conduzia diretamente à barreira da cidade, e daí viraram em uma travessa estreita e comprida, com longas paliçadas de ambos os lados, que terminava na parede enorme e enegrecida de um imenso edifício de quatro andares, por cujos portões se podia sair em uma outra rua também grande e movimentada. Eles já se aproximavam de casa; de repente o velho se voltou com impaciência e lançou um olhar a Ordínov. O jovem parou de chofre; ele mesmo acabou estranhando essa sua atração. O velho tornou a se virar,

como que para se certificar de que sua ameaça havia surtido efeito, e depois os dois, ele e a jovem, entraram no pátio do prédio por um portão estreito. Ordínov voltou para trás.

Encontrava-se no mais lamentável estado de ânimo e irritado consigo mesmo por perceber que havia se cansado à toa, desperdiçado tempo à toa e ainda, para cúmulo, terminado o dia com um disparate, ao atribuir o sentido de uma verdadeira aventura a um episódio mais do que corriqueiro.

Por mais aborrecido que tivesse consigo mesmo pela manhã por sua selvajaria, instintivamente, entretanto, procurava esquivar-se de tudo o que pudesse distraí-lo, perturbá-lo e impressioná-lo no mundo exterior, não em seu mundo interior e artístico. Nesse momento, pensou com tristeza e um certo remorso em seu canto tranqüilo; em seguida sentiu apoderar-se dele uma angústia, uma inquietação, por causa de sua situação incerta, das preocupações que teria pela frente, e ao mesmo tempo se aborreceu com o fato de que uma coisa tão insignificante pudesse tomar-lhe o tempo. Por fim, cansado e sem condições de concatenar duas idéias, arrastou-se já tarde até seu alojamento e subitamente, para seu espanto, percebeu que quase havia passado diante do prédio em que morava sem se dar conta. Admirado com sua distração, balançando a cabeça, atribuiu-a ao cansaço, depois subiu as escadas e finalmente entrou na água-furtada, em seu quarto. Ali acendeu uma vela – e um minuto depois a imagem da mulher em pranto golpeava-lhe vivamente a imaginação. A impressão era tão forte, tão ardente, era com tanto amor que seu coração reproduzia os traços suaves e dóceis de seu rosto, abalado por um terror e uma comoção misteriosa e banhado de lágrimas de êxtase ou de remorso infantil, que sentiu turvar-se-lhe a vista, e uma espécie de fogo pareceu percorrer-lhe todo o corpo. Mas a visão não durou muito. O êxtase deu lugar à reflexão, depois ao despeito, depois a uma espécie de raiva impotente; sem mesmo se despir, enrolou-se em um cobertor e se jogou em sua cama dura...

Ordínov acordou de manhã já bem tarde, num estado de espírito irritável, tímido e deprimido, se aprontou às pressas, praticamente obrigando-se a pensar em suas

preocupações imediatas, e se dirigiu para o lado oposto ao de sua expedição do dia anterior; acabou por encontrar um alojamento na água-furtada de um alemão pobre, apelidado de Spiess², que morava com a filha, Tínkhen. Ao receber o sinal, Spiess foi no mesmo instante retirar o anúncio fixado no portão para atrair locatários, cumprimentou Ordínov por seu amor à ciência e prometeu-lhe que ele mesmo o atenderia com toda a diligência. Ordínov disse que se mudaria ao entardecer. Dali pensava voltar para casa, mas mudou de idéia e tomou outra direção; recobrava o ânimo, e no fundo acabou achando graça de sua curiosidade. Em sua impaciência, o caminho lhe pareceu extremamente longo; afinal chegou à igreja onde estivera na tarde anterior. Era hora da missa. Escolheu um lugar de onde podia ver quase todos os fiéis; mas os que procurava não estavam alá. Após longa espera, saiu dali com as faces em fogo. Em sua obstinação de querer sufocar um sentimento involuntário, tentava a todo custo mudar o rumo de seus pensamentos. Procurando pensar em coisas triviais, do dia-a-dia, ocorreu-lhe que era hora do almoço, e como realmente sentisse fome, entrou na mesma taberna em que havia almoçado no dia anterior. Em seguida já nem se lembrava como havia saído de lá. Sem se dar conta, ficou longo tempo perambulando por ruas, por vielas movimentadas e desertas, e acabou enveredando para uns confins de mundo, onde já não havia cidade e se alastrava o campo amarelecido; só deu por si quando um silêncio mortal o surpreendeu com uma impressão nova, que havia muito não experimentava. O dia estava seco e frio, o que não é nada raro no outubro petersburguês. Não muito longe dali havia uma *isbá*; junto dela, duas medas de feno; um cavalicoque de costelas salientes, cabeça baixada, lábio pendido, desatrelado junto de uma carroça de duas rodas, parecia absorto em reflexões. Um cachorro vira-lata roía um osso, rosnando, perto de uma roda quebrada, e um menino de uns três anos, vestindo apenas uma camisinha, coçava sua cabecinha loura e cabeluda, olhando com espanto para o cidadão

² É provável que o sobrenome desse personagem tenha sido criado como imitação dos sobrenomes dos artesãos alemães da novela “Avenida Niévski” (Schiller, Hoffmann), de Gógol. H. Spiess (1755–1799) – escritor alemão cujos romances de cavalaria e com temas fantásticos eram populares também na Rússia (ver: N.K. Kozmin. Sobre a literatura original e editorial do fim do século XVIII em relação à poesia de Jukóvski). Além disso, Spiess é o começo da palavra alemã “Spiessbürger” – pequeno-burguês.

solitário que se aproximava. Atrás da *isbá* se estendiam campos e hortas. Ao fundo do horizonte azul negrejavam os bosques, enquanto do lado oposto nuvens turvas de neve avançavam como se empurrassem adiante um bando de pássaros migratórios que, sem alarido, um atrás do outro, iam abrindo caminho pelo céu. Tudo inspirava tranqüilidade e uma certa melancolia solene, repleta de uma expectativa dissimulada e amortecida... Ordínov teria ido ainda mais longe; mas aquele descampado só fazia deprimi-lo. Ele voltou para trás, para a cidade, de onde de repente se propagou o repique grave dos sinos convocando para as orações da tarde, apressou o passo e pouco depois tornou a entrar na igreja que desde o dia anterior lhe era tão familiar.

Sua desconhecida já se encontrava lá.

Estava ajoelhada bem na entrada em meio à multidão de fiéis. Ordínov abriu passagem entre a massa compacta de indigentes, de velhas maltrapilhas, de doentes e inválidos que esperavam esmolas na porta da igreja e se ajoelhou ao lado da desconhecida. Sua roupa roçava na dela, e ele ouvia a respiração arquejante que lhe escapava dos lábios ao murmurar uma prece com todo fervor. Os traços de seu rosto estavam, como antes, transtornados por um sentimento de infinita devoção, e as lágrimas tornavam a rolar e a secar em suas faces afoqueadas, como que para lavar algum crime terrível. Esse lugar onde os dois se encontravam estava na mais completa penumbra e apenas de vez em quando a chama embaciada da lamparina, que bruxuleava com o vento que irrompia pelo vidro aberto de uma janela estreita, iluminava o rosto dela com um brilho trêmulo, e cada um de seus traços se gravava na memória do rapaz, turvando-lhe a vista e partindo-lhe o coração com uma dor surda e insuportável. Mas nesse suplício havia um êxtase frenético. Por fim não pôde mais resistir; todo o seu peito começou a tremer, num átimo ele sucumbiu a um espasmo de uma doçura inusitada e, soluçando, inclinou a cabeça escaldante sobre o ladrilho gelado da igreja. Não ouvia nem sentia nada, além da dor no coração, que agonizava num doce tormento.

Talvez essa impressionabilidade exacerbada, esse desnudamento e essa desproteção

de seus sentimentos tenham se desenvolvido com a solidão; talvez essa impetuosidade do coração, preparada no irremediável silêncio penoso e sufocante de longas noites de insônia, entre anseios inconscientes e inquietações impacientes do espírito, estivesse finalmente prestes a explodir ou a encontrar desafogo; e devia ser isso mesmo, como costuma acontecer bruscamente nos dias tórridos e abafados, em que o céu repentinamente se torna todo negro e a tempestade se derrama em chuva e fogo sobre a terra sedenta, se pendura como pérolas de chuva nos ramos de esmeralda, fustiga a erva, os campos, abate sobre a terra os tenros cálices de flores, para que em seguida, aos primeiros raios do sol, tudo, retornando à vida, se levante, se precipite ao encontro dele e, solenemente, lhe envie no céu o seu incenso doce, luxuriante, regozijando-se e exultando com a renovação de sua vida... Mas Ordínov agora não conseguiria sequer pensar no que se passava com ele: ele mal se reconhecia...

Quase nem se dera conta de que o ofício religioso havia terminado, e só deu por si quando já se enfiava, atrás de sua desconhecida, entre a multidão que se aglomerava na saída. Às vezes encontrava seu olhar luminoso e surpreendente. Forçada a se deter a todo instante pelo povo que saía, voltou-se para ele várias vezes; era evidente que seu espanto crescia cada vez mais, e de repente ficou toda rubra, como se fosse o reflexo de um incêndio. Nesse instante, o velho do dia anterior tornou a surgir repentinamente da multidão e a pegou pelo braço. Ordínov encontrou de novo seu olhar colérico e malicioso, e um estranho sentimento de ódio confrangeu-lhe de súbito o coração. Por fim os perdeu de vista na escuridão; então, num esforço sobrenatural, lançou-se adiante com ímpeto e saiu da igreja. Mas nem o ar fresco da tarde conseguia refrescá-lo: tirava-lhe o fôlego, oprimia-lhe o peito, e seu coração começou a bater lentamente e com força, como se quisesse lhe saltar do peito. Por fim viu que havia realmente perdido de vista seus desconhecidos; eles já não estavam nem na rua, nem na travessa. Mas na cabeça de Ordínov já havia ocorrido uma idéia, se armado um desses planos arrevesados, decisivos, que, não obstante sejam sempre desatinados, em semelhantes ocasiões, todavia, quase

sempre acabam dando certo e sendo bem sucedidos; no dia seguinte, às oito horas da manhã, ele se aproximou do prédio pelo lado da viela e entrou no pequeno pátio dos fundos, estreito, sujo e imundo, uma espécie de fossa de lixo do prédio. O porteiro, que estava fazendo alguma coisa no pátio, deteve-se, apoiou o queixo no cabo de sua pá, mediu Ordínov da cabeça aos pés com os olhos e perguntou-lhe o que desejava.

O porteiro era um rapaz de uns vinte e cinco anos, miúdo, com um rosto extremamente envelhecido, encarquilhado, de ascendência tártara.

– Estou procurando um alojamento – respondeu Ordínov com impaciência.

– Que alojamento? – perguntou o porteiro com um risinho. Olhou para Ordínov de um jeito, como quem está a par do assunto.

– Preciso alugar de algum locatário – respondeu Ordínov.

– Nesse pátio não tem – respondeu misteriosamente o porteiro.

– E aqui?

– Nem aqui. – Nisso o porteiro pegou sua pá.

– Mas pode ser que alguém ceda – disse Ordínov, dando ao porteiro uma moeda de dez copeques.

O tártaro deu uma olhada em Ordínov, pegou a moeda de dez copeques, em seguida tornou a pegar sua pá e, após um breve silêncio, declarou que “não, não há alojamento”. Mas o rapaz já não o ouvia; por umas tábuas meio podres e oscilantes, estendidas sobre uma poça, dirigia-se para os anexos do prédio pela única saída do pátio, que de tão escura, suja e imunda parecia inundada na lama. No piso inferior morava um pobre fabricante de ataúdes. Depois de transpor sua engenhosa oficina, Ordínov subiu para o andar de cima por uma escada em espiral semidestruída e escorregadia, apalpou no escuro uma porta grossa e rude, revestida de farrapos de esteira, encontrou a fechadura e a entreabriu. Ele não se enganara. Diante dele estava seu velho conhecido, que o encarava cheio de espanto.

– O que você quer? – perguntou ele com a voz entrecortada e quase num sussurro.

– Tem quarto para alugar?.. – perguntou Ordínov, esquecendo quase tudo o que queria dizer. Tinha avistado por cima do ombro do velho sua desconhecida.

Sem responder, o velho foi fechando a porta e empurrando Ordínov com ela.

– Temos um quarto – ressoou de repente a voz meiga da jovem.

O velho deixou a porta livre.

– Estou precisando de um canto – disse Ordínov, entrando apressadamente no apartamento e se dirigindo à sua beldade.

Mas, ao olhar para seus futuros senhorios, ficou pasmo, como que petrificado; uma cena muda, impressionante, desenrolou-se diante de seus olhos. O velho estava pálido como um cadáver, parecia prestes a desmaiar. Deitou sobre a mulher um olhar de chumbo, fixo e penetrante. Também ela a princípio empalideceu; mas depois o sangue afluiu-lhe todo ao rosto e seus olhos cintilaram de modo meio estranho. Ela conduziu Ordínov para um outro cubículo.

O apartamento todo consistia em um único cômodo bem amplo, dividido em três compartimentos por dois tabiques; a entrada dava diretamente para uma antessala estreita, escura; em frente havia uma porta que conduzia ao outro lado do tabique, evidentemente o quarto dos donos da casa. À direita, atravessando a antessala, se passava para o quarto que estava sendo alugado. Era bem estreito e apertado, espremido pelo tabique contra duas janelas bem baixas. A casa estava toda atravancada e atulhada de objetos indispensáveis a qualquer residência; era pobre, apertada, mas na medida do possível limpa. Os móveis consistiam em uma mesa branca modesta, duas cadeiras também modestas e bancos em ambos os lados das paredes. Sobre uma prateleira no canto havia uma imagem grande, antiga, com auréola dourada, e uma lamparina acesa diante dela. No quarto alugado e em parte da antessala ficava um forno a lenha russo enorme e desajeitado. Era evidente que não dava para viver em três num apartamento desse.

Começaram a tratar do aluguel, mas com tal incoerência que custaram a se entender. Ordínov, a dois passos dela, podia ouvir-lhe as batidas do coração; percebia que ela tremia

toda de emoção e, quem sabe, de medo. Por fim, acabaram por chegar a um acordo. O rapaz comunicou-lhes que se mudaria imediatamente e lançou um olhar para o dono da casa. O velho, parado à porta, ainda estava pálido; mas um sorriso sereno e até pensativo se insinuava em seus lábios. Ao encontrar o olhar de Ordínov, tornou a franzir as sobrancelhas.

– Tem passaporte? – perguntou de repente alto, com uma voz entrecortada, ao abrir-lhe a porta de entrada.

– Sim! – respondeu Ordínov um pouco desconcertado.

– Quem é você?

– Sou Vassíli Ordínov, nobre, não trabalho, me dedico às minhas coisas – respondeu ele imitando o tom do velho.

– E eu também – respondeu o velho. – Sou Iliá Múrin, burguês; é suficiente para você? Pode ir...

Em uma hora Ordínov já estava no novo apartamento, para surpresa não só sua como também de seu alemão, que já começava a desconfiar, junto com a obediente Tikhen, de que o inquilino que aparecera os havia enganado. O próprio Ordínov não entendia como tudo isso havia se dado, mas nem queria entender...

II

O coração batia-lhe de tal maneira, que sentiu turvar-se-lhe a vista e a cabeça começar a girar. Maquinalmente, pôs-se a acomodar seus míseros pertences no novo alojamento, desatou um embrulho com vários objetos indispensáveis, abriu um baú de livros e começou a colocá-los sobre a mesa; mas logo largou mão de todo esse trabalho. A imagem da mulher que ao primeiro encontro havia perturbado e transtornado toda a sua existência, enchendo-lhe o coração de um entusiasmo tão convulsivo e incontrolável, resplandecia a todo instante diante de seus olhos; era tanta felicidade invadindo de uma só vez sua miserável vida, que seus pensamentos se obscureciam e seu espírito sufocava em

angústia e ansiedade. Pegou o passaporte e foi levá-lo ao seu senhorio na esperança de vê-la. Mas Múrin mal entreabriu a porta, pegou o documento, lhe disse: “Está bem, fique em paz”, e tornou a se trancar no quarto. Uma sensação desagradável apoderou-se de Ordínov. Sem saber por que, começava a lhe fazer mal olhar para esse velho. Em seu olhar havia algo de desdenhoso e maldoso. Mas essa impressão desagradável logo se dissipou. Havia já três dias que Ordínov vivia numa espécie de turbilhão, em comparação com a calma da vida que levava antes; mas não estava em condições e chegava até a sentir medo de refletir sobre isso. Tudo havia se baralhado e se confundido em sua existência; tinha a profunda sensação de que toda a sua vida como que se partira ao meio; estava possuído por um único desejo, por uma única expectativa, nenhum outro pensamento o perturbava.

Perplexo, retornou ao seu quarto. Ali, junto ao forno, uma velhota baixa e encurvada cuidava de preparar a comida, estava tão suja e vestia trapos tão repugnantes que dava pena olhar para ela. Passava a impressão de ser muito má e de vez em quando resmungava alguma coisa consigo mesma rezingando com os lábios. Era a criada da casa. Ordínov quis puxar conversa com ela, mas ela não respondeu, sem dúvida por maldade. Enfim chegou a hora do almoço; a velha retirou do forno uma sopa de repolho, pastéis e carne e levou aos patrões. Serviu a mesma coisa a Ordínov. Após o almoço reinou no apartamento um silêncio mortal.

Ordínov pegou um livro e ficou folheando-o por longo tempo, se esforçando para atinar o sentido do que já havia lido pela enésima vez. Impaciente, largou o livro e quis de novo tentar pôr seus trastes em ordem; por fim vestiu o capote, pegou seu gorro e saiu para a rua. Andando ao acaso, sem atentar o caminho, fazia todo o esforço possível para se concentrar, juntar seus pensamentos desordenados e refletir ao menos um pouco sobre sua situação. Mas esse esforço só fazia afundá-lo ainda mais em aflições e torturas. Uma febre alternada com calafrios apoderava-se dele, e por momentos repentinamente o coração começava a bater-lhe com tanta força que se via obrigado a se apoiar em alguma parede.

“Não, antes a morte – pensava ele –, antes a morte” – murmurava com os lábios inflamados, tremendo, sem pensar muito no que dizia. Caminhou durante muito tempo; por fim, ao sentir que estava ensopado até os ossos e só então se dar conta de que chovia a cântaros, voltou para casa. Perto do prédio viu seu porteiro. Teve a impressão de que por uns momentos o tártaro o ficara observando atentamente e com curiosidade e só retomara seu caminho ao perceber que tinha sido visto.

– Boa tarde – disse Ordínov, alcançando-o. – Como você se chama?

– Me chamo porteiro – respondeu ele, arreganhando os dentes.

– Faz tempo que é porteiro aqui?

– Faz.

– Meu senhorio é um burguês?

– Burguês, se foi o que disse.

– O que é que ele faz?

– É doente; vive, reza a Deus – é isso aí.

– E ela, é mulher dele?

– Que mulher?

– A que vive com ele?

– Mulher, se foi o que disse. Até logo, senhor.

O tártaro levou a mão ao gorro em sinal de despedida e entrou em seu cubículo.

Ordínov foi para o seu apartamento. A velha, rezingando e resmungando alguma coisa consigo mesma, abriu-lhe a porta, tornou a trancá-la com o ferrolho e a trepar no forno, sobre o qual passava seus dias. Já estava anoitecendo. Ordínov foi atrás de fogo e viu que a porta dos senhorios estava trancada a chave. Chamou a velha, que, soerguendo-se nos cotovelos, o observava atentamente do forno, parecendo se perguntar o que estaria ele querendo junto à fechadura dos senhorios; sem dizer nada, jogou-lhe uma caixa de fósforos. Ele voltou para o quarto e, pela centésima vez, recomeçou a arrumar suas coisas e seus livros. Mas pouco depois, sem atinar o que se passava com ele, sentou-se no banco e teve a

impressão de ter adormecido. Às vezes voltava a si e desconfiava que seu sono não era sono, mas uma espécie de torpor mórbido e torturante. Ouviu baterem à porta, ela se abriu, e adivinhou que eram os senhorios retornando das vésperas. Nisso veio-lhe à mente que precisava ir vê-los por algum motivo. Levantou-se e teve a impressão de já estar indo até eles, mas tropeçou e caiu num monte de lenha que a velha havia largado no meio da peça. Nisso adormeceu de vez, e ao abrir os olhos muito, muito tempo depois, percebeu, para seu espanto, que continuava deitado no mesmo banco, do jeito que estava antes, vestido, e que sobre ele, com uma solicitude cheia de ternura, pendia um rosto feminino de uma beleza celestial, parecendo todo umedecido de lágrimas maternais e silenciosas. Sentiu que lhe tinham colocado um travesseiro sob a cabeça, agasalhado-o com algo quente e que havia uma mão suave pousada sobre sua fronte escaldante. Queria agradecer, queria pegar essa mão, levá-la aos seus lábios ressequidos, umedecê-la com suas lágrimas e beijá-la, beijá-la por toda a eternidade. Tinha vontade de lhe dizer tanta coisa, mas o quê – nem ele mesmo sabia; teve vontade de morrer nesse instante. Mas suas mãos pareciam de chumbo, não se moviam; era como se tivesse emudecido, só sentia o sangue se espalhando rapidamente por todas as suas veias, quase a ponto de soerguê-lo da cama. Alguém lhe deu água... Por fim perdeu a consciência.

Acordou de manhã por volta das oito horas. O sol despejava seus raios num feixe dourado através das janelas verdes de seu quarto, cobertas de mofo; uma sensação agradável acalentava todo o corpo do doente. Ele estava calmo e quieto, infinitamente feliz. Pareceu-lhe que nesse momento havia alguém à sua cabeceira. Acordou procurando solícitamente à sua volta aquela criatura invisível; queria tanto abraçar sua amiga e dizer pela primeira vez na vida: “Olá, um bom dia para você, minha querida”.

– Como você dorme! – disse uma voz meiga feminina. Ordínov olhou em redor, enquanto o rosto de sua bela senhoria se inclinava para ele com um sorriso afetuoso e radiante como o sol.

– Quanto tempo você esteve doente – disse ela –, agora chega, levante-se; por que está se constrangendo? Nossa liberdadezinha é mais saborosa que o pão, mais esplêndida que o sol. Levante-se, meu pombinho, levante-se.

Ordínov agarrou-lhe a mão e a apertou com força. Tinha a sensação de ainda estar sonhando.

– Espere, eu preparei um chá para você; quer um chá? Toma; se sentirá melhor. Eu sei, também andei adoentada.

– Sim, dê-me algo para beber – disse Ordínov com uma voz fraca, pondo-se de pé. Ainda estava muito fraco. Um calafrio percorreu-lhe a espinha, doíam-lhe todos os membros, como se estivessem quebrados. Mas o coração estava sereno, e os raios do sol pareciam aquecê-lo com uma alegria radiante e solene. Sentia que uma vida nova, intensa e desconhecida acabava de começar para ele. Teve uma ligeira vertigem.

– Então você se chama Vassíli? – perguntou ela –, se não ouvi mal, parece que foi assim que meu senhor o chamou ontem.

– Sim, Vassíli. E você, como se chama? – disse Ordínov, aproximando-se dela e a duras penas mantendo-se de pé. Cambaleou. Ela o agarrou pelo braço, o amparou e pôs-se a rir.

– Eu, Katierina – disse ela, fitando-o nos olhos com seus grandes olhos azuis e claros. Eles estavam de mãos dadas.

– Tem alguma coisa que queira me dizer? – proferiu ela por fim.

– Não sei – disse Ordínov. Sentiu que se lhe toldava a vista.

– Olha como você é. Chega, meu pombinho, chega; não fique triste, não se aflija; sente-se aqui, ao sol, à mesa; fique quietinho aí e não venha atrás de mim – acrescentou ela ao ver que o jovem fez menção de detê-la – eu já volto para ficar com você; terá tempo de sobra para se fartar de me ver. – Em um minuto ela trouxe o chá, colocou-o sobre a mesa e se sentou de frente para ele.

– Pega, toma à vontade – disse ela. – O que foi, está com dor de cabeça?

– Não, agora não está doendo – disse ele. – Não sei, talvez esteja doendo... eu não quero... chega, chega!.. Nem sei o que há comigo – disse ele, com a respiração arquejante, depois de encontrar a mão dela – fique aqui, não se afaste de mim; me dê, me dê de novo sua mão... Sinto ofuscar-me a vista; olhar para você é como olhar para o sol – disse ele, como se arrancasse suas palavras do coração, desfalecendo de êxtase ao pronunciá-las. Os soluços lhe comprimiam a garganta.

– Pobrezinho! Pelo jeito você não vivia com gente de bem. Você é sozinho no mundo; não tem parentes?

– Não tenho ninguém; sou sozinho... não importa, deixa pra lá! Agora me sinto melhor... estou bem agora! – disse Ordínov, como se estivesse delirando. O quarto parecia girar à sua volta.

– Eu mesma passei muitos anos sem ver viva alma. Você me olha de um jeito... proferiu ela após um breve silêncio.

– Então diga... como?

– É como se meus olhos o aquecessem! Sabe... quando se ama alguém... Às suas primeiras palavras o acolhi em meu coração. Pode adoecer, tornarei a cuidar de você. Mas não adoença, não. Se levantará, vamos viver como irmão e irmã. Quer? Pois arranjar uma irmã não é nada fácil, quando Deus não nos a deu.

– Quem é você? De onde você vem? – pronunciou Ordínov num fio de voz.

– Não sou daqui... e o que importa! Sabe, as pessoas contam que em um bosque escuro viviam doze irmãos e que uma linda menina se perdeu nesse bosque. Ela entrou na casa deles, arrumou toda a casa para eles e em tudo pôs seu amor. Quando os irmãos chegaram, descobriram que uma irmãzinha havia passado o dia lá. Começaram a chamá-la e ela foi ao encontro deles. Eles todos a chamaram de irmã, a deixaram livre e ela era igual a todos. Conhece essa história?

– Conheço – sussurrou Ordínov.

– A vida é bela; você gosta de viver nesse mundo?

– Sim, sim; viver para sempre, viver muito – respondeu Ordínov.

– Não sei – disse Katerina, pensativa – eu bem que queria morrer. É bom amar a vida e amar pessoas boas, é verdade... Olha, você está de novo branco como cera!

– Sim, estou sentindo uma tontura...

– Espera, vou trazer para você minha roupa de cama e um travesseiro – outro; farei aqui sua cama. Vai dormir e sonhar comigo; o mal-estar passará. Nossa velhota também está doente...

Nem acabou de falar, já foi tratando de fazer a cama, olhando às vezes para Ordínov, por cima do ombro, com um sorriso.

– Quanto livro você tem! – disse ela, deslocando o baú.

Aproximou-se dele, pegou-o pela mão direita, o conduziu até a cama, fazendo-o se deitar, e o cobriu com um cobertor.

– Dizem que os livros estragam as pessoas – disse ela, meneando a cabeça pensativamente. – Você gosta de ler nos livros?

– Gosto – respondeu Ordínov, sem saber se estava dormindo ou não e apertando a mão de Katerina com mais força para se certificar de que estava acordado.

– Meu senhor tem muitos livros; está vendo quantos! ele diz que são sagrados. Está sempre lendo-me alguma coisa deles. Depois eu lhe mostro; e você então me dirá o que é que ele tanto lê neles para mim?

– Direi – sussurrou Ordínov, fitando-a insistentemente.

– Você gosta de rezar? – perguntou ela depois de um breve silêncio. – Sabe o que é? Eu vivo com medo, tenho medo de tudo...

Não terminou de falar, parecia estar refletindo sobre alguma coisa. Ordínov por fim levou a mão dela aos lábios.

– Por que está beijando minha mão? (E um ligeiro rubor cobriu-lhe as faces.) Toma, pode beijá-las – continuou ela, rindo e oferecendo-lhe ambas as mãos; depois retirou uma e a pousou na fronte escaldante dele, em seguida se pôs a arrumar-lhe e a acariciar-lhe os

cabelos. Enrubescia cada vez mais; por fim se sentou no chão ao lado da cama e encostou a face à dele; sua respiração quente e úmida roçava o rosto dele... De repente Ordínov sentiu que lágrimas de fogo corriam dos olhos dela e caíam como chumbo derretido em suas faces. Sentia-se cada vez mais fraco; já nem conseguia mover a mão. Nesse momento ouviu-se uma batida na porta e o rangido do ferrolho. Ordínov ainda chegou a ouvir o velho, seu senhorio, entrando do outro lado do tabique. Depois percebeu que Katierina havia se levantado e pegou seus livros sem pressa e sem se perturbar, percebeu que ao sair fizera nele o sinal da cruz; ele fechou os olhos. De súbito um beijo ardente e demorado queimou-lhe os lábios inflamados, como se o tivessem apunhalado no coração. Soltou um grito fraco e perdeu os sentidos...

Depois teve início para ele uma vida estranha.

Por vezes, em momentos de vaga consciência, tinha lampejos de que estava condenado a viver numa espécie de sonho longo, interminável, cheio de sobressaltos, lutas e sofrimentos estranhos e estéreis. Aterrorizado, tentava se insurgir contra esse fatalismo funesto que o oprimia, mas no momento cruciante e mais desesperador da luta uma força desconhecida tornava a golpeá-lo, e ele percebia, sentia claramente que estava de novo perdendo a memória, que de novo uma escuridão impenetrável e insondável se abria diante dele, e ele se lançava a ela com um uivo de angústia e desespero. Por vezes lampejavam-lhe momentos de uma felicidade aniquiladora e insuportável, que se experimenta quando a energia vital lateja convulsivamente por todo o ser, o passado se torna nítido, o radioso instante presente ressoa exultante e alegre e se sonha de olhos abertos com o futuro ignorado; quando uma esperança inexprimível cai sobre a alma como um orvalho vivificante; quando se tem vontade de gritar de êxtase; quando se sente que a carne é tão impotente diante do peso de tais impressões, que todo o fio da existência está prestes a se romper, e quando ao mesmo tempo se festeja toda a vida com a renovação e a ressurreição. Por vezes voltava a cair num estado de torpor, e então tudo o que lhe havia acontecido nos últimos dias tornava a se repetir e acorria-lhe à mente como um enxame confuso e

revoltoso; mas essa visão se lhe apresentava de modo estranho e enigmático. Por vezes o doente se esquecia do que havia acontecido com ele e admirava-se de não estar no antigo alojamento, com a antiga senhoria. Ficava perplexo de ver que a velhota não vinha, como sempre fazia à tarde, na hora do crepúsculo, para junto do forno que estava se apagando e de tempo em tempo inundava com um brilho tênue e bruxuleante todo o canto escuro do quarto, e não estava aquecendo suas mãos ossudas e trêmulas, como tinha o hábito, junto do fogo agonizante, à espera de que ele se extinguisse, sempre tagarelando e murmurando consigo mesma, e de vez em quando lançando um olhar perplexo para ele, o seu inquilino esquisito, que para ela havia perdido o juízo de tanto ficar debruçado sobre os livros. Outras vezes ele se lembrava de ter se mudado para um outro apartamento; mas como isso havia se dado, o que havia acontecido com ele e por que motivo se vira obrigado a se mudar, isso ele não sabia, ainda que paralisasse todo o seu ânimo num esforço incessante e incontrolável... Mas para onde, o que era isso que o chamava e o atormentava e quem havia lançado essa chama insuportável, que o estava sufocando, devorando-lhe todo o sangue? – de novo não sabia nem se lembrava. Estava sempre tentando agarrar avidamente uma sombra com as mãos, com frequência tinha a impressão de ouvir um rumor de passos leves, próximos, pegados à sua cama, e o sussurro, doce como uma música, das palavras ternas e afáveis de alguém; de sentir uma respiração impetuosa e úmida deslizando-lhe pelo rosto, fazendo tremer de amor todo o seu ser; lágrimas ardentes queimando-lhe as faces em fogo, e de repente lhe cravavam um beijo demorado e terno nos lábios; então sua vida definhava num suplício inextinguível; parecia-lhe que toda a sua existência, que o mundo todo se detinha, morria por séculos inteiros em seu redor, e uma noite longa, milenar, se estendia sobre tudo...

Ou, então, era como se retornasse aos anos ternos e serenos de sua primeira infância, com sua alegria radiante, uma felicidade inexaurível, o primeiro e doce espanto diante da vida, com enxames de espíritos luminosos que voavam de cada florzinha que ele colhia, brincavam com ele no prado fértil e verdejante diante de uma casinha circundada de

acácias, sorriam para ele do lago cristalino e infinito, à beira do qual ele passava horas a fio sentado, ouvindo as ondas se quebrarem uma sobre a outra, e farfalhavam as asas em seu redor, salpicando amorosamente sonhos irisados e luminosos em seu pequeno berço, quando sua mãe, inclinada sobre ele, o benzia com o sinal da cruz, o beijava e o embalava nas noites longas e imperturbáveis com uma suave canção de ninar. Mas nisso de repente foi aparecendo uma criatura que incutia nele um terror que nada tinha de infantil, que instilava o primeiro veneno lento da dor e das lágrimas em sua vida; sentia de modo confuso que um velho desconhecido mantinha em seu poder todos os seus anos futuros, e, tremendo, não conseguia desviar dele os olhos. O velho malvado o seguia por toda parte. Espreitava-o de cada moita do pequeno bosque e enganosamente lhe acenava com a cabeça, ria, caçoava dele, encarnava em cada boneca da criança, fazendo caretas e dando gargalhadas em seus braços, como um gnomo malvado e detestável; instigava cada um de seus impiedosos companheiros de escola contra ele ou, quando se sentava com a garotada no banco escolar, ficava à espreita sob cada letra de sua cartilha e lhe fazia caretas. Depois, na hora de dormir, o velho maligno se sentava à sua cabeceira... Ele afugentou os enxames de espíritos luminosos que farfalhavam ao redor de seu berço com suas asas de ouro e safira, afastou dele para sempre sua pobre mãe e por noites inteiras punha-se a sussurrar-lhe ao ouvido uma história fantástica, comprida, incompreensível para o coração de uma criança, mas que o perturbava e atormentava com um terror e uma paixão que nada tinham de infantil. Mas o velho maligno não ouvia nem seus soluços nem suas súplicas e continuava o tempo todo falando, até o momento em que ele, entorpecido, perdia a consciência. Depois o menino de repente acordou homem feito; anos inteiros haviam se passado sem que ele visse e percebesse. De repente se deu conta de sua real situação, de repente começou a compreender que era uma pessoa solitária e estranha a todo mundo, que estava sozinho num canto alheio, em meio a uma gente misteriosa e suspeita, a inimigos que se juntam e ficam o tempo todo cochichando pelos cantos de seu quarto escuro e fazendo sinais para uma velha acocorada junto ao fogo, que aquecia suas mãos velhas e

decrépitadas, apontando-as para ele. Sentia-se ansioso e inquieto; queria saber de tudo, que gente era aquela e por que estava ali, por que ele próprio estava nesse quarto, e desconfiou de que havia se metido em algum covil escuro de bandidos, atraído por alguma coisa poderosa, mas desconhecida, sem ter antes examinado quem e que espécie de gente eram os inquilinos e quem exatamente eram seus senhores. Essa suspeita começava a atormentá-lo – e de repente, em meio à escuridão noturna, de novo começou a ouvir uma história longa e sussurrada, e uma velha, balançando tristemente sua cabeça branca e grisalha diante do fogo que agonizava, começou a contá-la para si mesma numa voz baixa, quase inaudível. Mas o terror voltou a tomar conta dele: a história se encarnava em rostos e formas diante dele. Ele via que tudo, desde suas confusas fantasias infantis, todos os seus sonhos e pensamentos, tudo o que havia passado na vida, tudo o que havia lido nos livros, coisas de que já havia se esquecido fazia tempo, tudo se animava, tudo tomava forma, se encarnava, se erguia diante dele em formas e imagens colossais, se movia e enxameava em seu redor; via jardins luxuriantes e encantados se estenderem na sua frente, cidades inteiras sendo constituídas e destruídas diante dele, via cemitérios inteiros lhe enviarem seus mortos³, que começavam a viver de novo, via tribos e povos inteiros que chegavam, nasciam e terminavam seus dias diante de seus olhos, via encarnar-se enfim, agora, em torno de seu leito de doente, cada um de seus pensamentos, cada uma de suas fantasias abstratas, encarnar-se quase no instante de sua concepção; e, por fim, via que pensava não por idéias abstratas, mas por mundos inteiros, criações inteiras, via-se turbilhonando como um grão de poeira por todo esse universo infinito, estranho e sem saída, via como toda essa vida, com sua conturbada independência, o esmagava, o oprimia e o perseguia com uma ironia eterna, infinita; sentia-se morrendo, sendo reduzido a pó e a cinza para todo o sempre,

³ Esta passagem na descrição do delírio de Ordínov é bem possível que tenha sido inspirada por palavras semelhantes do monólogo de Baron na tragédia “O cavaleiro aváro”, de Púchkin (cena 2): “De que lua e túmulos obscurece. Se rebelam e enviam os mortos. Em relação a esta imagem em Púchkin e Dostoiévski com motivos parecidos em “Mackbeth”, de Shakespeare (onde, assim como na descrição do delírio de Ordínov, a profetização das feiticeiras e a vida humana se equipara a um conto maravilhoso – ação 3, cena 4; ação 5, cena 4 – menciona-se os túmulos que enviam de volta os mortos – ação 3, cena 4) ver: artigo: Iu. D. Levin. Metáfora em “O cavaleiro aváro”. “Rússkaia rietch”, 1969, nº 3, p. 17-20.

sem esperança de ressurreição; queria fugir, mas, em todo o universo, não havia um canto onde pudesse se esconder. Finalmente, num acesso de desespero, reuniu todas as suas forças, soltou um grito e acordou...

Acordou todo banhado de um suor frio, glacial. À sua volta reinava um silêncio mortal; era noite alta. Todavia, teve a impressão de que sua história maravilhosa ainda continuava em algum lugar, de que uma voz rouca realmente contava uma longa história sobre algo que lhe parecia familiar. Ele ouvia falar de florestas escuras, de uns bandidos destemidos, de um jovem audacioso, que só faltava ser o próprio Stiénka Rázin, de alegres barqueiros bêbados, de uma linda menina e da mãe-Volga. Seria isso uma história? estava realmente ouvindo isso? Ficou uma hora inteira deitado de olhos abertos sem mover um só músculo, num torpor torturante. Por fim soergueu-se cautelosamente e com alegria percebeu que a atroz doença não lhe havia exaurido as forças. O delírio havia passado, dando lugar à realidade. Viu que continuava vestido tal como estava quando conversava com Katierina, e que, portanto, não havia transcorrido tanto tempo desde a manhã em que ela saíra de seu quarto. O fogo da resolução percorreu-lhe as veias. Maquinalmente, pôs-se a procurar com as mãos um prego grande, pregado sabe-se lá por que no alto do tabique, junto ao qual lhe haviam preparado a cama, agarrou-o e, pendurando-se nele com o corpo todo, acabou por alcançar uma fresta, pela qual entrava uma luz quase imperceptível em seu quarto. Encostou os olhos no orifício e ficou olhando, quase sem fôlego, de tão agitado.

Em um canto do quartinho dos senhorios ficava a cama, e diante da cama, coberta com um tapete, uma mesa abarrotada de livros antigos em formato grande, com encadernações que lembravam as dos livros sagrados. No canto tinha um ícone, tão antigo quanto o que estava seu quarto; diante do ícone ardia uma lamparina. O velho Múrin estava deitado na cama, doente, extenuado pelo sofrimento e pálido como um cadáver, enrolado em um cobertor de peles. Tinha um livro aberto sobre os joelhos. Katierina estava deitada num banco ao lado da cama, com a cabeça reclinada sobre o ombro do velho e o braço cingindo-lhe o peito. Fitava-o com um olhar infantil atento, maravilhado, e parecia ouvir

com uma curiosidade incontida, morrendo de ansiedade, o que lhe contava Múrin. De vez em quando a voz do narrador se elevava, reanimando seu rosto pálido; franzia as sobrancelhas, seus olhos começavam a brilhar, e Katierina parecia empalidecer de medo e inquietação. Nessa hora algo parecido com um sorriso se esboçava no rosto do velho, e Katierina começava a rir baixinho. Às vezes seus olhos se enchiam de lágrimas; então o velho lhe acariciava ternamente a cabeça, como a uma criança, e ela o abraçava ainda com mais força, com seus braços nus, brilhantes como a neve, e se estreitava ainda mais amorosamente em seu peito.

Por vezes Ordínov achava que isso tudo ainda era sonho, chegou até a acreditar nisso; mas o sangue subiu-lhe à cabeça e as veias, tensionadas, latejaram-lhe dolorosamente nas têmporas. Ele soltou o prego, levantou-se da cama e, cambaleando, tateando o caminho como um lunático, sem que ele próprio compreendesse esse impulso que lhe abrasava o sangue como um verdadeiro incêndio, aproximou-se da porta dos senhorios e a empurrou com força; o ferrolho enferrujado saltou na hora, e ele, com um barulho estrepitoso, foi parar de repente no meio do quarto dos senhorios. Viu que Katierina se sobressaltou e estremeceu toda, que os olhos do velho faiscaram de ódio sob as sobrancelhas pesadamente contraídas e que uma fúria repentinamente desfigurou-lhe todo o rosto. Viu que o velho, sem tirar os olhos de cima dele procurava às pressas, apalpando, um fuzil pendurado na parede; depois viu brilhar o cano do fuzil, apontado diretamente para o seu peito por uma mão insegura e trêmula de raiva... Ressoou um tiro, em seguida ressoou um grito selvagem, quase inumano, e, quando a fumaça se dissipou, um terrível espetáculo deixou Ordínov estarecido. Com o corpo todo tremendo, inclinou-se sobre o velho. Múrin estava caído no chão; se contorcia em convulsões, com o rosto desfigurado pelo sofrimento e espuma em seus lábios retorcidos. Ordínov intuiu que o infeliz havia tido um ataque de epilepsia dos mais cruéis. Junto com Katierina, precipitou-se a socorrê-lo...

III

Foi uma noite muito agitada. No dia seguinte Ordínov saiu de manhã bem cedo, apesar da fraqueza e da febre, que ainda não o havia abandonado de todo. No pátio tornou a encontrar o porteiro. Desta vez foi o tártaro que, ainda de longe, soerguendo o gorro, lançou-lhe um olhar cheio de curiosidade. Depois, como que refletindo, pôs-se a varrer olhando de esguelha para Ordínov, que se aproximava devagar.

– E então, não ouviu nada esta noite? – interrogou Ordínov.

– Sim, ouvi.

– Quem é esse homem? quem ele é?

– Quem alugou é que deve saber; eu não sei de nada

– Mas vai ter de falar! – gritou Ordínov fora de si, num acesso doentio de irritabilidade.

– O que foi que eu fiz? A culpa é sua – você assustou os vizinhos. Em baixo mora o fabricante de caixões: ele é surdo, mas ouviu tudo, sua mulher também é surda e também ouviu. E no outro pátio, apesar de ser longe, também deu para ouvir – aí está. Vou procurar o inspetor.

– Eu mesmo o farei – respondeu Ordínov e se dirigiu ao portão.

– Faça como bem entender; foi você que alugou... Senhor, senhor, espere!

Ordínov se voltou; o porteiro levou respeitosamente a mão ao gorro.

– O que foi?

– Se você for, vou contar ao senhorio.

– O quê?

– É melhor que se mude.

– Você é um estúpido – proferiu Ordínov e já ia tornando a sair.

– Senhor, senhor, espere! – O porteiro tornou a levar a mão ao gorro e arreganhou os dentes.

– Ouça, senhor: ponha a mão na consciência; para que perseguir esse pobre coitado?

Não vê que é pecado perseguir um coitado desse. Deus não permite, está ouvindo?

– Então ouça você também: toma, pega isso. Pois bem, quem então é esse aí?

– Quem é esse aí?

– Sim.

– Mesmo sem o dinheiro ia dizer.

Nisso o porteiro pegou a vassoura, deu uma, duas vassouradas, depois parou, fitando atentamente Ordínov com um ar grave.

– Você é um senhor de bem. Mas não quer viver com um homem de bem, faça como quiser; é só o que eu digo.

Nisso o tártaro olhou para ele de um modo ainda mais expressivo e, como se estivesse zangado, recomeçou a varrer. Por fim, dando a entender que havia terminado a tarefa, se aproximou de Ordínov de um jeito misterioso e, depois de fazer um gesto bastante expressivo, proferiu:

– Isso é o que ele é!

– O quê? Como?

– Perdeu o juízo.

– O quê?

– Foi para o espaço. É verdade! foi para o espaço! – repetiu ele com um tom de voz ainda mais misterioso. – É doente. Tinha um barco, era grande, e mais um, e um terceiro, percorria o Volga, eu mesmo sou do Volga; tinha também uma fábrica, mas ela pegou fogo, e ele perdeu a cabeça.

– Ele é louco?

– Não!.. Não! – respondeu pausadamente o tártaro. – Não é loucura. É um homem inteligente. Sabe tudo, leu muitos, muitos, muitos livros, ele lia e falava tudo para as pessoas, tintim por tintim. E, aí, alguém chegava: dois rublos, três rublos, quarenta rublos, se não quiser, como queira; ia, olhava o livro, via e dizia toda a verdade. Mas com os cobres em cima mesa, no ato em cima da mesa – sem os cobres, nada feito!

Nisso o tártaro, que havia tomado partido dos interesses de Múrin com um excesso de zelo, se pôs até a rir com gosto.

– O quê, ele fazia feitiço, predizia o futuro para as pessoas?

– Hum... – rosnou o porteiro, acenando ligeiramente com a cabeça –, ele falava a verdade. Ele reza muito, vive rezando a Deus. Se não fosse assim, viveria atacado.

Nisso o tártaro tornou a repetir seu gesto expressivo.

Nesse momento alguém chamou o porteiro do outro pátio, e logo em seguida apareceu um homenzinho baixo, grisalho e encurvado, com um *tulup* de pele. Ia aos tropeções, se lamuriando e olhando para o chão, resmungando algo com seus botões. Podia-se pensar que era um velho gagá.

– O senhorio, o senhorio! – murmurou afobado o porteiro, fez um ligeiro aceno com a cabeça a Ordínov e, tirando às pressas o gorro às pressas, correu ao encontro do velhote, cujo rosto pareceu familiar a Ordínov; pelo menos ele o havia encontrado em algum lugar bem recentemente. Ademais, achando que não havia nada de extraordinário nisso, saiu do pátio. O porteiro lhe pareceu ser um vigarista e descarado de marca maior. “O vadio estava era negaceando comigo!” – pensou ele – “sabe Deus o que tem aí!”

Pronunciou isso já na rua.

Pouco a pouco outros pensamentos começaram a invadi-lo. A impressão era desagradável: um dia cinzento e frio, a neve esvoaçava. O rapaz se sentia de novo sacudido por calafrios; sentia também que a terra parecia começar a ondular sob seus pés. De repente uma voz conhecida de tenor, esganiçada e desagradavelmente adocicada desejou-lhe bom-dia.

– Iaroslav Ilitch! – disse Ordínov.

Diante dele estava um homem bem disposto, de faces coradas, aparentando uns trinta anos, de estatura mediana, olhos melosos acinzentados, sorridente, vestido... como costuma se vestir Iaroslav Ilitch, que lhe estendeu a mão de um jeito bem cordial. Ordínov havia conhecido Iaroslav Ilitch há exatamente um ano do modo mais casual, praticamente

na rua. Para essa amizade tão fácil havia contribuído, além do acaso, a extraordinária predisposição de Iaroslav Ilitch a cruzar por todo lado com pessoas de bem e generosas, antes de tudo instruídas e ao menos dignas, pelo talento e pelas boas maneiras, de fazer parte da alta sociedade. Embora Iaroslav Ilitch tivesse uma voz de tenor extremamente adocicada, todavia, até mesmo nas conversas com os amigos mais sinceros, deixava transparecer em seu tom algo de extraordinariamente sereno, potente e imponente e que não aturava delongas de espécie alguma, o que, talvez, fosse uma conseqüência do hábito.

– Como é possível? – exclamou Iaroslav Ilitch com a mais sincera e exaltada expressão de alegria.

– Estou morando aqui.

– Faz tempo? Continuou Iaroslav Ilitch, com um tom cada vez mais agudo. – E eu que não sabia disso! Mas então somos vizinhos! Agora estou neste distrito⁴. Já está fazendo um mês que retornei da província de Riazan. Não é que o peguei, meu velho e nobilíssimo amigo. – E Iaroslav Ilitch desatou a rir do modo mais bonachão.

– Sierguêiev! – gritou ele com inspiração – me espere lá no Tarássov, e nada de mexer nos sacos sem mim. E mande embora o porteiro do Olsúfiev; diga-lhe para se apresentar imediatamente na repartição. Eu chego em uma hora...

– Depois de dar essa ordem a alguém às pressas, o delicado Iaroslav Ilitch pegou Ordíov pelo braço e o levou à taverna mais próxima.

– Não sossegarei enquanto não trocarmos duas palavrinhas a sós, após tão longa separação. E então, como está seu trabalho? – acrescentou ele quase com veneração e abaixando a voz de um jeito misterioso. – Sempre nos estudos?

– Sim, tudo como antes. – respondeu Ordíov, ao qual ocorreu uma idéia brilhante.

– É esplêndido, Vassíli Mikháilovitch, esplêndido! – Nisso Iaroslav Ilitch apertou fortemente a mão de Ordíov. O senhor será o orgulho da nossa sociedade. Queira Deus que o senhor seja bem sucedido em sua carreira... Meu Deus! Como estou contente por

⁴ Como se pode ver no conto “O senhor Prokhardtin”, onde atua o mesmo personagem, Iaroslav Ilitch é um funcionário da polícia (*N. do T.*).

tê-lo encontrado! Quantas vezes me lembrei do senhor, quantas vezes disse: Onde estará o nosso bom, generoso e espirituoso Vassíli Mikháilovitch?

Eles se instalaram em um recinto reservado. Iaroslav Ilitch pediu uma entrada, mandou que lhes servissem vodca e fitou Ordínov com um olhar afetuoso.

– Eu li muito sem o senhor – começou a falar com um tom de voz tímido e meio insinuante. – Li todo o Púchkin...

Ordínov olhou-o distraído.

– É impressionante a representação da paixão humana, senhor. Mas, antes de mais nada, permita-me exprimir-lhe minha gratidão. O senhor fez tanto por mim, iniciando-me com nobreza na visão justa das idéias...

– Ora, por favor!

– Não, permita-me dizer, senhor. Sempre gostei de reconhecer o que é justo e me orgulho de que pelo menos este sentimento não tenha se esmorecido em mim.

– Por favor, o senhor não está sendo justo consigo próprio, e eu, realmente...

– Não, estou sendo inteiramente justo, senhor – replicou Iaroslav Ilitch com uma veemência extraordinária. – O que sou eu em comparação com o senhor? Não é verdade?

– Ora, meu Deus!

– É verdade, senhor...

– Nisso fez-se um silêncio.

– Seguindo seus conselhos, rompi com uma porção de conhecidos vulgares e atenuiei em parte a vulgaridade dos meus hábitos – recomeçou Iaroslav Ilitch num tom de voz meio tímido e insinuante. – Passo em casa a maior parte do tempo livre, quando não estou trabalhando; à noite leio algum livro útil, e... o meu único desejo, Vassíli Mikháilovitch, é ser útil à pátria, pelo menos à medida da minha capacidade...

– Eu sempre o considerei uma pessoa nobilíssima, Iaroslav Ilitch.

– O senhor me traz sempre um bálsamo... nobre jovem...

Iaroslav Ilitch apertou calorosamente a mão de Ordínov.

– O senhor não está bebendo? – observou, aplacando um pouco sua agitação.

– Não posso; estou doente.

– Doente? Mas, é verdade? Já faz tempo, como, de que modo o senhor se dignou a adoecer? Se quiser, falarei... quem é o médico que está tratando do senhor? Se quiser, falarei agora mesmo com nosso médico particular. Eu mesmo irei vê-lo, pessoalmente. Um homem dos mais habilidosos!

Iaroslav Ilitch já ia pegando seu chapéu.

– Agradeço-lhe muito. Não estou me tratando e não gosto de médicos...

– O que está dizendo? como é possível? Mas essa é uma pessoa das mais habilidosas, das mais instruídas – continuou Iaroslav Ilitch, implorando –, um dia desses – mas permita-me contar-lhe isso, meu caro Vassíli Mikháilovitch –, um dia desses vem vê-lo um pobre serralheiro: “olha só, diz, cortei a mão com minha ferramenta; cure-me...” Siemión Pafnútitich, vendo que o infeliz estava ameaçado de contrair uma gangrena, tomou a medida de amputar o membro infeccionado. Ele o fez na minha frente. Mas a coisa foi feita de um jeito, com tanta generos... isto é, de modo tão admirável, que, confesso, se não fosse a compaixão pelo sofrimento humano, então teria sido agradável olhar, só por olhar, por curiosidade, senhor.

– Mas onde e como ficou doente?

– Ao me mudar de apartamento... Acabo de me levantar.

– Mas o senhor ainda está muito enfermo, e não deveria sair. De modo que o senhor, então, já não mora no mesmo lugar de antes? Mas o que o induziu?

– Minha senhoria foi embora de Petersburgo.

– Domna Savvichna? Como é possível?.. Uma velhinha realmente boa e generosa! O senhor sabe? Eu sentia por ela um respeito quase filial. Alguma coisa de sublime, da época de nossos bisavós, resplandecia naquela vida quase caduca; e ao olhar para ela era como se se estivesse vendo diante de si a encarnação dos nossos tempos antigos, majestosos... quer dizer, disso... há algo nisso, sabe, de quase poético!.. concluiu Iaroslav Ilitch, todo

intimidado e corando até as orelhas.

– É verdade, era uma mulher bondosa.

– Mas, permita-me saber, onde dignou-se o senhor a se instalar agora?

– Perto daqui, no prédio de Kochmárov.

– Eu o conheço. Um velho magnífico! Ouso dizer-lhe que somos quase amigos íntimos. Bendita velhice!

Os lábios de Iaroslav Ilitch estavam quase tremendo de alegria e de comoção. Pediu mais uma taça de vinho e um cachimbo.

– O senhor está alugando diretamente?

– Não, de uns inquilinos.

– Quem são eles? Pode ser que também os conheça.

– Múrin, um burguês; um velho alto...

– Múrin, Múrin; ah, sim, desculpe-me, senhor, fica no pátio dos fundos, sobre o fabricante de ataúdes?

– Isso, isso, bem no pátio dos fundos.

– Hum... o senhor vive com tranquilidade, senhor?

– É que acabo de me mudar.

– Hum... queria apenas dizer, hum... mas, de resto, o senhor não notou nada de especial?

– A verdade...

– Quer dizer, estou certo de que poderá viver bem na casa dele, se estiver satisfeito com a acomodação... nem é disso que estou falando, apresso-me a preveni-lo; mas, conhecendo seu caráter... O que o senhor achou desse velho burguês?

– Parece ser uma pessoa completamente doente.

– Sim, é uma pessoa muito sofrida... Mas o senhor não notou nada de mais? Não conversou com ele?

– Muito pouco; além de não ser nada sociável, é bilioso...

– Hum... – Iaroslav Ilitch ficou pensativo

– Um infeliz! – disse ele, depois de ficar em silêncio.

– Ele?

– Sim, um infeliz e ao mesmo tempo inacreditavelmente estranho e interessante. De resto, se ele não o incomoda... Desculpe-me por chamar a atenção para esse tema, mas eu fiquei curioso...

– E, para dizer a verdade, despertou também a minha curiosidade... Gostaria muito de saber quem é esse tipo. Afinal, eu moro com ele...

– Veja, senhor: dizem que esse homem em outros tempos foi muito rico. Era comerciante, como o senhor, certamente, deve ter ouvido dizer. Por diversas circunstâncias desafortunadas caiu na pobreza; durante uma tempestade, vários de seus barcos afundaram com toda a carga. Uma fábrica, confiada, parece, à direção de um parente próximo e querido, também fora alvo de uma sorte funesta e pegou fogo, sendo que seu próprio parente pereceu nas chamas do incêndio. O senhor há de concordar que foi uma perda terrível! Então Múrin, contam, caiu num estado de desânimo lastimável; começaram a temer pela sua razão, e, realmente, em uma disputa com outro comerciante, também proprietário de barcos que navegavam pelo Volga, se revelou repentinamente de um ponto de vista tão estranho e inesperado, que todo o incidente não poderia ser atribuído senão a um profundo transtorno mental, no que também eu estou disposto a acreditar. Ouvi contarem em pormenores algumas de suas esquisitices; enfim, aconteceu de repente uma circunstância muito estranha, fatal, por assim dizer, que não dá para explicar de outro modo, a não ser pela influência hostil de um destino encolerizado.

– Que circunstância? Perguntou Ordínov.

– Dizem que num acesso doentio de loucura atentou contra a vida de um jovem comerciante a quem até então era extremamente apegado. Ficou tão transtornado quando voltou a si depois do acesso que esteve prestes a dar cabo da própria vida: pelo menos é o que contam. Não sei o que exatamente aconteceu depois disso, mas o que se sabe é que

passou alguns anos se penitenciando⁵... Mas, o que há com o senhor, Vassíli Mikháilovitch, talvez essa minha narrativa simples o esteja fatigando?

– Oh, não, pelo amor de Deus... O senhor disse que ele esteve se penitenciando; mas ele não é sozinho.

– Não sei, senhor. Dizem que estava sozinho. Pelo menos não havia mais ninguém implicado no caso. E, de resto, não sei o que aconteceu depois; só sei que...

– Diga, senhor.

– Só sei – quer dizer, eu mesmo não teria nada de especial em mente a acrescentar... só quero dizer que, se o senhor encontrar nele algo de estranho e que foge dos padrões comuns das coisas, isso tudo só ocorreu em consequência das desgraças que, uma após outra, se abateram sobre ele...

– Sim, é muito devoto, um santarrão.

– Não acho, Vassíli Mikháilovitch; ele sofreu tanto; me parece puro de coração.

– Mas agora ele não está louco; está com saúde.

– Oh, sim, é verdade; isso eu posso lhe garantir, estou disposto a jurar; está em plena posse de suas faculdades mentais. É apenas, como o senhor justamente notou de passagem, extremamente esquisito e devoto. É um homem até que bastante sensato. Fala com desenvoltura, com audácia e muita astúcia, senhor. Ainda lhe são visíveis no rosto as marcas de sua tormentosa vida passada. É um homem curioso, senhor, e extremamente erudito.

– Pelo que parece, só lê livros sagrados?

– Sim, senhor, é um místico, senhor.

– O quê?

– Um místico. Mas estou lhe dizendo isto em segredo. E em segredo lhe direi ainda que durante um tempo esteve sob rigorosa vigilância. Esse homem exercia uma influência terrível sobre as pessoas que o procuravam.

⁵ A penitência coagida era uma forma de condenação em uso na Rússia tsarista e que consistia em um período de oração obrigatório sob controle de autoridade eclesiástica (*N. do. T.*)

– De que tipo?

– Mas o senhor não vai acreditar; veja, senhor: na época ele ainda não vivia aqui no bairro; Aleksandr Ignátitch, um homem de bem, cidadão honrado, que gozava da estima de todos, foi à casa dele com um certo tenente por pura curiosidade. Chegam à sua casa; são recebidos, e o estranho homem começa a olhá-los diretamente no rosto. Costumava fixar o olhar no rosto da pessoa quando consentia em ser-lhe útil; caso contrário, mandava o visitante de volta, e de um modo, dizem, que chegava a ser bastante descortês. Pergunta-lhes ele: o que desejam, senhores? Ora, responde Aleksandr Ignátitch: isso seu dom pode lhe dizer melhor do que nós. Então, diz ele, queira entrar comigo na outra peça; nisso, dos dois, indicou justamente o que tinha necessidade dele. Aleksandr Ignátitch nunca contou o que se sucedeu com ele em seguida, mas saiu de lá pálido como um cadáver. O mesmo aconteceu com uma ilustre senhora da alta sociedade: ela também saiu da casa dele lívida, em prantos e assombrada pela predição e eloqüência do velho.

– Estranho. Mas agora ele não se dedica mais a essas coisas?

– Está terminantemente proibido, senhor. Aconteceram casos impressionantes, senhor. Um jovem alferes da cavalaria, flor e esperança de uma família de alta linhagem, ao olhar para ele deixou escapar um risinho. – “Do que está rindo? – disse o velho, zangado. – Em três dias você mesmo estará assim!” – e cruzou os braços, insinuando com tal gesto um cadáver, um morto.

– E daí?

– Nem ousou acreditar, mas dizem que a predição se realizou. Ele tem esse dom, Vassíli Mikháilovitch... O senhor teve vontade de rir da minha história ingênua. Sei bem que o senhor é de longe mais instruído que eu; mas eu acredito nele: não é um charlatão. O próprio Púchkin menciona algo semelhante em suas obras.⁶

– Hum. Não estou querendo contradizê-lo. O senhor disse, me parece, que ele não

⁶ É possível que Iaroslav Ilitch tenha em mente não apenas os motivos “misteriosos” das obras do poeta (por exemplo em *A dama de espadas*), mas também os fatos meio legendários da biografia de Púchkin, como visitas a cartomantes ou o uso de um anel-talismã (*N. da. E. russa*)

vive sozinho.

– Eu não sei... com ele vive, parece, uma filha.

– Filha?

– Sim, senhor, ou, parece, sua esposa; eu sei que vive com ele uma mulher. Eu a vi de relance e não prestei atenção.

– Hum. Estranho...

O rapaz ficou pensativo, Iaroslav Ilitch caiu numa terna contemplação. Estava comovido tanto por rever seu velho amigo como por lhe ter contado de modo satisfatório uma coisa interessantíssima. Ficou ali, com os olhos fixos em Vassíli Mikháilovitch e tirando baforadas do cachimbo; mas de repente se levantou de um salto, todo atarantado.

– Passou uma hora inteira, e eu que me esqueci do tempo! Caro Vassíli Mikháilovitch, uma vez mais agradeço ao destino por ter nos reunido, mas tenho de ir-me. O senhor me permite ir visitá-lo em sua douda residência?

– Por favor, me dará um grande prazer. Eu mesmo também irei visitá-lo quando tiver um tempo.

– Posso acreditar nessa boa notícia? Ficar-lhe-ei muito grato, indizivelmente grato. O senhor não pode imaginar o prazer que me proporcionará!

– Saíram da taverna. Sierguêiev já vinha a toda ao encontro deles e rapidamente informou a Iaroslav Ilitch que Vilm Iemieliánovitch se dignaria a passar. De fato, na avenida surgiu uma parelha de fogosos cavalos baios atrelados a uma elegante calechezinha. Particularmente magnífico era o extraordinário cavalo atrelado fora do arreo. Iaroslav Ilitch apertou, quase como um torno, a mão de seu melhor amigo, levou a mão ao chapéu e correu ao encontro da carruagem, que vinha a toda. A caminho, voltou-se para trás umas duas vezes e acenou com a cabeça para Ordínov, num gesto de despedida.

Ordínov sentia um tal cansaço, um tal esgotamento por todo o corpo, que a custo arrastava as pernas. De qualquer modo, conseguiu chegar em casa. No portão, tornou a encontrar o porteiro, que estivera observando diligentemente toda a cena de despedida de

Iaroslav Ilitch e que ainda de longe lhe fizera um sinal convidativo. Mas o jovem não lhe deu atenção. À porta do apartamento se chocou violentamente com uma figura grisalha e baixa que saía de cabeça baixada do apartamento de Múrin.

– Meu Deus, perdoe meus pecados! – murmurou a figura, saltando para o lado com a elasticidade de uma rolha.

– Não o machuquei?

– Não, senhor, agradeço-o humildemente pela atenção... Oh, Senhor, Senhor!

Gemendo, lamuriando-se e murmurando com seus botões alguma coisa edificante, o humilde homenzinho desceu cautelosamente as escadas. Era o senhorio do prédio, por causa do qual o porteiro havia se assustado tanto. Só então Ordínov lembrou que o havia visto pela primeira vez aqui mesmo, na casa de Múrin, quando se mudou para o apartamento.

Sentia-se irritado e abalado; sabia que sua imaginação e sua impressionabilidade estavam excitadas ao extremo, e decidiu não confiar em si próprio. Aos poucos foi caindo num de estado de torpor. Alojava-se lhe no peito um sentimento penoso e opressivo. Doía-lhe o coração, como se estivesse todo em chagas, e tinha a alma toda repleta de lágrimas reprimidas e inexauríveis.

Tornou a se deixar cair na cama que ela havia preparado para ele e de novo se pôs a escutar. Ouvia duas respirações: uma pesada, doentia, intermitente, e outra suave, mas irregular e parecendo também excitada, como se lá batesse um coração com o mesmo anseio, a mesma paixão que ele sentia. Às vezes ouvia o frufu de seu vestido, o rumor de seus passos leves e silenciosos, e até esse rumor de seus pés ecoava em seu coração como uma dor surda, mas torturantemente doce. Por fim lhe pareceu ouvir um soluço, um suspiro inquieto e, finalmente, de novo sua oração. Ele sabia que ela estava ajoelhada diante do ícone, contorcendo as mãos num desespero frenético!.. Mas quem é ela? Por quem está rezando? Que paixão irremediável é essa que lhe aflige o coração? Por que ele sofre tanto, se angustia e derrama lágrimas tão ardentes e desesperadas?..

Começou a se lembrar de suas palavras. Tudo o que ela lhe havia dito ressoava-lhe ainda nos ouvidos como uma música, e seu coração se abandonava amorosamente a cada lembrança, a cada palavra dela devotadamente repetida, com uma palpitação pesada e surda... Por um instante chegou a ocorrer-lhe que isso tudo não havia passado de um sonho. Mas nesse mesmo instante sentiu todo o seu ser sucumbir a uma angústia paralisante, quando a impressão de sua respiração ardente, de suas palavras, de seu beijo tornou a se estampar em sua imaginação. Ele fechou os olhos e adormeceu. Em algum lugar um relógio bateu as horas; estava ficando tarde; o crepúsculo começava a cair.

De repente lhe pareceu que ela estava de novo inclinada sobre ele, que o fitava nos olhos com seus olhos deslumbrantemente claros, úmidos de lágrimas, que resplandeciam uma alegria serena e radiante, calmos e límpidos como a infinita abóbada turquesa do céu em um tórrido meio-dia. Seu rosto irradiava uma serenidade tão solene, seu sorriso esboçava uma tal promessa de beatitude infinita, e ela se reclinou sobre o ombro dele com tal compaixão, com uma devoção tão infantil, que de seu peito enfraquecido chegou a escapar um suspiro de alegria. Ela queria lhe dizer alguma coisa; carinhosamente confiou-lhe algo. De novo uma música de partir o coração pareceu golpear-lhe o ouvido. Absorvia avidamente o ar aquecido, eletrizado por sua respiração tão próxima. Angustiado, estendeu os braços, suspirou, abriu os olhos... Ela estava diante dele, inclinada sobre seu rosto, toda pálida, como que de susto, banhada em lágrimas e toda trêmula de emoção. Dizia-lhe alguma coisa, suplicava-lhe algo, torcendo e cruzando os braços seminus. Ele a cingiu num abraço, ela tremia toda contra seu peito...

Segunda parte

I

– O que foi? o que há com você? – dizia Ordínov, voltando de vez a si e continuando ainda a estreitá-la num abraço forte e ardente – o que há com você, Katierina? O que há com você, meu amor?

Ela soluçava de mansinho, com a cabeça baixada, ocultando o rosto afogueado contra o peito dele. Tremia toda, como se estivesse assustada, e levou muito tempo ainda para conseguir falar.

– Não sei, não sei – proferiu por fim, com uma voz a custo audível, ofegando e quase sem poder articular as palavras – não me lembro nem mesmo como é que vim parar aqui...
– Nesse instante ela se estreitou a ele ainda mais fortemente, ainda com mais ardor, e tomada por um sentimento convulsivo e irreprimível começou a beijar-lhe os ombros, os braços, o peito; por fim, num gesto de desespero, cobriu o rosto com as mãos e, caindo de joelhos, ocultou-o no colo dele. E quando Ordínov, sentindo uma angústia indescritível, a soergueu com impaciência e a fez sentar-se a seu lado, seu rosto estava todo incendiado por um brilho de vergonha, os olhos chorosos pediam perdão e o sorriso que forçosamente se lhe insinuava nos lábios tentava a custo abafar a força irreprimível de uma nova sensação. Nesse momento parece que alguma coisa a deixou de novo assustada, desconfiada, repelia-o com a mão, mal o olhava e respondia às suas perguntas atropeladas de cabeça baixa, timidamente e com um murmúrio.

– Talvez você tenha tido um sonho ruim – disse Ordínov –, talvez tenha tido alguma visão... foi isso? Talvez *ele* a tenha assustado... Está delirando e inconsciente... Talvez tenha dito alguma coisa que não era para você ouvir?... Você ouviu alguma coisa? Foi isso?

– Não, eu não estava dormindo – respondeu Katierina, reprimindo a custo sua agitação. – Nem sequer senti sono. *Ele* ficou o tempo todo em silêncio e só me chamou uma vez. Fui para junto dele, chamei seu nome, falei com ele; comecei a sentir medo; ele não só não acordou como nem me ouviu. Está gravemente doente, que Deus o ajude! Nessa hora uma angústia começou a invadir-me o coração, uma angústia amargurante! Fiquei o tempo todo rezando, não parei de rezar, e foi isso que me deixou assim.

– Basta, Katierina, basta, minha vida, basta! Foi ontem que você se assustou...

– Não, ontem eu não fiquei assustada!..

– Isso costuma acontecer com você?

– Sim, costuma. – E ela estremeceu toda e tornou a se agarrar a ele assustada, como uma criança. – Está vendo – disse, interrompendo os soluços –, não foi à toa que vim para cá, não foi à toa, estava sendo duro ficar sozinha – repetia, apertando-lhe as mãos em sinal de gratidão. – Chega, então, chega de derramar lágrimas pela dor alheia! Guarde-as para um dia negro, quando você próprio estiver se sentindo sozinho, deprimido, e não houver ninguém com você!... Ouça, já teve uma namorada?

– Não... antes de você, não conheci ninguém...

– Antes de mim... está me chamando de sua namorada?

Olhou de repente para ele, como se estivesse surpresa, quis dizer alguma coisa, mas depois baixou os olhos e permaneceu em silêncio. Aos poucos todo o seu rosto tornou a se enrubescer repentinamente com um rubor flamejante; os olhos brilharam ainda mais vivamente por entre as lágrimas que ainda não haviam secado de todo, esquecidas sob os cílios, e era evidente que uma pergunta lhe comichava nos lábios. Olhou para ele umas duas vezes com uma malícia pudica e depois de repente tornou a baixar os olhos.

– Não, não cabe a mim ser sua primeira namorada – disse ela –, não, não – repetia, balançando a cabeça, pensativa, enquanto em seus lábios voltava a aflorar um sorriso –, não – disse ela afinal, rindo –, não cabe a mim, meu querido, ser sua namoradinha.

Nesse momento ela deitou-lhe um olhar; mas quanta tristeza de repente se refletia em seu rosto, uma desolação tão irremediável consternou imediatamente cada um de seus traços, seu desespero assomava tão intempestivamente do fundo do coração, que um sentimento mórbido e inexplicável de compaixão por aquele sofrimento desconhecido apoderou-se do ânimo de Ordínov, e ele a fitou com uma expressão de um tormento indescritível.

– Ouça o que vou lhe dizer – disse ela, com uma voz de cortar o coração, estreitando as mãos deles nas suas e esforçando-se para sufocar os soluços. – Ouça-me bem, ouça, meu tesouro! Refreie seu coração e trate de não me amar tanto quanto me ama agora. Se sentirá melhor, com o coração mais leve e feliz, e se resguardará de um inimigo cruel, além de

ganhar uma irmãzinha amorosa. Virei vê-lo, se você quiser, lhe darei carinho e não me envergonharei de tê-lo conhecido. Fiquei dois dias com você, enquanto estive de cama com essa doença terrível Reconheça sua irmãzinha! Não foi à toa que nos confraternizamos, não foi à toa que, com lágrimas, rezei para Nossa Senhora por você! outra igual você não conseguirá arranjar! Nem que der a volta ao mundo, conhecer toda a terra, não conseguirá encontrar outra namorada igual, se é por uma namorada que seu coração clama. Eu o amarei com ardor, continuarei a amá-lo como agora, e o amarei porque sua alma é pura, clara, transparente; porque, assim que o vi pela primeira vez, soube no mesmo instante que você era o hóspede de minha casa, um hóspede desejado, e não foi por acaso que veio bater à nossa porta; o amarei porque, quando você olha, seus olhos exalam amor e falam por seu coração, e quando eles dizem alguma coisa, então no mesmo instante sei tudo o que vai dentro de você, e porque lhe daria a vida em troca de seu amor, lhe daria minha boa liberdadezinha, já que é doce até ser escrava daquele cujo coração encontrei... mas minha vida mesma não é minha, é de um outro, e minha liberdadezinha está acorrentada! Aceite então uma irmãzinha e seja você também um irmão para mim, e acolha-me em seu coração quando a angústia, o mal cruel, tornarem a desabar sobre mim; mas faça de um modo que não tenha de envergonhar-me de vir aqui e de passar longas noites com você, como agora. Você me ouviu? Abriu o coração para mim? Compreendeu o que lhe disse?.. – Ia dizer mais alguma coisa, lançou-lhe um olhar, pôs-lhe a mão no ombro e acabou se deixando cair sem forças sobre seu peito. A voz se lhe embargou num soluço convulsivo e apaixonado, seu peito arfava profundamente, e seu rosto ficou púrpuro, como o pôr-do-sol.

– Minha vida! – sussurrou Ordínov, com a vista enevoada e quase sem fôlego. – Alegria de minha vida! – dizia ele, sem reconhecer as próprias palavras, sem se recordar delas, sem compreender a si mesmo, tremendo de medo de destruir o encanto com um único sopro, de destruir tudo o que estava acontecendo com ele, e que mais lhe parecia uma visão do que realidade: a tal ponto tudo havia se enevado diante dele! – Eu não a conheço, não a compreendo, não me lembro do que acabou de me dizer, minha razão está se

turvando, o coração me dói no peito, minha soberana!..

Nisso sua voz ficou de novo embargada de emoção. Ela se estreitou a ele ainda mais fortemente, ainda mais calorosa e ardentemente. Ele se levantou e, sem poder mais se conter, debilitado, esgotado pela excitação, caiu de joelhos. Os soluços enfim começaram a prorromper de seu peito covulsivamente, com dor, e sua voz, que irrompia diretamente do coração, vibrou como uma corda com toda a plenitude de um entusiasmo e de uma beatitude nunca antes experimentados.

– Quem é você, quem é você, meu tesouro? De onde você vem, minha pombinha? – disse ele, se esforçando para sufocar os soluços. De que firmamento você veio para o meu céu? Só pode ser um sonho; não posso acreditar que você exista. Não me repreenda... deixe-me falar, deixe-me dizer-lhe tudo, tudo!.. Fazia tempo que queria falar... Quem é você, quem é você, alegria da minha vida?.. Como encontrou meu coração? Conte-me, faz tempo que é minha irmãzinha?.. Conte-me tudo sobre você, onde esteve até agora – conte-me como se chama o lugar onde vivia, pelo que você primeiro se apaixonou lá, o que a deixava alegre e o que a angustiava?.. O ar lá era cálido, era límpido o céu?.. Quem eram seus entes queridos, quem a amou antes de mim, a quem lá foram os primeiros suspiros de sua alma?.. Você teve uma mãe querida, e ela a acalentou quando era pequena ou, como eu, foi sozinha apresentada à vida? Diga-me, você sempre foi desse jeito? Com o que sonhava, o que previa para o futuro, o que se realizou e o que não se realizou para você, diga-me tudo... Por quem gemeu pela primeira vez seu coração de menina e a troco de que o entregou? Diga, então, o que devo lhe dar para tê-lo, o que devo lhe dar para ter você?.. Diga-me, meu amorzinho, minha luz, minha irmãzinha, diga-me como posso eu merecer seu coração?..

Nisso ficou de novo com a voz embargada e baixou a cabeça. Mas, quando ergueu os olhos, um terror mudo o deixou todo enregelado e arrepiado no mesmo instante.

Katierina estava sentada, pálida como cera. Olhava para o vácuo, imóvel, com os lábios lívidos como os de um cadáver e os olhos velados por um sofrimento mudo,

torturante. Ela se levantou devagar, deu dois passos e, com um grito lancinante, se deixou cair diante do ícone... Palavras entrecortadas e desconexas escapavam-lhe do peito. Perdeu os sentidos. Ordínov, completamente abalado pelo terror, a ergueu e a levou à sua cama; ficou de pé diante dela, fora de si. Passado um minuto, ela abriu os olhos, soergueu-se na cama, lançou um olhar em redor e agarrou a mão dele. Atraiu-o para si, esforçando-se para sussurrar alguma coisa com os lábios ainda exangues, mas sua voz ainda continuava a traí-la. Acabou se debulhando num mar de lágrimas; as gotas ardentes queimavam a mão enregelada de Ordínov.

– Estou sofrendo, sofrendo muito agora, minha derradeira hora está chegando! – proferiu ela por fim, torturada por uma angústia irremediável.

Esforçou-se para dizer mais alguma coisa, mas, com a língua paralisada, não conseguiu pronunciar uma única palavra. Ela olhava desesperada para Ordínov, que não a compreendia. Ele se inclinou, chegando mais perto dela, para tentar ouvir... Afinal a ouviu murmurar nitidamente:

– Sou uma corrompida, me corromperam, me arruinaram!

Ordínov ergueu a cabeça e a fitou com um assombro selvagem. Um pensamento hediondo ocorreu-lhe à mente. Katierina percebia a mórbida e convulsiva crispação de seu semblante.

– Sim! Corromperam-me – continuava ela – um homem malvado me corrompeu –, é *ele* o meu corruptor!.. Vendi-lhe minha alma... Por que, por que foi mencionar minha mãe? por que tinha você de me torturar? Que Deus, que Deus seja o seu juiz!..

Por um instante se pôs a chorar em silêncio; o coração de Ordínov palpitava e padecia de uma angústia mortal.

– Ele diz – sussurrou ela com uma voz contida e misteriosa – que, quando morrer, então voltará para buscar minha alma pecadora... Sou dele, eu lhe vendi minha alma... Ele me torturava, lia para mim nos livros... Aqui está, olha, olha o livro dele! olha aqui o livro dele. Ele diz que eu cometi um pecado mortal. Olha, olha...

E ela lhe mostrava um livro; Ordínov não tinha reparado de onde ela o havia tirado. Pegou maquinalmente o livro, todo manuscrito, como os antigos livros cismáticos, que ele já antes tivera a oportunidade de ver. Mas agora não estava em condições de olhar e de concentrar sua atenção em qualquer outra coisa. O livro caiu-lhe das mãos. Abraçou Katierina em silêncio, tentando fazê-la recobrar a razão.

– Chega, chega! – dizia – a deixaram assustada; estou aqui com você; repouse comigo, querida, meu amor, minha luz!

– Você não sabe de nada, de nada! – dizia ela, apertando-lhe as mãos com força. – Sempre fui assim!.. Tenho medo de tudo... Chega, chega de me torturar!..

– Então vou vê-lo – começou ela um minuto depois, retomando fôlego. – Tem vez que só com suas palavras ele me enfeitiça, outras vezes pega seu livro, o maior, e lê sobre mim. Lê sempre coisas tão ameaçadoras, severas! Não sei o quê e não são todas as palavras que compreendo; mas o medo se apodera de mim, e quando ouço com atenção sua voz, então é como se não fosse ele falando, mas um outro, uma criatura do mal, que não se pode abrandar de jeito nenhum, que não se pode induzir a perdoar de jeito nenhum, e eu sinto um peso tão grande no coração, mas tão grande, que chega a queimar... Um peso maior do que quando havia começado a angústia!

– Não vá vê-lo! Então por que ir vê-lo? – disse Ordínov, mal se dando conta de suas palavras.

– Por que vim vê-lo? Pergunte – também não sei... E ele não pára de me dizer: reza, reza! Tem vez que me levanto na calada da noite e fico rezando por muito tempo, por horas a fio; muitas vezes o sono me vence; mas o medo sempre desperta, me desperta sempre, e sempre é como se nessa hora à minha volta estivesse se formando uma tempestade, como se fosse me dar mal, como se uma gente malvada fosse me despedaçar e me dilacerar, como se não pudesse conseguir o perdão dos santos e eles não me salvassem de uma dor atroz. Minha alma se dilacera, como se meu corpo todo quisesse se debulhar em lágrimas... Nesse momento recomeço a rezar, e rezo, rezo até a hora em que a Nossa Senhora me olha do

ícone com mais amor. Então eu me levanto e caio na cama como uma morta; tem vezes que adormeço no chão, ajoelhada diante do ícone. E aí, se acontece de ele acordar, me chama e se põe a me afagar, me acariciar, me consolar, e então eu já começo a me sentir melhor, e pode vir a desgraça que for, com ele não tenho mais medo. Ele é poderoso! Sua palavra é sublime!

– Mas que dor, que dor é essa que você sente?.. – E Ordínov torcia as mãos de desespero.

Katierina ficou terrivelmente pálida. Olhava para ele como uma condenada à morte sem esperança de perdão.

– Minha dor?.. sou uma filha maldita, uma criminosa; minha mãe me amaldiçoou! Arruinei a vida de minha própria mãe!..

Ordínov a abraçou sem dizer nada. Ela se estreitou a ele tremendo. Ele pôde sentir um tremor convulsivo percorrer todo o corpo dela, como se sua alma estivesse se separando do corpo.

– Eu a sepultei na terra úmida – dizia ela, toda emocionada com suas recordações, completamente entregue às visões de seu passado irrevogável – fazia tempo que eu queria falar, ele vive me proibindo com súplicas, com censuras e palavras de desdém, mas tem hora em que ele próprio fomenta minha angústia, como se fosse meu inimigo e adversário. E tudo – como hoje à noite –, tudo me vem à mente... Ouça, ouça! Isso aconteceu já há muito, muito tempo, nem mesmo me lembro quando, mas me lembro de tudo como se tivesse sido ontem, como se fosse o sonho que tive ontem, que me atormentou o coração a noite inteira. A angústia encomprida duas vezes o tempo. Sente-se, sente-se aqui perto de mim: eu lhe contarei toda a minha dor; sou maldita, liberte-me da maldição materna... Eu lhe confio a minha vida...

Ordínov queria detê-la, mas ela juntou as mãos, suplicando-lhe, em nome do seu amor, para ouvi-la, e depois, ainda mais emocionada, recomeçou a falar. Sua narrativa era desconexa, em suas palavras se podia sentir a tormenta que lhe ia na alma, mas Ordínov

compreendia tudo, mesmo porque a vida dela havia se tornado a sua própria vida, a dor dela – sua dor, e mesmo porque seu inimigo já estava bem visível diante dele, a cada palavra dela se materializava e crescia diante de seus olhos, e era como se, com uma força inexaurível, lhe oprimisse o coração e escarnecesse de sua cólera. Seu sangue se agitava, afluía ao coração e baralhava-lhe os pensamentos. O velho maligno de seu sonho (disso Ordínov estava certo) encontrava-se em carne e osso diante dele.

– Era uma noite como esta – começou a falar Katierina –, só que mais ameaçadora, e o vento uivava na nossa floresta como eu nunca antes tinha ouvido... e foi já nessa noite que começou minha perdição! O carvalho sob a nossa janela havia se quebrado, e um velho mendigo, muito velho, grisalho, veio à nossa casa e disse que se lembrava desse carvalho de quando ainda era bem criança, e que ele já era do mesmo jeito que quando o vento o abateu... Nessa mesma noite – como me lembro de tudo agora! –, os barcos de meu pai haviam sido destruídos pela tormenta no rio, e ele, apesar de abatido por uma enfermidade, foi para o local assim que os pescadores chegaram correndo à nossa fábrica para avisar. Minha mãezinha e eu ficamos sozinhas, eu cochilei, ela estava triste por algum motivo e chorava amargamente... eu bem sabia por quê! Ela havia andado doente, estava pálida e vivia me dizendo para ir lhe preparando a mortalha... De repente, à meia-noite, ouvimos uma batida ao portão; levantei-me de um salto, o sangue afluiu-me ao coração; minha mãezinha deu um grito... nem me voltei para vê-la, tive medo, peguei a lanterna e fui eu mesma abrir o portão... Era *ele*! Comecei a ficar com medo, mesmo porque eu sempre sentia medo quando ele vinha, e isso já desde pequena, até onde chega minha lembrança! Na época ele ainda não tinha cabelos brancos; sua barba ainda era negra como o azeviche, os olhos brilhavam como brasas, e até esse momento não havia me olhado uma vez sequer com ternura. Ele perguntou: “sua mãe está em casa?” Torno a fechar o portão, digo que “meu pai não está em casa”. Ele disse: “eu sei” – e de repente me olhou, olhou de um jeito... era a primeira vez que me olhava assim. Fui andando, mas ele continua parado. “Por que não vem?” – “Estou pensando numa coisa”. Já estávamos entrando na sala. “E por que você

disse meu pai não está em casa quando perguntei, sua mãe está em casa?” Eu me calo... Minha mãe ficou gelada – correu ao seu encontro... ele mal olhou para ela – eu via tudo. Estava ensopado, tremendo de frio: a tormenta o havia perseguido por vinte *verstas* – mas de onde vinha e por onde andava nem eu nem minha mãe nunca sabíamos; fazia já nove semanas que não o víamos... jogou o gorro, tirou as luvas – diante do ícone não reza, os donos da casa não cumprimenta – e foi se sentar perto do fogo...

Katierina passou a mão pelo rosto, como se alguma coisa a oprimisse e a atormentasse, mas um minuto depois tornou a erguer a cabeça e recomeçou:

– Ele se pôs a falar com minha mãe em tártaro. Minha mãe falava, eu não entendia uma palavra. Da outra vez que ele veio me mandaram sair; mas dessa vez minha mãe não ousou dizer uma palavra à sua própria criatura. O maligno havia comprado minha alma, e eu, exultante comigo mesma, fitava minha mãezinha. Vejo que estão me olhando, falando de mim; ela começou a chorar; vejo que ele tira a faca, e não era a primeira vez, não fazia muito tempo que havia tirado a faca em minha presença quando falava com minha mãe. Levantei-me e me agarrei ao seu cinto, queria arrancar dele aquela faca imunda. Ele rangeu os dentes, deu um grito e quis me rechaçar – golpeou-me no peito, mas não conseguiu me repelir. Pensei, é agora que eu morro, com a vista toldada, caio no chão – mas não soltei um grito. Olho, com todas as forças que me restavam para ver, ele tira o cinto, arregaça a manga do braço com que me havia golpeado, retira a faca e a entrega a mim: “Toma, corte-o fora, divirta-se com ele tanto quanto a ofendi, e eu, menina orgulhosa, por isto me curvarei até o chão diante de você”. Pus a faca de lado: o sangue começou a me sufocar, não olhei para ele, lembro que sorri, sem descerrar os lábios, e olho diretamente para os olhos tristonhos de minha mãezinha, olho ameaçadoramente, mas sem que aquele riso desavergonhado me abandonasse os lábios; e minha mãe continua sentada, pálida como um cadáver...

Ordínov ouvia sua narrativa desconexa com grande atenção; mas, passada a primeira efusão, a excitação dela foi aos poucos se assentando; seu jeito de contar ficou mais

tranqüilo; a angústia da pobre mulher se dispersava por todo o mar infinito de recordações que a arrebatava competamente.

– Ele pegou o gorro sem se despedir. Tornei a pegar a lanterna para acompanhá-lo no lugar de minha mãe, que, mesmo doente, queria ir atrás dele. Chegamos ao portão: em silêncio, abri-lhe a cancela e afugentei os cachorros. Fico olhando – ele tira o chapéu e faz-me uma reverência. Vejo que leva a mão ao seio, tira da algibeira uma caixa vermelha, de marroquim, afasta o fecho; olho: são pérolas graúdas – um presente para mim. “Nos arrabaldes – diz –, tenho uma linda jovem, era uma homenagem a ela, mas não será a ela que levarei; aceite, linda menina, acalente sua beleza, nem que seja para esmagá-las sob seus pés, mas aceite-as”. Aceitei, mas esmagar com os pés não queria, não queria dar-lhe essa honra toda, mas aceitei, como uma víbora, sem dizer uma palavra a respeito. Entrei e a coloquei sobre a mesa diante de minha mãe – fora para isso que a havia pego. Minha mãe ficou em silêncio por um instante, toda lívida, como se tivesse medo de falar comigo. “O que é isso, Kátia?” E eu respondo: “É para você, mamãe, foi o comerciante que trouxe, não faço nem idéia”. Vejo lágrimas brotando-lhe dos olhos, faltava-lhe a respiração. “Não é para mim, Kátia; não é para mim, filha malvada, não é para mim.” Lembro que ela falou com tanta amargura, mas tanta amargura, como se tivesse a alma toda transbordando em lágrimas. Ergui os olhos, queria me jogar a seus pés, mas de repente o maldido soprou: “Está bem, não é para você, deve ser para o papai; entregarei a ele, se retornar; direi: uns comerciantes vieram, a mercadoria esqueceram...” Como ela, minha mãezinha, chorou nesse momento... “Eu mesma lhe direi que comerciantes eram esses que estiveram aqui e atrás de que mercadoria vieram... E vou lhe dizer de quem você é filha, sua bastarda! De agora em diante você não é mais minha filha, é uma víbora! Você é minha maldita criação! Fico em silêncio, sem conseguir derramar uma lágrima... ah! era como se tudo tivesse morrido dentro de mim... Fui para o meu quartinho no sótão e fiquei aquela noite toda ouvindo a tempestade, e sob o rumor da tempestade ia pondo em ordem meus pensamentos.

– Enquanto isso transcorreram cinco dias. E eis que numa tarde, cinco dias depois, chega meu pai, taciturno e ameaçador, e ademais no caminho a enfermidade o havia alquebrado. Vejo que está com o braço enfaixado; compreendi que seu inimigo lhe havia atravessado o caminho; e o inimigo o havia extenuado e lançado contra ele a enfermidade. Sabia também quem era o seu inimigo, sabia tudo. Com minha mãe não trocou uma palavra, de mim não perguntou, convocou todo o pessoal, mandou interromper o trabalho na fábrica e proteger a casa de olhos mal-intencionados. No mesmo instante pressenti com o coração que as coisas não iam bem em nossa casa. E aí esperamos, transcorre a noite, também tempestuosa, com tormentas, e a inquietação penetrou-me na alma. Abri a janela – sinto queimar-me o rosto, os olhos lacrimejam, o coração arde inquieto; estava como que em chamas: que vontade tinha de ir embora daquele quarto, para longe, para o fim do mundo, aonde nascem os relâmpagos e a tempestade. Meu peito de menina estava arfante... de repente, tarde já – acho que cochilei, ou então uma névoa caiu sobre minha alma, confundiu-me a razão –, ouço que batem à janela: “Abra!” Olho, um homem havia trepado na janela por uma corda. Reconheci de imediato quem dava-me a honra de sua visita, abri a janela e o deixei entrar em meu quartinho solitário. E era *ele*! Não tirou o gorro, sentou-se no banco, arquejante, respirando a custo, como se estivesse sendo perseguido. Fiquei de pé num canto e bem sei como me senti empalidecer toda. Está em casa o seu pai? – “Está” – “E sua mãe? – “Minha mãe também está em casa”. – “Então fique quieta agora; está ouvindo?” “Estou”. – “O que é?” – “Um assobio sob a janela!” – “Pois bem, linda menina, quer agora arrancar a cabeça de seu inimigo, chamar seu paizinho querido, pôr minha alma a perder? De sua vontade de menina não me subtrairia; a corda está aí, amarre-me, caso seu coração a ordene a se defender de um ultraje”. Permaneço em silêncio “E então? fala, alegria da minha vida!” – “O que você quer?” – “Quero me livrar do meu inimigo, despedir-me de uma vez por todas do meu antigo amor e consagrar-me a um novo, jovem como você, linda menina, com toda a minha alma...” Desatei a rir; e nem eu mesma sei como suas palavras impuras puderam atingir meu coração. “Deixe-me então ir lá em baixo,

linda menina, pôr à prova meu coração e levar meus cumprimentos aos donos da casa.” Eu tremo toda, os dentes batem um no outro e meu coração parece um ferro em brasa. Fui, abri a porta para ele, deixei-o entrar em casa, e apenas na soleira, com um esforço, proferi: “Toma isso! pegue suas pérolas e nunca mais torne a me dar presentes”, e em seguida atirei-lhe a caixa.

Nisso Katierina parou para tomar fôlego; em alguns momentos ela empalidecia e tremia como uma folha, em outros o sangue afluía-lhe à cabeça, e agora que parou, as faces ardiam-lhe como fogo, os olhos brilhavam por entre as lágrimas, e a respiração pesada e ofegante lhe fazia arfar o peito. Mas de repente tornou a empalidecer, e sua voz esmoreceu, trêmula de ansiedade e de tristeza.

– Então fiquei só, e foi como se a tempestade me houvesse enlaçado completamente. De repente ouço um grito, ouço os empregados correrem pelo pátio até a fábrica, ouço rumores de vozes: “A fábrica está pegando fogo”. Me escondi, todos fugiram de casa; ficamos só minha mãe e eu. Eu sabia que ela estava se despedindo da vida, era o terceiro dia que passava em seu leito de morte, e eu o sabia, filha maldita!.. De repente ouço um grito sob a janela de meu quartinho, fraco, como se fosse o grito de uma criança assustada com um sonho, e depois tudo ficou em silêncio. Assoprei a vela, me senti gelar toda, cobri o rosto com as mãos, tinha até medo de olhar. De repente ouço um grito próximo de mim, percebo que as pessoas estão fugindo da fábrica. Debrucei-me à janela: vejo que estão trazendo meu pai morto, ouço que dizem entre si: “Deu um passo em falso e caiu da escada na caldeira escaldante; parece coisa do demônio, que o empurrou para lá”. Deixei-me cair sobre a cama; fico à espera, completamente imóvel, e à espera do quê e de quem nem eu sei; só sei que nessa hora sentia um peso sobre mim. Não lembro quanto tempo permaneci nessa espera; lembro que de repente tudo começou a rodar à minha volta, senti a cabeça pesada, os olhos arderem com a fumaça; e eu estava feliz, porque meu fim se aproximava! De repente sinto alguém levantando-me pelos ombros. Olho, o mais que posso ver: ele está todo chamuscado, e seu *caftan*, quente só de apalpar, está fumegante.

– “Foi por você que vim, linda menina; livre-me da desgraça, já que antes à desgraça me lançou; por você levei minha alma à perdição. Não há prece que me possa salvar por esta noite maldita! A menos que oremos juntos! Ele ria, esse homem malvado! “Mostre-me – diz ele – como passar sem ser notado pelo pessoal!” Eu o peguei pela mão e o conduzi atrás de mim. Atravessamos o corredor – eu tinha as chaves comigo –, abri a porta da despensa e lhe mostrei uma janela. E essa janela dava para o jardim. Ele me agarrou com seus braços fortes, me abraçou e saltou comigo a janela. Pusemo-nos a correr de mãos dadas, corremos por muito tempo. Olhamos, a floresta é densa e escura. Ele parou para escutar: “Estamos sendo perseguidos, Kátia! estamos sendo perseguidos, linda menina, e não é nesta hora que havemos de entregar nossa vida! Beije-me, linda menina, em nome do amor e da felicidade eterna!” – “E por que você tem as mãos ensangüentadas?” – “As mãos ensangüentadas, minha querida? dos cachorros de vocês cortei a goela; ladravam demais para um visitante noturno. Vamos!” Começamos de novo a correr; vemos, num atalho o cavalo de meu pai, as rédeas havia rompido, da estrebaria escapado; obviamente, não queria ser queimado vivo! “Sente-se, Kátia, comigo! Nosso Deus nos enviou ajuda!” Fico quieta. “Ou não quer? pois saiba que não sou nem um pagão, nem um demônio; até farei o sinal da cruz, se quiser”, e nisso ele se benzeu. Sentei-me, agarrei-me a ele e me deixei abandonar completamente em seu peito, como se um sono tivesse se apoderado de mim, e quando me dei conta, vi que estávamos diante de um rio muito, muito amplo. Ele apeou, desmontou-me do cavalo e foi até um bambuzal: lá havia ocultado sua barca. Já estávamos sentados. “Agora, adeus, meu bom cavalo, vá trás de um novo dono, os antigos todos o estão abandonando!” Corri para o cavalo de meu pai e o abracei ternamente na despedida. Depois nos sentamos, ele pegou os remos e num relance perdemos as margens de vista. E quando perdemos as margens de vista, olho, ele havia largado os remos e lançava um olhar em torno, por toda a superfície da água.

– “Salve – proferiu –, minha mãe, aguinha tempestuosa, que dessa gente de Deus mata a sede, e a mim, mata a fome! Vamos, diga-me se protegeu meus bens em minha

ausência, se minha mercadoria está intacta!” Fico quieta, com os olhos baixados sobre o peito; as faces, como que em chamas, ardiavam-me de vergonha. E ele: “Ainda que ficasse com tudo, impetuoso, insaciável, mas me promettesse proteger e acalentar minha pérola preciosa! Deixe escapar ao menos uma palavrinha, linda menina, brilhe como o sol em meio à tempestade, dissipe com sua luz a noite escura!” Ele fala, mas ele mesmo sorri; seu coração queimava por mim, mas eu, por pudor, não tinha vontade de suportar seus sorrisos; tive vontade de dizer uma palavra, mas me senti intimidada e fiquei quieta. “Então, que assim seja!” – responde ele ao meu tímido pensamento, fala como se lhe doesse, como se a tristeza tivesse se apoderado dele próprio. “Quer dizer, à força não se obtém nada. Que Deus esteja com você, linda menina, minha pombinha, arrogante! Se vê que é grande seu ódio por mim, ou talvez já não pareça tão atraente aos seus olhos brilhantes.” Eu ouvia, e estava possuída pelo mal; possuída pelo mal de amor; dominei meu coração e proferi: “se você é atraente ou não, parece que não é a mim que cabe saber, mas, decerto, a uma outra insensata e despudorada, que na escuridão da noite cobriu de vergonha seu quatinho de solteira, vendeu sua alma por um pecado mortal e não soube refrear seu insensato coração; e certamente deve sabê-lo minhas lágrimas ardentes e aquele que furtivamente se gaba da desgraça alheia e zomba do coração de uma menina!” Disse, mas não consegui me conter, comecei a chorar... Ele permaneceu calado, olhou-me de um jeito que comecei a tremer como uma folha. “Agora ouça, linda menina – diz-me ele, e em seus olhos havia um brilho incrível –, não vou gastar palavras vãs, mas lhe farei uma promessa solene: tanto quanto você me fizer feliz, também eu serei para você um cavalheiro, mas, se vier a deixar de me amar – então não diga nada, não desperdice palavras, não se dê o trabalho, a um simples franzir de suas sobrancelhas bastas e de zibelina, a um piscar de seus olhos negros, a um movimento de seu dedo mindinho, eu lhe restituirei seu amor com sua liberdadezinha dourada; só que nesse instante, minha bela orgulhosa, intolerante, terá fim também a minha vida!” E nessa hora toda a minha carne se regozijou com suas palavras.

Nisso, uma agitação profunda esteve a ponto de interromper a narrativa de Katierina;

ela tomou fôlego, sorriu de um novo pensamento que lhe ocorrera e estava para continuar, mas de repente seu olhar cintilante encontrou o olhar inflamado de Ordínov cravado nela. Ela estremeceu, tentou dizer alguma coisa, mas o sangue afluiu-lhe às faces... Cobriu o rosto com as mãos e jogou-se assim sobre o travesseiro, como que sem sentidos. Ordínov estava completamente transtornado! Um sentimento torturante, uma perturbação inconsciente e insuportável se espargia como um veneno por todas as suas veias e crescia a cada palavra da narrativa de Katierina: um anseio desesperado, uma paixão ávida, insuportável, absorvia-lhe os pensamentos, torturava-lhe os sentimentos. Mas, ao mesmo tempo, uma tristeza profunda e irremediável mais e mais lhe confrangia o coração. Havia momentos em que tinha vontade de gritar para Katierina que se calasse, em que tinha vontade de se jogar a seus pés e suplicar-lhe com suas lágrimas que lhe restituísse seus tormentos de amor de antes, seu anseio instintivo e puro de antes, e começou a ter pena de suas lágrimas secas já há tanto tempo. Seu coração sofria, sangrando dolorosamente, sem deixar lágrimas à sua alma ferida. Ele não havia compreendido o que Katierina lhe dizia, e seu amor temia o sentimento que agitava a pobre mulher. Nesse instante amaldiçoou seu amor: ele o sufocava, o torturava, e sentia que em vez de sangue corria-lhe chumbo derretido pelas veias.

– Ah, o que me dói não é isso que estava lhe dizendo agora – disse Katierina, erguendo de repente a cabeça –, não é isso o que me dói – continuou ela, com uma voz que tilintava como o cobre, com um sentimento novo e inesperado, ao mesmo tempo em que toda a sua alma se dilacerava em lágrimas ocultas e desesperadas –, não é isso o que me dói, não é isso o que me martiriza e me deixa inquieta! O que importa minha mãe, ainda que no mundo inteiro não possa arranjar outra mãezinha querida! o que importa que ela me tenha amaldiçoado em sua hora derradeira, fatal! o que importa minha vida dourada de antes, meu quartinho aconchegante, a liberdadezinha de solteira! o que importa que tenha me vendido ao demônio e entregado minha alma a um malfeitor, que em troca da felicidade tenha cometido um pecado mortal! Ah, não é isso o que me dói, ainda que também nisso

seja grande minha ruína! Mas o que me amargura e me estraçalha o coração é que sou sua escrava desonrada, é que a própria desonra e vergonha sejam caras a uma desavergonhada como eu, é que seja caro ao meu coração ávido recordar sua dor como se fosse uma alegria e uma felicidade, é isso o que me dói, que não haja nele forças nem indignação pelo ultraje que sofreu!..

A pobre mulher ficou com a respiração presa no peito, e um soluço histérico e convulsivo interrompeu suas palavras. Uma respiração quente, sôfrega, queimava-lhe os lábios, o peito alteava e baixava profundamente, e em seus olhos cintilava uma indignação incompreensível. Mas quanto fascínio dourou-lhe o rosto nesse instante, cada uma de suas linhas, cada um de seus músculos vibrava com um fluxo de sentimento tão apaixonado, com uma beleza tão inaudita e insuportável, que num relance os pensamentos sombrios de Ordínov se esvaneceram e a mais pura tristeza calou-se em seu peito. Seu coração sentia gana de se estreitar ao dela e apaixonadamente perder-se com ele num ímpeto louco de emoção, de começar a bater no mesmo ritmo daquela tempestade, com o mesmo arrebatamento de uma paixão desconhecida e até mesmo morrer com ele. Katierina encontrou o olhar turvado de Ordínov e sorriu de tal modo que uma corrente redobrada de fogo inundou-lhe o coração. Ele ficou quase fora de si.

– Tenha piedade de mim, poupe-me! – sussurrou-lhe ele, retendo sua voz trêmula, e inclinou-se para ela apoiando a mão em seu ombro, fitando-a de perto nos olhos, de tão perto que a respiração deles se fundia numa só. – Você acabou comigo! – Não conheço sua dor, mas minha alma está transtornada... O que me importa saber por que chora seu coração! Diga, o que você quer... eu o farei. Venha então comigo, venha, não me mate, não me deixe morrer!..

Katierina o olhava imóvel; as lágrimas haviam secado em suas faces afogeadas. Queria interrompê-lo, pegou-lhe a mão, queria também dizer alguma coisa, mas era como se não encontrasse palavras. Um sorriso estranho aparecia lentamente em seus lábios, como se um riso varasse esse sorriso.

– Mas acho que ainda não lhe contei tudo – proferiu ela por fim com a voz entrecortada. – Contarei mais; mas você vai, você vai me ouvir, coração ardente? Ouça sua irmãzinha! Parece que você pouco conhece de sua dor cruel! Queria contar como vivi com ele durante um ano, mas não o farei... E, passado um ano, ele partiu rio abaixo com uns companheiros e eu fiquei com sua madrinha a esperá-lo no cais. Espero um mês, outro – e encontrei nos arredores da cidade um jovem comerciante, olhei para ele e me recordei de meus idos anos dourados. – “Irmãzinha adorada! – diz ele, depois de trocar duas palavras comigo – Sou o Aliócha, seu prometido, quando éramos crianças nossos velhos nos prometeram em casamento; você me esqueceu, tenta lembrar, sou da sua aldeia...” – “E o que falam de mim na sua aldeia?” – “O boato é que você agiu desonestamente, esqueceu seu pudor virginal e se amigou com um bandido assassino” – disse-me Aliócha, rindo. – “E você dizia o quê de mim?” – “Quis dizer muita coisa assim que cheguei aqui – e sentiu o coração em alvoroço –, tive vontade de dizer muita coisa, mas, agora, foi só pôr os olhos em você, para minha alma se deixar entorpecer; você acabou comigo! – diz. – Então compre também minha alma, pegue-a, nem que seja para caçar do meu coração, do meu amor, linda menina. Eu agora sou órfão, sou dono da minha vida, também minha alma me pertence, e a mais ninguém, não a vendi a ninguém, como uma pessoa que apagou sua memória, mas nem seria preciso comprar meu coração, eu o daria de graça, e, evidentemente, isso é coisa que se arranja!” Comecei a rir; e não foi uma ou duas vezes que falou – passa um mês inteiro nesse lugar, absolutamente só, abandonou suas mercadorias, dispensou seu pessoal. Comecei a sentir pena de suas lágrimas de órfão. Foi então que lhe disse certa manhã: “Aliócha, espere-me no cais, mais lá embaixo, assim que anoitecer: vou com você para a sua aldeia! estou farta de minha malfadada vida!” E eis que chegou a noite, fiz uma trouxa, e minha alma começou a doer, a se agitar dentro de mim. Vejo meu senhor entrar de imprevisto, inesperadamente. “Boa noite; venha comigo; está se armando uma tempestade no rio, e o tempo não espera.” Eu o segui; chegamos ao rio, mas para alcançar nosso pessoal teríamos de atravessar um longo trecho; olhamos: um barco com um

remador conhecido sentado nele, como se estivesse esperando alguém. “Boa noite, Aliócha, que Deus o guarde! O que foi? chegou atrasado no cais, ou está com pressa para reunir seus barcos? Faça-me o favor, meu bom homem, de levar-me, com minha patroinha, até onde estão meus homens; meu barco, eu o deixei partir, e de ir a nado não sou capaz”. – “Sentem-se – disse Aliócha, e senti toda minha alma desfalecer quando ouvi sua voz. – Sente-se com sua patroinha; o vento é para todos, e também em meu barco terá lugar para vocês. Sentamo-nos; era uma noite escura, as estrelas estavam encobertas, o vento começou a uivar, as ondas se encrespavam e estávamos a uma *versta* de distância da margem. Ficamos todos os três em silêncio.

– Uma tempestade! – disse o meu senhor. – E não pressagia nada de bom. Desde que nasci, nunca cheguei a ver no rio um temporal como esse que está se formando agora! É muito peso para o nosso barco! com os três, não vai agüentar!” – “É verdade, não vai agüentar – respondeu Aliócha –, e um de nós parece que está a mais”; diz, mas sua voz mesmo vibra como uma corda. “E então, Aliócha, quando o conheci, você ainda era uma criança de colo, para o seu querido pai eu era como um irmão, partilhamos o pão e o sal – diga-me, Aliócha, alcançaria a margem sem o barco ou desapareceria a troco de nada, levando sua alma à perdição?” “Não alcançaria! E você, bom homem, a hora é adversa, se lhe tocar também beber um pouco d’água, a alcançaria ou não?” “Não a alcançaria; seria o fim de minha pobre alma, não poderia resistir ao rio tempestuoso! Agora ouça você, Katierínuchka, minha pérola preciosa! – Lembro-me de uma noite igual a esta, só que daquela vez as ondas não se encrespavam, as estrelas cintilavam e a lua brilhava... Quero lhe perguntar, assim, só por perguntar, está lembrada?” – “Eu me lembro” – disse eu... “E assim como não a esqueceu, também não há de ter se esquecido do pacto, de como um homem corajoso ensinou uma linda menina a se reapropriar de sua liberdadezinha se o deixasse de amar – hein?” – “Não, também disso não me esqueci” – digo, mais morta que viva. “Ah, não se esqueceu! então veja que agora estamos numa situação difícil no barco. Não terá chegado a hora de um de nós? Diga, querida, diga, minha pombinha, arrulhe para

nós, como os pombos, sua resposta terna...”

– Não dei então minha resposta! – sussurrou Katierina, pálida... Não chegou a terminar.

– Katierina! – ressoou sobre eles uma voz surda, rouca.

Ordínov estremeceu. À porta estava Múrin. Enrolado de qualquer jeito em um cobertor de pele, pálido como a morte, olhava para eles com um olhar quase enlouquecido. Katierina foi ficando cada vez mais pálida e também o olhava imóvel, como que encantada.

– Venha comigo, Katierina! – sussurrou o doente com uma voz quase inaudível e saiu do quarto. Katierina continuava com o olhar fixo no espaço, como se o velho ainda estivesse diante dela. Mas de repente o sangue instantaneamente afogueou-lhe as faces pálidas e ela lentamente se levantou da cama. Ordínov se lembrou do primeiro encontro.

– Então até amanhã, lágrimas minhas! – disse ela, com um estranho sorriso. – Até amanhã! Lembre-se em que ponto parei: “Escolha um dos dois: de quem você gosta e de quem não gosta, linda menina!” Vai se lembrar, esperar uma noite? – repetiu ela, pondo as mãos nos ombros dele e olhando-o com ternura.

– Katierina, não vá, não arruine sua vida! Ele é louco! – sussurrou Ordínov, que tremia por ela.

– Katierina! Ressoou a voz do outro lado do tabique.

– O que foi? acha que ele vai me trucidar? – respondeu Katierina, rindo. – Uma boa-noite para você, meu coração adorado, meu pombo exaltado, meu querido irmão! – disse ela, estreitando-lhe ternamente a cabeça ao peito, enquanto lágrimas banhavam-lhe de repente as faces. – São minhas últimas lágrimas. Deixe adormecer sua dor, meu querido, amanhã você despertará feliz. – E o beijou apaixonadamente.

– Katierina! Katierina! – sussurrou Ordínov, caindo de joelhos a seus pés e tentando detê-la. – Katierina!

Ela se voltou, fez-lhe um aceno com a cabeça, sorrindo, e saiu do quarto. Ordínov a ouviu entrar no quarto de Múrin; conteve a respiração para poder escutar; mas não ouviu

mais um som sequer. O velho estava em silêncio, ou talvez tivesse de novo perdido os sentidos... Teve vontade de ir lá, para junto dela, mas as pernas não o sustentavam... Sentiu-se debilitado e se sentou na cama...

II

Quando despertou, levou um tempo para se dar conta da hora. Estava raiando o dia ou caindo a noite; no quarto ainda estava completamente escuro. Não conseguia atinar quanto tempo exatamente havia dormido, mas sentia que seu sono havia sido um sono doentio. Ao voltar a si, passou a mão pelo rosto, como que para afugentar o sono e as visões noturnas. Mas, quando foi pôr os pés no chão, teve a sensação de que seu corpo estava inteiro quebrado, seus membros exaustos se recusavam a obedecê-lo. Doía-lhe a cabeça, sentia tonturas, e ligeiros calafrios alternados com ondas de calor percorriam-lhe todo o corpo. Com a consciência recobrou também a memória, e sentiu estremecer-lhe o coração ao reviver por um instante a lembrança de toda a noite anterior. O coração começou a bater-lhe com força em resposta a esta evocação, e era uma sensação tão abrasadora e viva, que parecia ter passado não uma noite, longas horas, mas um minuto desde a saída de Katierina. Teve a sensação de que as lágrimas em seus olhos ainda não haviam secado – ou seriam lágrimas novas, frescas, que brotavam de sua alma incandescente como de uma fonte? E – que coisa incrível! – seus suplícios chegavam a ser-lhe doces, embora sentisse profundamente, com todo o seu ser, que não poderia mais suportar uma tal violência. Houve um momento em que chegou a pressentir a presença da morte e estava pronto a acolhê-la como a um hóspede desejado: essas impressões o deixaram tão tenso, sua paixão ao despertar tornou a fervilhar com um ímpeto tão vigoroso, apoderando-se de sua alma com tanto entusiasmo, que sua vida, acelerada por essa atividade febril, parecia estar prestes a se romper, a se destruir, a num átimo reduzir-se a cinzas e extinguir-se para sempre. Quase nesse mesmo átimo, como que em resposta à sua angústia, em resposta aos tremores de seu coração, ressoou – como uma música interior, familiar à alma humana nas

horas de alegria de viver, nas horas de felicidade serena – a voz conhecida, grave e argêntea de Katierina. Perto dele, ao seu lado, quase à sua cabeceira, soou uma canção, de início tímida e melancólica... A voz ora se alçava, ora decaía, esmorecendo convulsivamente, como se se dissolvesse em si mesma, acalentando ternamente em seu coração angustiado o tormento inquietante de um desejo reprimido, insaciável e irremediavelmente secreto; ora tornava a se derramar como o trinado de um rouxinol e, toda trêmula, acesa por uma paixão já incontrolável, se derramava num imenso mar de êxtase, num mar de sons poderosos e infinitos, como o primeiro instante de beatitude do amor. Ordínov distinguia até a letra: ela era singela, sincera, composta há muito tempo por um sentimento direto, calmo, puro e transparente. Mas ele a havia esquecido, entendia apenas sons isolados. O estilo simples e ingênuo da canção trazia-lhe à mente outras palavras, que ressoavam com todo o anseio que lhe enchia o peito, fazendo eco aos meandros mais recônditos de sua paixão, por ele mesmo desconhecidos, que lhe ressoavam claramente, com perfeita consciência dela. E ora parecia-lhe ouvir o último gemido de um coração irremediavelmente sucumbido à paixão, ora a alegria de uma vontade e de um espírito que rompera seus grilhões e se precipitava livre e radiante no mar infinito de um amor irrefreável; ora parecia-lhe ouvir a primeira jura de sua amada, com o pudor capitoso do primeiro rubor em suas faces, com súplicas, com lágrimas, com sussurros tímidos e misteriosos; ora o desejo de uma bacante orgulhosa e feliz por seu poder, sem véus, sem mistérios, revirando os olhos inebriantes com um sorriso fulgente...

Ordínov não pôde esperar o fim da canção e se levantou da cama. O canto cessou no mesmo instante.

– Um bom dia e uma boa tarde transcorreram, desejo meu! – ressoou a voz de Katierina – boa-noite para você! Levante-se, venha aos nossos aposentos, desperte para a alegria serena; estamos esperando por você, meu senhor e eu somos gente de bem, submissa à sua vontade; apague seu ódio com amor, caso seu coração ainda sofra com a ofensa. Diga uma palavra gentil!..

Ordínov havia saído de seu quarto já ao primeiro chamado dela e mal se deu conta de que estava entrando no de seus senhorios. A porta abriu-se diante dele e, radiante como o sol, viu brilhar o sorriso dourado de sua deslumbrante senhoria. Nessa hora, ele não via nem ouvia ninguém além dela. Imediatamente, toda a sua vida, toda a sua alegria se fundiram em uma única coisa em seu coração – a imagem luminosa de sua Katierina.

– Dois crepúsculos se passaram – disse ela, estendendo-lhe as mãos – desde que nos despedimos; o segundo está se extinguindo agora, dê uma olhada pela janela. Como se fossem os dois crepúsculos da alma de uma linda menina – proferiu Katierina rindo –, um, que lhe faz enrubescer as faces ao primeiro pudor, quando seu coração solitário de menina se manifesta pela primeira vez em seu peito, e o outro quando a linda menina esquece seu primeiro pudor, arde como uma chama, sufoca o peito virginal e afugenta para o rosto o sangue róseo... Entre, entre em nossos aposentos, meu bom rapaz! O que faz parado à soleira? Honra e amor para você, e a saudação do dono da casa!

Com uma risada sonora como uma música, pegou Ordínov pela mão e o introduziu no quarto. A timidez penetrou em seu coração. Toda a chama, todo o incêndio que lhe ardia no peito como que se reduziu a cinzas, se apagou num instante e por um único instante; confuso, ele baixou os olhos e teve medo de olhá-la. Sentia que estava tão deslumbrantemente bela que seu coração não poderia suportar seu olhar ardente. Nunca ainda havia visto assim sua Katierina. O riso e a alegria pela primeira vez resplandeciam em seu rosto e haviam secado as lágrimas tristes em seus cílios negros. Sua mão tremia na mão dela. E se ele tivesse levantado os olhos, então teria visto que Katierina, com um sorriso triunfante, tinha os olhos luminosos cravados em seu rosto ofuscado pela confusão e pela paixão.

– Levante-se, velho! – disse ela enfim, como se só agora caísse em si – diga uma palavra de boas-vindas ao nosso hóspede. Um hóspede que é como um irmão de verdade! Levante-se, velhote arrogante, soberbo, levante-se, saúda nosso hóspede, pegue-o por suas mãos brancas, faça-o sentar-se à mesa!

Ordínov ergueu os olhos e só então pareceu cair em si. Só então pensou em Múrin. Os olhos do velho, como que apagados por uma angústia agonizante, estavam cravados nele; e com um aperto na alma ele se lembrou desse olhar, que, assim como agora, da vez anterior faiscava de cólera e de angústia por debaixo das sobrancelhas hirsutas, negras e contraídas. Sentiu uma leve vertigem. Lançou um olhar em torno e só então compreendeu tudo com clareza, nitidamente. Múrin ainda permanecia deitado em sua cama, mas estava parcialmente vestido e parecia já ter se levantado e saído naquela manhã. Tinha um lenço vermelho envolvendo-lhe o pescoço, como antes, e sapatos nos pés. Era evidente que a enfermidade havia passado, apenas seu rosto ainda continuava terrivelmente pálido e amarelo. Katierina estava de pé ao lado da cama, com a mão apoiada sobre a mesa, e observava os dois atentamente. Mas o sorriso acolhedor não lhe abandonava o rosto. Tudo parecia acontecer sob seu comando.

– Ah, sim! É você – disse Múrin, soerguendo-se e sentando-se na cama. – Você é meu inquieto. Sou culpado diante de você, senhor, cometi um pecado e o ofendi, nem eu sei bem como, fiz uma besteira no outro dia com o fuzil. Quem ia saber que você também sofre do mal caduco? Também acontece comigo – acrescentou ele com uma voz rouca, enfermiça, franzindo o cenho e desviando sem querer os olhos de Ordínov. – O mal chega e entra furtivamente, sem bater à porta, como um ladrão. Eu, outro dia, por pouco não lhe finquei uma faca no peito... – acrescentou ele, acenando com a cabeça na direção de Katierina. – Eu sou doente, a crise me ataca, bem, já lhe disse o suficiente! Sente-se – será nosso convidado!

Ordínov ainda continuava a fitá-lo imóvel.

– Sente-se de uma vez, sente-se! – gritou o velho, impaciente – sente-se, se é do gosto dela! Veja só, tornaram-se irmãos, uterinos! Estão enamorados, como dois amantes!

Ordínov se sentou.

– Olha só que irmãzinha – continuou o velho, caindo na risada e mostrando suas duas fileiras de dentes brancos e perfeitos, sem exceção. – Podem trocar carícias, meus queridos!

Não acha sua irmãzinha uma formosura, senhor? diga, responda! Olha lá como ela está com as faces afogueadas. Dê só uma olhada, renda homenagem a esta beldade diante do mundo inteiro! Mostre que seu coração zeloso sofre por ela!

Ordínov arqueou as sobrancelhas e lançou ao velho um olhar de ódio. Este chegou a estremecer com seu olhar. Uma fúria cega começava a fermentar no peito de Ordínov. Com uma espécie de instinto animal, pressentiu que tinha ao seu lado um inimigo mortal. Não conseguia nem mesmo compreender o que se passava com ele, a razão se recusava a servi-lo.

– Não olhe! – ressoou uma voz atrás dele. Ordínov se voltou para olhar.

– Não olhe, não olhe, estou dizendo, mesmo que o demônio o instigue, tenha piedade da sua amada – dizia Katierina, rindo, e de repente tapou-lhe os olhos por detrás com as mãos; depois as retirou imediatamente e cobriu o próprio rosto. Mas o rubor de suas faces parecia varar por entre seus dedos. Ela retirou as mãos e, ardendo toda como o fogo, tentou enfrentar claramente e sem temor o riso e o olhar curioso deles. Mas ambos a fitavam em silêncio – Ordínov, como se estivesse atordoado de amor, como se fosse a primeira vez que uma beleza tão espantosa lhe traspassasse o coração; o velho, atentamente, com frieza. Seu rosto pálido não exprimia nada; apenas seus lábios, lívidos, tremiam ligeiramente.

Katierina aproximou-se da mesa, já sem rir, e começou a tirar os livros, os papéis, o tinteiro, tudo o que havia sobre a mesa, e a pôr tudo sobre o peitoril da janela. Sua respiração era apressada e ofegante, e de vez em quando absorvia sofregamente o ar, como se sentisse o coração oprimido. Seu peito cheio alteava e depois baixava, pesadamente, como uma onda à beira-mar. Ela baixou os olhos, e seus cílios negros como o azeviche reluziram como agulhas pontudas sobre suas faces luminosas...

– Rainha entre as mulheres! – disse o velho.

– Minha soberana! – sussurrou Ordínov, com o corpo todo tremendo. E só caiu em si ao sentir o olhar do velho sobre ele: por um instante esse olhar fulgurou como um raio – ávido, raivoso, friamente desdenhoso. Ordínov chegou a querer se levantar de seu lugar,

mas uma força invisível parecia imobilizar-lhe os pés. Tornou a se sentar. Às vezes beliscava a própria mão, como se não acreditasse que aquilo era real. Tinha a impressão de que um pesadelo o sufocava e de que um sono doentio, febril, ainda continuava a pesar-lhe sobre os olhos. Mas, que coisa inacreditável! ele não sentia vontade de acordar...

Katierina tirou da mesa o velho tapete, depois abriu a arca, retirou dela uma toalha valiosa, toda bordada de seda brilhante e de ouro, e cobriu com ela a mesa; em seguida pegou no armário um porta-copos antigo, dos tempos de seus bisavós, todo de prata, colocou-o no centro da mesa e despreendeu dele três cálices de prata – para o senhorio, para o convidado e para si; em seguida fitou o velho e o convidado com um olhar grave, quase pensativo.

– Quem de nós é querido por quem ou não é querido? – disse ela. – Quem não é querido por alguém, por mim é querido e beberá comigo seu cálice. Mas todos vocês me são queridos, gosto dos dois: então todos devemos beber pelo amor e pela harmonia!

– Beber e os pensamentos negros afogar no vinho! – disse o velho com um tom de voz alterado. – Sirva, Katierina!

– Você também quer que eu o sirva? – perguntou Katierina olhando para Ordínov.

Ordínov lhe estendeu seu cálice em silêncio.

– Esperem! Se alguém tiver um segredo e um pensamento, pois que eles se realizem segundo o seu desejo! – disse o velho erguendo sua taça.

Todos brindaram e esvaziaram seus cálices.

– Vamos agora beber juntos, meu velho! – disse Katierina, dirigindo-se ao senhorio. – Bebamos, se seu coração tem afeto por mim. Bebamos pela felicidade vivida, brindemos pelos anos vividos, brindemos de coração pela felicidade e pelo amor! Peça-me então para servi-lo, se sente o coração arder por mim!

– Seu vinho é forte, minha pombinha, mas você mesma só está umedecendo os beicinhos! – disse o velho, rindo e tornando a lhe estender sua taça.

– Está bem, tomarei um gole, mas você, beba até a última gota!.. Para que viver

arrastando consigo pensamentos tristes, velhote; o coração só faz sofrer com os pensamentos tristes! O pensamento vem da dor, o pensamento chama a dor, e na felicidade se vive sem pensamentos! Beba, meu velho! Afogue seus pensamentos!

– Parece que você tem muita dor acumulada, para se levantar assim contra ela! Parece que está querendo acabar com isso de uma vez, minha pomba branca. Beberei com você, Kátia! E você, senhor, também tem alguma mágoa, se me permite a pergunta?

– O que tenho, guardo para mim – sussurrou Ordínov, sem desviar os olhos de Katierina.

– Ouviu, velhote? Eu também passei muito tempo sem saber quem eu mesma era, não me lembrava, mas chegou a hora em que me lembrei e soube de tudo; com a alma insaciável, revivi tudo o que passou.

– É, é amargurante quando se começa a viver unicamente do passado – disse o velho, pensativo. – O que passou, é como vinho bebido! De que adianta a felicidade passada? O *caftan* ficou gasto, joga-se fora...

– É preciso um novo! – replicou Katierina, com um riso forçado, enquanto duas grossas lágrimas pendiam como diamantes de seus cílios reluzentes. – Quer dizer, não se pode viver uma vida inteira em um único minuto, e depois, um coração de menina é vivaz, não se deixa levar facilmente. Você sabia, meu velho? Olha, enterrei uma lagrimazinha em sua taça!

– E foi a preço de muita felicidade que comprou sua dor? – disse Ordínov, e sua voz tremia de emoção.

– Parece que você, senhor, tem muito de si mesmo vendido! – respondeu o velho –, para se intrometer onde não é chamado. – E soltou uma gargalhada maldosa e sem ruído, olhando insolentemente para Ordínov.

– Vendi pelo que custou – respondeu Katierina com uma voz um tanto descontente e ofendida. – O que para um parece muito, para outro é pouco. Um quer entregar tudo sem ficar com nada, outro não promete nada, e é a ele que segue o coração obediente! E você,

nunca censure ninguém – acrescentou ela, olhando para Ordínov com tristeza! –, uma pessoa é de um jeito, a outra não é a mesma pessoa, como se fosse possível saber por que uma alma anseia por um e não por outro! Encha sua taça, velho! Beba-a toda pela felicidade de sua filha amada, sua escrava dócil, submissa, como ela era no início, quando nos conhecemos. Erga a sua taça!

– Que assim seja! Encha também a sua! – disse o velho, pegando o vinho.

– Espere, meu velho! não beba ainda, deixe-me antes dizer uma palavra!..

Katierina apoiou os cotovelos sobre a mesa e, com um olhar ardente e apaixonado, fitava o velho fixamente nos olhos. Uma estranha determinação brilhava em seu olhar. Mas todos os seus movimentos eram inquietos, os gestos nervosos, inesperados e rápidos. Era como se ela toda estivesse em chamas, e isso se dava de um jeito maravilhoso. Era como se essa agitação e animação acentuassem sua beleza. De seus lábios entreabertos por um sorriso, exibindo duas fileiras de dentes brancos e regulares como pérolas, escapava uma respiração impetuosa, que lhe dilatava ligeiramente as narinas. O peito estava agitado; sua trança de três voltas sobre a nuca caía-lhe meio negligentemente sobre a orelha esquerda e cobria uma parte de suas faces afogueadas. Um leve suor brotava-lhe nas têmporas.

– Leia-me a sorte, velho! Leia-me a sorte, meu querido, leia antes de afogar de todo a razão; toma minha mão branca! Pois não é à toa que a nossa gente o chamava de bruxo. Você estudou nos livros e conhece qualquer escrita de magia negra! Então olha, velhote, conte-me toda a minha miserável sina; mas olhe lá, não minta! Pois bem, diga o que você mesmo sabe – encontrará sua filha a felicidade, ou você não a perdoará e chamará sobre seu caminho apenas uma sorte adversa e aflitiva? Diga, será aconchegante o canto onde farei meu ninho ou, como uma ave migradora, terei de passar o resto da vida órfãzinha, buscando meu lugar entre gente de bem? Diga quem é meu inimigo, quem está pronto a me dar amor, quem está tramando meu mal? Diga, terá meu coração jovem e fogoso de passar a vida toda na solidão até enlanguescer para sempre, ou encontrará seu par e começará a bater de alegria em harmonia com ele... até uma nova dor! Adivinha de uma vez por todas,

velhote, onde, em que céu azul, para além de que mares e florestas vive meu falcão fulgurante, e é com olhos vigilantes que está à espreita de sua companheira, é com amor que me espera, se apaixonará profundamente por mim, deixará logo de me amar, me enganará ou não enganará? E por último, meu velhote, diga-me tudo de uma vez por todas, ainda é muito longo o tempo que você e eu temos para matar juntos, para passar nesse canto inóspito, a ler livros obscuros; e quando é, meu velho, que poderei fazer-lhe uma profunda reverência, despedir-me em boa hora, agradecer pelo pão e pelo sal, por ter-me dado de beber e de comer, contado histórias?... Bem, veja lá, diga toda a verdade, não minta; chegou a hora, defenda-se!

Sua excitação foi aumentando mais e mais até a última palavra, quando, de repente, sua voz é embargada pela emoção, como se um turbilhão lhe arrebatasse o coração. Seus olhos lampejaram, e o lábio superior tremia ligeiramente. Podia-se perceber que em cada uma de suas palavras serpeava e se ocultava uma zombaria cruel, mas era como se em seu riso ressoasse o pranto. Ela se inclinou para o velho por cima da mesa e, com uma atenção ávida, cravou o olhar em seus olhos enevoados. Ordínov ouviu o coração dela começar de repente a palpitar quando se calou; soltou um grito de exaltação ao olhá-la e estava para se levantar do banco. Mas um olhar ligeiro e fulminante do velho tornou a fincá-lo no lugar. Uma estranha mistura de desprezo, zombaria, inquietação impaciente e irritadiça e, ao mesmo tempo, de curiosidade malévola e maliciosa transparecia nesse olhar ligeiro e fulminante, que a cada vez fazia Ordínov estremecer e a cada vez enchia-lhe o coração de bÍlis, despeito e de uma raiva impotente.

Pensativo, o velho olhava para a sua Katierina com uma curiosidade triste. Seu coração havia sido ferido, as palavras haviam sido proferidas. Mas nem mesmo a sobrancelha se moveu em seu rosto! Quando ela terminou, ele se limitou a sorrir.

– Você quer saber coisas demais de uma só vez, meu filhote de passarinho emplumado, minha rolinha de asas agitadas! Encha-me depressa a taça até a borda; bebamos primeiro pela reconciliação e por nossa boa vontade; senão, com o olho grande e

impuro de alguém, deito a perder meu desejo. O demônio é poderoso! o caminho do pecado é curto!

Ergueu a taça e a esvaziou. Quanto mais vinho bebia, mais pálido ficava. Seus olhos estavam vermelhos como brasa. Era evidente que seu brilho febril e a repentina lividez cadavérica de suas faces prenunciavam a iminência de um novo ataque de sua doença. O vinho era encorpado, tanto que com um único cálice os olhos de Ordínov foram se turvando cada vez mais. Seu sangue febrilmente inflamado não podia resistir por mais tempo: inundava-lhe o coração, turvava-lhe e baralhava-lhe a razão. Sua inquietação aumentava sempre mais e mais. Para atenuar sua excitação crescente, se serviu e tomou mais um gole, sem saber ele mesmo o que fazia, e o sangue começou a correr-lhe ainda mais rapidamente pelas veias. Era como se estivesse delirando e, mesmo concentrando toda a sua atenção, mal conseguia seguir o que se passava entre seus estranhos senhorios.

O velho bateu sonoramente com o cálice de prata sobre a mesa.

– Encha-o, Katierina! – gritou ele. – Encha mais, filhinha malvada, encha até transbordar! Põe o velho para dormir em paz, e aí chega dele! Isso mesmo, encha mais, encha, minha bela! Vamos beber juntos! Por que você bebeu tão pouco? Ou fui eu que não reparei...

Katierina lhe respondia algo, mas Ordínov não conseguia ouvir o quê exatamente: o velho não a deixou terminar; ele a agarrou pela mão, como se já não tivesse forças para conter tudo o que lhe oprimia o peito. Seu rosto estava pálido; os olhos, num momento se turvavam, no seguinte flamejavam como um fogo vivo; os lábios descorados tremiam, e com a voz irregular e perturbada, fazendo por instantes vibrar uma exaltação estranha, ele lhe disse:

– Dê-me sua mãozinha, minha bela! deixe-me ler a sua sorte, direi toda a verdade. Eu sou realmente um feiticeiro; pois é, você não se enganou, Katierina! é verdade o que disse seu coraçãozinho de ouro, que sou seu único feiticeiro, e que dele, que é simples e ingênuo, não ocultarei a verdade! Mas há uma coisa que você não compreendeu: não cabe a mim,

um feiticeiro, ensiná-la a viver e a raciocinar! A razão não é um capricho para uma menina, que ouve toda a verdade e é como se nada soubesse, nada entendesse! A própria cabeça é uma serpente astuta, mesmo quando o coração se afoga em lágrimas! Por si mesma encontrará seu caminho, passará rastejando em meio à adversidade, preservará sua vontade astuta! Ora vencerá com a inteligência, e ora, onde não vencer com a inteligência, estonteará com sua beleza, com seus olhos negros inebriará a inteligência – a beleza quebra a resistência; mesmo um coração de ferro se fende ao meio! E, ainda, se deverá esperar a tristeza em sua afliçãozinha? É profunda a tristeza humana! Mas a dor não frequenta o coração fraco! A dor se apresenta ao coração forte, sem fazer alarde se funde com lágrimas de sangue e não pede licença às pessoas de bem para sua doce desonra: já a sua dor, minha menina, é como uma pegada na areia, que a chuva lava, o sol seca, o vento impetuoso arrasa, varre! E deixe-me dizer mais, fazer-lhe um feitiço: àquele que de você se enamorar, você o seguirá como uma escrava, por si mesma tolherá sua liberdadezinha, a entregará em penhor, e já não poderá mais recobrá-la; quando chegar a hora, não conseguirá se desapaixonar a tempo; semeará um grão, mas seu corruptor tomará em troca uma espiga inteira! Minha doce criança, cabecinha de ouro, você sepultou em meu cálice uma perolazinha de lágrima, e por causa dela não se conteve, cem derramou no mesmo instante, desperdiçou palavrinhas graciosas e se gabou com pena de sua cabecinha! E por ela, por uma lagrimazinha, uma gota de orvalho celeste, não havia necessidade de se afligir nem de se lamentar! Ela refluirá a você com vantagem, sua perolazinha de lágrima, numa noite longa, numa malfadada noite, quando começar a corroê-la uma afliçãozinha cruel, um pensamentozinho impuro – então, sobre seu coração ardente, tudo por causa dessa mesma lagrimazinha, pingará a lágrima de um outro, e não uma lágrima cálida, mas de sangue, como que de chumbo fundido; queimará seu seio branco até sangrar, e até a manhã melancólica e sombria que chega com os dias de tempo ruim, você se debaterá em seu pobre leito, seu sangue escarlata gotejando, e sem ver curada sua ferida recente até a manhã seguinte! Sirva mais vinho, Katierina, sirva, minha pombinha, sirva-me por este sábio

conselho; e também não há por que prosseguir desperdiçando palavras...

Sua voz se enfraqueceu e começou a tremer: os soluços pareciam prestes a irromper de seu peito... Ele se serviu outro cálice de vinho e o tomou avidamente; depois tornou a bater com o cálice sobre a mesa. Seu olhar turvo se acendeu uma vez mais como uma chama.

– Ah! viva como quiser viver! – gritou ele. – O que passou, passou, um peso a menos para os meus ombros! Sirva-me, sirva mais, ofereça-me mais um cálice transbordando, para arrancar dos ombros essa cabecinha turbulenta e entorpecer toda a alma! Põe-me para dormir por uma noite longa, mas sem manhã, para que a memória se apague para sempre. O que foi bebido, foi vivido! Quer dizer, o comerciante tem uma mercadoria sobrando, encalhada, ele a entrega por uma pechincha! Mas esse comerciante não a venderia por livre e espontânea vontade abaixo de seu preço, se derramaria não só o sangue inimigo como correria também o sangue inocente e esse freguês ainda por cima arruinaria sua pobre alma! Sirva, sirva-me mais, Katierina!..

Mas a mão com que segurava a taça ficou como que paralisada e não se movia; respirava pesadamente e com dificuldade, a cabeça tombou-lhe sem querer. Pela última vez fixou seu olhar turvado em Ordínov, mas também esse olhar acabou por se esmorecer, e caíram-lhe as pálpebras, como se fossem de chumbo. Uma palidez mortal se espalhou por seu rosto... Por algum tempo seus lábios continuaram a se mexer e a estremecer, como se ainda se esforçasse para pronunciar alguma coisa – e de súbito uma lágrima quente e grossa, suspensa em seus cílios, caiu e rolou lentamente por suas faces pálidas... Ordínov já não tinha mais forças para suportar isso. Ele se pôs de pé e, cambaleando, deu um passo à frente, aproximando-se de Katierina, e a agarrou pelo braço; mas ela sequer voltou para ele o olhar, como se não tivesse reparado nele, como se não o tivesse reconhecido...

Ela também parecia ter perdido a consciência, parecia completamente absorvida por um único pensamento, por uma idéia fixa. Atirou-se sobre o peito do velho que dormia, cingiu-lhe o pescoço com seu braço branco e ficou fitando-o imóvel, com um olhar ardente

e inflamado, como se estivesse presa a ele. Era como se nem se desse conta de que Ordínov a segurava pelo braço. Por fim voltou a cabeça para ele e lançou-lhe um olhar longo e penetrante. Parecia que ela finalmente o havia compreendido, e um sorriso de pesar e de espanto, de fazer pena, como se fosse de dor, assomou-se-lhe aos lábios...

– Vai embora, vai – murmurou ela –, você é bêbado e malvado! Você não é meu hóspede!.. – Nisso ela se voltou de novo para o velho e tornou a se prender a ele com os olhos.

Era como se espreitasse cada suspiro dele e velasse seu sono com o olhar. Era como se ela mesma sentisse medo de respirar e refreasse seu coração incandescente. E havia uma adoração tão alucinada em seu coração, que um desespero, uma raiva e um ódio incontido apoderaram-se imediatamente da alma de Ordínov...

– Katierina! Katierina! – chamava ele, apertando-lhe o braço como que num torno.

Uma sensação de dor atravessou o rosto dela; tornou a erguer a cabeça e a olhar para ele com uma tal expressão de escárnio, de tão insolente desprezo, que ele a custo conseguiu se manter de pé. Depois apontou-lhe o velho dormindo – como se todo o ar de escárnio de seu inimigo tivesse se transferido para os olhos dela – e fitou de novo Ordínov com um olhar dilacerado, glacial.

– O quê? Por acaso vai me matar? – proferiu Ordínov, fora de si de raiva.

Era como se seu demônio lhe tivesse sussurrado ao ouvido que ele a havia entendido... E todo o seu coração se pôs a rir da idéia fixa de Katierina...

– Eu a comprarei, minha bela, de seu comerciante, já que minha alma precisa de você! Como se ele pudesse matar!..

Um riso imóvel, que Ordínov sentia mortificar todo o seu ser, não abandonava o rosto de Katierina. Aquele escárnio sem fim lhe dilacerava o coração. Fora de si, quase que em estado de inconsciência, ele apoiou a mão na parede e tirou de um prego uma faca antiga e preciosa do velho. No rosto de Katierina pareceu refletir-se uma expressão de assombro; mas era como se ao mesmo tempo a raiva e o desprezo se refletissem pela

primeira vez em seus olhos com tanta intensidade. Ao olhar para ela, Ordínov se sentiu desfalecer... Sentia como se alguém extirpasse, impelisse sua mão desorientada a cometer uma insensatez; retirou a faca... Katierina, imóvel, com a respiração como que suspensa, seguia seus movimentos...

Ele lançou um olhar para o velho...

Nesse momento teve a impressão de que um dos olhos do velho se abria lentamente e, rindo, se fixava nele. Seus olhos se encontraram. Por alguns instantes, Ordínov ficou olhando-o imóvel... De repente teve a impressão de que o rosto todo do velho se pusera a rir e que uma gargalhada diabólica, assassina, glacial ressoou enfim pelo quarto. Um pensamento medonho e hediondo arrastou-se como uma serpente em seu cérebro. Começou a tremer; a faca caiu-lhe das mãos e tilintou no chão. Katierina soltou um grito, como se despertasse de um sonho, de um pesadelo, de uma visão fixa penosa... O velho levantou-se da cama lentamente, pálido, e cheio de rancor chutou a faca para um canto do quarto. Katierina continuava de pé, pálida, lívida, imóvel; com os olhos fechados; sinais de uma dor surda e insuportável imprimiam-se convulsivamente em seu rosto; ela o cobriu com as mãos e, com um grito lancinante, caiu quase exânime aos pés do velho...

– Aliócha! Aliócha! – escapou-lhe do peito oprimido...

O velho a cingiu com seus braços poderosos, quase esmagando-a contra seu peito. Mas, quando ela ocultou a cabeça sobre seu coração, cada traço do rosto do velho se pôs a rir com um riso tão insolente, descarado, que Ordínov sentiu todo o seu ser tomado de horror. Embuste, cálculo, uma tirania fria e ciumenta e terror sobre um pobre coração despedaçado – foi o que ele percebeu nesse riso descarado que agora se escancarava...

III

Quando, por volta de oito horas da manhã do dia seguinte, Ordínov, pálido e alarmado, ainda atordoado pelas emoções do dia anterior, abriu a porta do apartamento de Iaroslav Ilitch, para onde viera, aliás, sem nem bem saber por que, recuou, pasmo, e ficou

plantado à soleira, ao ver Múrin nos aposentos. O velho estava ainda mais pálido que Ordínov e parecia mal conseguir se agüentar de pé por causa de sua doença; aliás, nem quis se sentar, apesar dos convites todos de Iaroslav Ilitch, contentíssimo com uma tal visita. Iaroslav Ilitch também soltou um grito ao ver Ordínov, mas sua alegria desapareceu quase no mesmo instante, e um certo embaraço de repente o apanhou completamente de surpresa, a meio caminho entre a mesa e a cadeira que estava ao lado. Era evidente que ele não sabia o que dizer, o que fazer, e que estava perfeitamente consciente de toda a inconveniência de tragar seu cachimbinho turco num momento tão delicado, deixando a visita à própria conta, e no entanto (tão grande era o seu desconcerto) tirou assim mesmo uma baforada com todas as suas forças e até quase com uma certa inspiração. Ordínov acabou por entrar nos aposentos. Lançou um ligeiro olhar para Múrin. Algo parecido com o sorriso malicioso do dia anterior, e que ainda agora deixava Ordínov tremendo de indignação, perpassou o rosto do velho. Aliás, toda a hostilidade foi dissimulada e desapareceu no mesmo instante, e a expressão de seu rosto assumiu o mais inacessível e reservado aspecto. Fez uma reverência profunda ao seu inquilino... Toda esta cena acabou por reavivar a consciência de Ordínov. Ele fixou o olhar em Iaroslav Ilitch, desejando inteirar-se da situação. Iaroslav Ilitch começou a tremer, hesitante.

– Mas entre, entre – acrescentou por fim – entre, meu caríssimo Vassíli Mikháilovitch, dê-nos a honra de sua presença e põe o selo... sobre todos estes objetos ordinários... – proferiu Iaroslav Ilitch, apontando com a mão um canto do cômodo, fazendo-se rubro como uma papoula, todo embaraçado e confuso pelo fato de sua mais nobre frase ter gorado e malgrado inutilmente, enquanto com grande ruído puxava uma cadeira bem para o meio do cômodo.

– Não o incomodo, Iaroslav Ilitch? queria... em dois minutos.

– Por favor! como se o senhor pudesse incomodar-me, senhor... Vassíli Mikháilovitch! Mas – permita-me oferecer-lhe uma xícara de chá, senhor! Ei! criado!.. Estou certo de que o senhor também não recusará mais uma xicrinha!

Múrin acenou com a cabeça, dando assim a entender que não recusaria absolutamente.

Iaroslav Ilitch pôs-se a gritar para o criado que vinha entrando e com extrema severidade exigiu mais três copos, depois se sentou ao lado de Ordínov. Por algum tempo ficou girando a cabeça, como um gatinho de gesso, ora para a direita, ora para a esquerda, de Múrin para Ordínov e de Ordínov para Múrin. Sua situação era realmente desagradável. Era evidente que queria dizer alguma coisa, realmente delicada, a seu modo de ver, pelo menos para uma das partes. Mas, não obstante todos os seus esforços, decididamente, não conseguia pronunciar uma palavra... Ordínov também parecia estar perplexo. Houve um momento em que ambos de repente começaram a falar ao mesmo tempo... O sinistro Múrin, que os observava com curiosidade, abriu lentamente a boca, pondo à mostra todos os seus dentes, até o último...

– Vim lhe comunicar – disse de repente Ordínov – que, por causa de um incidente dos mais desagradáveis, me vejo forçado a deixar meu alojamento, e...

– Imagine só, que estranha coincidência! – interrompeu-o de repente Iaroslav Ilitch.
– Admito que fiquei fora de mim de assombro quando este respeitável senhor comunicou-me hoje pela manhã a sua decisão. Mas...

– *Ele* lhe comunicou? – perguntou Ordínov assombrado, olhando para Múrin.

Múrin cofiou a barba e pôs-se a rir consigo mesmo.

– Sim, senhor – reafirmou Iaroslav Ilitch –, aliás, posso até estar enganado. Mas lhe digo sem hesitar – posso lhe garantir, pela minha honra, que nas palavras deste respeitável velho não houve sequer uma sombra de ofensa ao senhor!...

Nisso Iaroslav Ilitch corou e só a muito custo conseguiu reprimir sua agitação. Múrin, que afinal parecia se divertir a valer com o embaraço do dono da casa e de sua visita, deu um passo à frente.

– Era disso que falava, vossa excelência – começou ele, inclinando-se polidamente para Ordínov –, tomei a liberdade de incomodar um pouco sua excelência por conta do

senhor... Isto é, em suma, senhor, acontece – como o senhor mesmo sabe – eu e minha patroa, quer dizer, faríamos muito gosto, de coração, e nem nos atreveríamos a dizer palavra... mas o senhor mesmo sabe que vida é a minha, o senhor mesmo está vendo, meu senhor! Na verdade, só o Senhor mesmo para velar por nossa vida, é por isso que oramos à Sua santa vontade; senão, o senhor mesmo vê, senhor, o que me restaria fazer, sair arrancando os cabelos? – Nisso Múrin tornou a esfregar a barba com a manga.

Ordínov quase teve um treco.

– Sim, é verdade, eu mesmo lhe falei a seu respeito: é doente, isto é, um *malheur*... isto é, eu quis me expressar em francês, mas, perdoe-me, não domino tão bem o francês, isto é...

– É isso, senhor...

– É isso, senhor, isto é...

Ordínov e Iaroslav Ilitch fizeram uma leve reverência um ao outro, cada um de sua cadeira e um pouco de través, e ambos tentaram disfarçar o embaraço que se instalou com um sorriso de desculpa. O prático Iaroslav Ilitch se recompôs imediatamente.

– Eu, ademais, fiz um interrogatório detalhado a este honesto homem – começou –, ele me dizia que a doença dessa mulher...

Nisso o sensível Iaroslav Ilitch, certamente por desejar disfarçar o ligeiro embaraço que começava de novo a aflorar em seu rosto, voltou-se rapidamente para Múrin com um olhar interrogativo.

– Isso mesmo, da nossa senhoria...

O delicado Iaroslav Ilitch não insistiu.

– Da senhoria, isto é, de sua antiga senhoria, eu, de qualquer modo, realmente... bem, está certo! Ela, o senhor vê, é uma mulher doente. Ele diz que ela o atrapalha... em seus estudos, e que ele mesmo... o senhor escondeu de mim uma circunstância importante, Vassíli Mikháilovitch!

– Qual?

– A respeito do fuzil, senhor – proferiu quase num sussurro Iaroslav Ilitch, com uma voz bem indulgente, e talvez com uma milésima fração de reproche soando ternamente em seu cordial tenor. – Mas – precipitou-se a acrescentar – eu sei de tudo, ele me contou tudo, e o senhor foi muito generoso, absolvendo-o de sua culpa involuntária perante o senhor. Juro que vi lágrimas em seus olhos!

Iaroslav Ilitch tornou a enrubescer; seus olhos começaram a brilhar e ele se virou em sua cadeira emocionado.

– Eu, isto é, nós, senhor, sua excelência, isto é, eu, por assim dizer, junto com a minha senhora, como pedimos a Deus pelo senhor – começou Múrin dirigindo-se a Ordínov e olhando-o fixamente, enquanto Iaroslav Ilitch procurava conter sua habitual agitação –, e o senhor mesmo sabe, senhor, que ela é uma mulher adoentada e simplória; eu mesmo mal me agüento de pé...

– Mas estou disposto a me mudar – disse Ordínov com impaciência –, chega, por favor; nem que seja agora!..

– Não, quer dizer, senhor, em muita coisa estamos satisfeitos com sua benevolência (Múrin fez uma profunda reverência). Eu, não era ao senhor que me referia; só queria dizer uma coisa – é que ela, senhor, é quase minha parente, quer dizer, afastada, por exemplo, como se diz, de sétimo grau, quer dizer, não precisa sentir repugnância pelo que lhe digo, senhor, somos gente ignorante – e depois ela é assim desde pequena! Uma cabecinha doente, ferosa, cresceu no bosque, cresceu em meio aos mujiques, o tempo todo entre os barqueiros e os operários da fábrica; e aí a casa deles pega fogo; a mãe, senhor, *a dela*, é queimada, o pai teve sua alma desgraçada – pergunte para ver, sabe-se lá o que ela vai lhe contar... Eu só não fico me intrometendo, mas uma junta me-mé-di-ica a examinou em Moscou... em suma, senhor, ficou completamente variada, isso é que é! Sou tudo o que lhe restou, e é comigo que vive. E vamos vivemos, fazemos nossas preces, acreditamos na onipotência divina; agora, eu é que não a contrario em nada...

O rosto de Ordínov chegou a mudar de cor. Iaroslav Ilitch olhava para um e outro,

alternadamente.

– Mas não se trata disso, senhor... não! – corrigiu-se Múrin, balançando a cabeça com um ar grave. – Ela, por assim dizer, é como uma rajada de vento, como um tufão, uma cabeça tão passional e impetuosa, sonha o tempo todo com um amiguinho querido – me perdoem se falo assim –, mas prometam um namoradinho ao seu coração: é essa a sua obsessão. Eu a engabelo com histórias, e como engabelo. Mas eu bem que vi, senhor, como ela – mas me perdoe, senhor, por minhas palavras estúpidas – continuou Múrin, fazendo uma reverência e esfregando a barba com a manga –, por exemplo, fez amizade com o senhor; o senhor, isto é, digamos assim, vossa senhoria, bem que ficou caído de amor por ela...

Iaroslav Ilitch ficou rubro e lançou um olhar de recriminação a Múrin. Ordínov a custo permanecia sentado na cadeira.

– Não, quer dizer, eu, meu senhor, não é isso... eu, meu senhor, foi sem malícia, sou um mujique, estou a seu dispor... é verdade, somos uma gente ignorante, nós, meu senhor, somos seu criado – pronunciou ele com uma profunda reverência –, e como minha mulher e eu haveremos de pedir a Deus por vossa senhoria em nossas orações!.. Quanto a nós? Estando alimentados, com saúde, queixar não nos *queixamos*; e eu então, meu senhor, o que hei de fazer, pôr uma corda no pescoço? O senhor mesmo sabe, meu senhor, são coisas da vida, tenha piedade de nós, e o que mais haveria ainda de acontecer, meu senhor, ainda mais com um amante!.. me perdoe, meu senhor, alguma palavra rude... sou um mujique, meu senhor, enquanto o senhor é um fidalgo... o senhor, meu senhor, vossa senhoria, é um homem jovem, orgulhoso, feroso, enquanto ela, meu senhor, o senhor mesmo o sabe, é uma verdadeira criança, sem juízo – para cair em pecado, não precisa ir longe! Ela é moça, viçosa, corada, encantadora, enquanto eu sou um velho, sempre cheio de achaques. Pois é, e agora? foi o demônio, decerto, que tentou sua senhoria! eu fico o tempo todo engabelando-a com histórias, e realmente a engabelo. Minha nossa, como minha mulher e eu haveríamos de rezar a Deus por vossa senhoria! Quer dizer, quanto havemos de rezar! E

além do mais, o que o senhor, sua senhoria, haveria de querer com ela, embora seja encantadora, não passa de uma moça simplória, de uma roceira mal-lavada, uma caipira estúpida, parceira para mim, um mujique! Não fica bem para o senhor, por exemplo, um fidalgo, meu caro senhor, se dar com camponesas! Minha nossa, como eu e ela havemos de pedir a Deus por vossa senhoria, quanto havemos de pedir!..

Nessa hora Múrin inclinou-se numa reverência profunda e levou bastante tempo até endireitar as costas, esfregando sem parar a barba com a manga. Iaroslav Ilitch ficou sem saber o que fazer.

– É verdade, senhor, este bom homem – observou ele, todo confuso – me falava de certos incidentes, senhor, que ocorreram entre os senhores, eu não me atrevo a acreditar, Vassíli Mikháilovitch... Ouvi dizer que o senhor ainda continua doente, senhor – se interrompeu rapidamente com os olhos lacrimejando de emoção, olhando para Ordínov num embaraço total.

– É verdade, senhor... Quanto lhe devo? – perguntou rapidamente Ordínov a Múrin.

– O que está dizendo, meu nobre senhor? basta! Pois não somos nenhum judas-traidor. Por que, meu senhor, está nos ofendendo! Deveria se envergonhar, meu senhor; em que minha pobre esposa e eu o ofendemos? Por caridade, senhor!

– Mas, entretanto, isto é estranho, meu amigo; pois ele era seu inquilino; não lhe ocorre que com sua recusa o está ofendendo? – interveio Iaroslav Ilitch, considerando ser seu dever mostrar a Múrin toda a estranheza e indelicadeza de sua atitude.

– Mas, por caridade, meu pai! O que está dizendo, meu senhor? por caridade, senhor! e o que foi que fizemos para não merecer sua estima? Pois mais do que nos esforçamos, fizemos tudo quanto podíamos, por caridade! Basta, meu senhor; basta, nobre senhor, que Deus o perdoe! O que somos nós, uns infieis, ou o quê? Se tivesse ficado em nossa casa, comido da nossa comida de gente simples e feito bom proveito, dormido lá – não teríamos dito nada, e... e não teríamos pronunciado uma palavra; mas o diabo foi meter o bedelho, eu sou um homem adoentado, e também minha mulher anda adoentada – o que se há de fazer!

Não havia ninguém para servi-lo, mas teríamos ficado contentes, contentes de todo coração. Minha nossa, como minha senhora e eu haveríamos de pedir a Deus por sua senhoria, quer dizer, quanto havemos de pedir!

Múrin fez uma profunda reverência. Uma lágrima se espremeu dos olhos exaltados de Iaroslav Ilitch. Foi com entusiasmo que ele olhou para Ordínov.

– Diga, que traço de generosidade esse, senhor! Que sagrado senso de hospitalidade repousa sobre o povo russo, senhor!

Ordínov lançou um olhar enfurecido para Iaroslav Ilitch. Ele ficou quase estarelecido... e o olhou da cabeça aos pés.

– E é verdade, meu senhor, temos verdadeira veneração pela hospitalidade, quer dizer, e que veneração, meu senhor! – confirmou Múrin, cobrindo a barba com toda a manga. – Para dizer a verdade, me vem agora um pensamento: o senhor poderia ser nosso hóspede, meu senhor, juro que poderia – continuou ele, acercando-se de Ordínov –, e eu não teria nada contra, meu senhor; um diazinho ou dois, eu não diria nada, nada mesmo. Mas o diabo infelizmente meteu o bedelho, veja a minha senhora mesmo como é doente. Ah, se não fosse minha senhora! Pois se eu, por exemplo, fosse sozinho: minha nossa, como iria poder servir vossa senhoria, aí sim iria cuidar do senhor, nossa, como iria cuidar! A quem então, se não à sua senhoria, haveria de servir? Então eu o curaria, é verdade que o curaria, até os remédios conheço... é verdade, seria nosso hóspede, meu senhor, eu juro, eis a palavra exata, nosso hóspede!..

– Não haveria, de fato, um meio? – observou Iaroslav Ilitch... mas nem chegou a terminar.

Ordínov havia cometido uma injustiça, pouco antes, ao olhar para Iaroslav Ilitch da cabeça aos pés com um assombro selvagem. Ele era, sem dúvida, uma pessoa das mais íntegras e nobilíssima, mas agora havia compreendido tudo e, a bem da verdade, sua situação era bem embaraçosa! Tinha vontade, como se diz, de racha de rir! Se estivesse sozinho, só ele e Ordínov – dois amigos como eles! –, Iaroslav Ilitch certamente não teria

se contido e teria se entregado sem reservas a um arroubo de alegria. Em todo caso, ele o faria com grande dignidade, depois de rir apertaria a mão de Ordínov com simpatia, assegurando-lhe com toda a sinceridade e justiça que sentia por ele redobrado respeito e que em todo caso o desculpava... e, por fim, teria feito vistas grossa, por conta de sua juventude. Mas agora, por sua conhecida delicadeza, encontrava-se numa situação bem embaraçosa e quase sem saber onde enfiar a cara...

– Um meio, ou seja, um remédio! – replicou Múrin, cujo rosto fremia todo por causa da inoportuna alusão de Iaroslav Ilitch. – Eu, em suma, meu senhor, na minha estupidez de mujique, o que diria – continuou ele, avançando mais um passo –, é que o senhor, meu senhor, é um homem de livros, se enfurnou demais em suas leituras; diria que se tornou espantosamente inteligente; mas ela, isto é, como se costuma dizer em russo entre nós, os mujiques, sua inteligência, passou para trás sua sabedoria...

– Basta! – interrompeu-o severamente Iaroslav Ilitch...

– Estou indo – disse Ordínov –, eu o agradeço, Iaroslav Ilitch; virei, virei vê-lo, sem falta – disse ele, diante da gentileza redobrada de Iaroslav Ilitch, que já não tinha forças para detê-lo por mais tempo. – Adeus, adeus...

– Adeus, vossa excelência; adeus, meu senhor; não se esqueça de nós, venha visitar estes pecadores.

Ordínov não ouviu mais nada; saiu como um louco.

Não podia mais suportar, sentia-se mortificado; sua consciência parecia entorpecida. Tinha uma vaga sensação de que sua doença o estava sufocando, mas um frio desespero havia se apossado de sua alma, e ele sentia apenas que uma dor surda o despedaçava, o afligia e sugava-lhe o peito. Teve vontade de morrer nesse instante. Sentiu fraquejar-lhe as pernas e acorrou-se junto a uma paliçada sem fazer caso de mais nada, nem das pessoas que passavam, nem da multidão que começava a se juntar em torno dele, nem dos apelos e indagações dos curiosos que o cercavam. Mas, de repente, da multidão de vozes ressoou sobre ele a voz de Múrin. Ordínov ergueu a cabeça. O velho estava realmente de pé diante

dele; seu rosto pálido estava sério e pensativo. Este já era um homem completamente diferente daquele que tão grosseiramente havia escarnecido dele diante de Iaroslav Ilitch. Ordínov se levantou; Múrin o pegou pelo braço e o tirou do meio da multidão...

– Ainda tem de pegar suas coisas – disse ele, lançando um olhar de soslaio a Ordínov –, não se desespere, senhor! – exclamou Múrin. – Você é jovem, para que se desesperar!

Ordínov não respondeu.

– Está se sentindo ofendido, senhor? Pelo jeito, está profundamente dominado pela raiva... mas sem motivo; cada um cuida do que é seu, cada um protege o seu bem!

– Eu não o conheço – disse Ordínov –, não quero saber dos seus segredos. Mas ela! ela!.. – murmurou ele, e lágrimas abundantes começaram a correr de seus olhos aos borbotões. O vento as arrebatava uma a uma de suas faces... Ordínov as enxugava com a mão. Seu gesto, seu olhar, o movimento involuntário de seus lábios trêmulos e arroxeados – tudo nele pressagiava a loucura.

– Eu já lhe expliquei – disse Múrin, franzindo as sobrancelhas –, ela é meio louca! Por que e como enlouqueceu... para que você precisa saber? Só que a mim ela é cara mesmo assim! Eu a amo mais do que à minha própria vida e não a darei a ninguém. Entende agora?

Por um átimo nos olhos de Ordínov lampejou uma flama.

– Mas então por que... por que é que me sinto agora como se tivesse perdido a vida. Por que sinto essa dor em *meu* coração? Por que fui conhecer Katierina?

– Por quê? – Múrin deu um sorriso e ficou pensativo. – Por que, nem eu mesmo sei por quê – murmurou enfim. – A índole feminina não é nenhum mar insondável, reconhecê-la você reconhece, mas é astuta, tenaz, resistente! Vamos, diz, eu quero, e é pra já! Parece que ela, realmente, senhor, queria me abandonar para ir com o senhor – prosseguiu com um ar absorto. – Enjoou do velho, depois de sugar dele tudo quanto era possível sugar! O senhor, parece, lhe agradou profundamente desde o início! Mas tanto faz, o senhor, ou um outro... Eu é que não a contrario em nada; se sentir vontade de leite de

passarinho, até leite de passarinho eu tiro; se não existir tal pássaro, eu mesmo fabrico um pássaro assim! Ela é vaidosa! Persegue sua liberdadezinha, mas nem ela mesma sabe com o que se encapricha seu coração. E daí resulta que é melhor deixar tudo como estava! Ora, senhor! você é muito jovem! Ainda tem o coração impetuoso como o de uma mocinha abandonada que enxuga as lágrimas com a manga! Saiba, senhor: um homem fraco sozinho não consegue se controlar! Dê-lhe tudo e ele mesmo virá devolver tudo, dê-lhe a posse de metade do reino da terra, experimente – o que você acha? Ali mesmo, ele vai na mesma hora se esconder em seu sapato, de tanto que se diminuirá. Dê a ele, ao homem fraco, uma liberdadezinha – ele mesmo a atará e a trará de volta. Para um coração tolo, nem a liberdade de nada serve! Não se pode sobreviver com uma índole dessa! Se lhe digo isso tudo, assim, é porque ainda é muito rapazinho! O que você é para mim? Você veio mas está indo – você ou um outro, tanto faz! Desde o princípio, eu já sabia que ia dar nisso. Mas não se pode contrariá-la! não se pode pronunciar uma palavra em contrário, se se quer conservar a felicidade. Pois isso, saiba, senhor – continuou a filosofar Múrin –, é só falar por falar: o que não acontece nessa vida? Na hora da raiva você pega uma faca, se estiver desarmado, vai em cima do inimigo com as mãos vazias, como se ele fosse um carneiro, e rasga sua garganta com os dentes. Agora, suponhamos que essa mesma faca fosse colocada em sua mão e que fosse seu próprio inimigo a escancarar amplamente o peito diante de você, estou certo de que você recuaria!

Entraram no pátio. O tártaro, que tinha avistado Múrin ainda de longe, tirou o gorro diante dele e encarou Ordínov com uma ar de malícia.

– Cadê sua mãe? está em casa? – gritou-lhe Múrin.

– Sim, está em casa.

– Diga-lhe para vir ajudá-lo a carregar suas tralhas. E você também, anda!

Subiram as escadas. A velha criada de Múrin, que se verificou ser de fato mãe do porteiro, juntou os trastes do ex-inquilino e, resmungando, atou-os em uma grande trouxa.

– Espere; eu mesmo ainda trarei uma de suas coisas que ficou lá...

– Múrin entrou em casa. Voltou um minuto depois e deu a Ordínov um rico travesseiro, todo bordado em seda e fios de lã – o mesmo que lhe havia colocado Katierina quando ele adoeceu.

– É ela quem está lhe mandando isto – disse Múrin. – E agora vá em paz e, olhe lá, não vá ficar vagueando por aí – acrescentou a meia voz, num tom paternal, senão será pior para você.

Via-se que ele não queria ofender seu inquilino. Mas quando este lhe lançou um último olhar, então lhe aflorou claramente no rosto um involuntário acesso de cólera incontido. Fechou a porta na cara de Ordínov quase com aversão.

Duas horas depois Ordínov havia se mudado para a casa do alemão Spiess. Tínkhen, ao vê-lo, deixou escapar um “ah”. Perguntou-lhe imediatamente sobre sua saúde e, ao saber como estavam as coisas, se dispôs logo a tratar dele. O velho alemão mostrou satisfeito a seu inquilino que estava justamente para ir ao portão fixar de novo o anúncio, já que nesse dia expirava o sinal deixado por ele, do qual havia calculado precisamente, até o último copeque, cada dia de aluguel. Com isso o velho não perdeu a ocasião de gabar com perspicácia a pontualidade e a honestidade alemã. Nesse mesmo dia Ordínov caiu doente e só depois de três meses pode se levantar da cama.

Aos poucos foi se restabelecendo e começou a sair. A vida em casa do alemão era monótona e tranqüila. O alemão não tinha nada de particular; a graciosa Tínkhen, sem falar da moral, era tudo o que se podia desejar – mas aos olhos de Ordínov era como se a vida tivesse perdido para sempre o colorido! Havia se tornado contemplativo e irritável; sua impressionabilidade tomou um aspecto mórbido, e sem se dar conta foi caindo num estado de hipocondria aguda e feroz. Os livros ficavam às vezes semanas inteiras sem serem abertos. O futuro estava bloqueado para ele, seu dinheiro estava indo embora, e ele de antemão cruzou os braços; nem sequer pensava no futuro. Às vezes a antiga febre pela ciência, o antigo fervor, as antigas imagens criadas por ele se levantavam nitidamente do passado diante dele, mas não faziam senão oprimir e sufocar sua energia. Os pensamentos

não se convertiam em atos. A criação havia se estancado. Parecia que todas estas imagens haviam se tornado gigantes de propósito em sua imaginação, para rir da impotência dele, o próprio criador delas. Sem querer, nos momentos de tristeza, se pegava se comparando com aquele aprendiz de feiticeiro gabola que, depois de roubar a palavra mágica de seu mestre, ordenou à vassoura para carregar a água e se afogou nela por ter esquecido como se diz: “Pare”. Talvez se realizasse nele uma idéia integral, original, autêntica. Talvez estivesse predestinado a ser um artista na ciência. Pelo menos antes ele mesmo acreditava nisso. Uma fé sincera já é uma garantia para o futuro. Mas agora tinha momentos em que ele próprio ria de suas convicções cegas e não dava um passo adiante.

Meio ano antes ele havia concebido, criado e posto no papel um esboço bem elaborado de uma criação em que (devido à sua juventude), nas horas de pausa criativa, baseava as mais concretas esperanças. A obra era dedicada à história da igreja, e de sua pena brotavam as mais calorosas e fervorosas convicções. Agora pegou para reler esse plano e se pôs a refazê-lo: ele o repensava, lia, esgaravatava e acabou por rejeitar sua idéia sem construir nada sobre as ruínas. Mas algo parecido com um misticismo, uma crença na predestinação e no mistério, começava a penetrar em sua alma. O infeliz sentia seus sofrimentos e implorava a Deus por sua cura. A criada do alemão, uma velha russa muito beata, contava com gosto como reza o seu inquilino pacato e como passa horas a fio, como que inanimado, deitado no chão da igreja...

Ele não dizia uma palavra a ninguém sobre o que lhe havia acontecido. Mas por vezes, sobretudo à hora do crepúsculo, a hora em que as badaladas surdas dos sinos lhe recordavam o instante em que pela primeira vez todo o seu peito começou a palpitar, a sofrer por um sentimento até então desconhecido, quando ficou ajoelhado ao lado dela na casa de Deus, esquecido de tudo, apenas ouvindo as batidas do tímido coração dela, quando banhou com lágrimas de alegria e entusiasmo a nova e luminosa esperança que cintilava em sua vida solitária – nessa hora uma tempestade levantava-se de sua alma para sempre ferida. Nessa hora seu espírito fremia e os suplícios do amor tornavam a arder-lhe no peito

como uma chama acesa. Nessa hora o coração doía-lhe triste e apaixonadamente e seu amor parecia crescer junto com sua consternação. Com freqüência, esquecido de si e de toda a sua vida cotidiana, esquecido do mundo, passava horas a fio sentado num mesmo lugar, solitário e desconsolado, balançava a cabeça, desiludido, deixando correr lágrimas silenciosas e murmurando para si mesmo: “Katierina! Minha pombinha adorada! Minha irmãzinha solitária!..”

Um pensamento monstruoso começou a atormentá-lo cada vez mais. Perseguiu-o cada vez com mais insistência e a cada dia tomava uma forma mais verossímil e real diante de seus olhos. Tinha a impressão – e ele mesmo acabou por acreditar em tudo –, tinha a impressão de que Katierina estava em seu perfeito juízo, mas que Múrin, a seu modo, estava certo em defini-la como um coração fraco. Tinha a impressão de que algum mistério a ligava ao velho, mas que Katierina, pura como uma pomba, sem ter consciência de seu crime, havia acabado em seu poder. Quem eram eles? Isso não sabia. Mas sonhava incessantemente com uma tirania profunda e implacável sobre uma pobre criatura indefesa; e seu coração se revoltava, palpitando em seu peito com uma indignação impotente. Tinha a impressão de que, diante dos olhos assustados de uma alma que de repente havia recuperado a visão, representavam perfidamente sua queda, torturavam perfidamente seu pobre coração *fraco*, distorciam a verdade para ela a torto e a direito, mantinham sua cegueira de propósito quando necessário, lisonjeavam astutamente a inclinação inexperiente de seu coração confuso e impetuoso e pouco a pouco iam cortando as asas de sua alma livre e audaciosa, incapacitada, por fim, tanto de se rebelar como de se arrojar livremente para a verdadeira vida...

A cada dia Ordínov ia se tornando ainda mais selvagem do que antes, no que, é preciso ser justo, seus alemães não o incomodavam nem um pingo. Gostava de ficar flanando pelas ruas, por muito tempo, sem objetivo. Escolhia de preferência a hora do crepúsculo, e os lugares dos passeios eram os recantos perdidos, remotos, que as pessoas raramente visitavam. Numa tarde chuvosa e malsã de primavera, encontrou num desses

cafundós Iaroslav Ilitch.

Iaroslav Ilitch havia emagrecido visivelmente, seu olhar agradável estava meio apagado, e ele mesmo parecia todo desencantado. Corria apressado atrás de um assunto que não admitia delongas, ia todo molhado, sujo, e com uma gota de chuva que já a tarde toda lhe pendia de um modo quase fantástico do nariz, bem apresentável, mas agora meio arroxeadado. E além do mais havia deixado crescer as suíças⁷. Estas suíças, além do fato de que Iaroslav Ilitch o olhou de um modo como se quisesse se esquivar do encontro com um antigo conhecido seu, deixaram Ordínov boquiaberto... que coisa estranha! de certo modo chegou a machucar, a magoar seu coração, que até então nunca havia necessitado da compaixão de ninguém. Enfim, ele preferia o homem simples, bonachão, ingênuo de antes – nos atrevemos enfim a dizer francamente –, meio estúpido, mas sem a menor pretensão de se sentir desencantado e mais inteligente. E é desagradável quando um sujeito *estúpido*, do qual antes gostávamos, talvez, justamente por sua estupidez, *de repente fica mais inteligente*, é decididamente desagradável. Ademais, a desconfiança com que olhou para Ordínov se desfez no mesmo instante. A despeito de todo o seu desencanto, não havia absolutamente abandonado seu caráter de sempre, o qual, como se sabe, o homem leva para o túmulo, e foi com deleite que penetrou, tal qual era, na alma amiga de Ordínov. Antes de mais nada observou que estava muito atarefado, depois que fazia tempo que não se viam; mas de repente a conversa tomou um rumo estranho. Iaroslav Ilitch pôs-se a falar da falsidade das pessoas em geral, da precariedade dos bens do mundo terreno, da vaidade das vaidades, de passagem, até mais do que com indiferença, não perdeu a oportunidade de mencionar Púchkin, com um certo cinismo sobre as boas amizades e para encerrar até fez uma alusão à falsidade e à perfídia daqueles que se denominam no mundo de amigos, quando amizade de verdade nunca existiu na face da terra, nem mesmo em sonho. Em suma, Iaroslav Ilitch havia ficado mais inteligente. Ordínov não o contradisse em nada, mas sentiu uma tristeza pungente, indizível: como se tivesse enterrado seu melhor amigo!

⁷ Sinal de que Iároslav Ilitch havia deixado sua função imperial. Um edital interditava os funcionários de usar suíças. (N. do T.)

– Ah! imagine só – ia me esquecendo completamente de contar – proferiu de repente Iaroslav Ilitch, como que se lembrando de algo extremamente interessante – temos uma novidade! Eu mesmo lhe direi em segredo. Lembra do prédio em que o senhor morou?

Ordínov estremeceu e ficou pálido.

– Pois imagine o senhor que recentemente descobriram nesse prédio uma quadrilha de ladrões, isto é, meu caro senhor, um bando, um covil, senhor; contrabandistas, trapaceiros de toda espécie, vai saber quem são! Alguns foram agarrados, outros ainda estão apenas sendo perseguidos; ordens severíssimas têm sido dadas. E pode o senhor imaginar: lembra-se do senhorio do prédio, aquele homem beato, respeitável, de aparência distinta...

– E então?

– Depois disso julgue o senhor a humanidade inteira! Era ele o chefe de toda a quadrilha, o cabeça deles! Isso não é um absurdo, senhor?

Iaroslav Ilitch falava com emoção, e se por um único homem condenava a humanidade toda é porque Iaroslav Ilitch sequer poderia fazer de outro modo; isso era de sua natureza.

– E eles? e Múrin? – sussurrou Ordínov.

– Ah, Múrin, Múrin! Não, é um velho respeitável, distinto. Mas, permita-me, o senhor acaba de lançar uma nova luz...

– O que foi? ele também fazia parte do bando?

O coração de Ordínov parecia prestes a saltar para fora do peito de impaciência.

– Aliás, como o senhor pode dizer... – acrescentou Iaroslav Ilitch, fixando atentamente em Ordínov seu olhar mortiço, em sinal de que estava refletindo: – Múrin não poderia ser um deles. Há exatamente três semanas voltou com a mulher para casa, para sua pátria... Eu o soube pelo porteiro... aquele tartarozinho, lembra-se?

O “sonhador” de *A senhoria*, de Dostoiévski: um “homem supérfluo”

Quando se fala em literatura russa do século XIX, não há dúvida de que o que mais se sobressai é o fenômeno do herói, cujo poder de sedução se estendeu até os leitores de nossos dias. Criado num momento de desenvolvimento da consciência nacional do povo russo, quando está em constituição a figura do homem russo do novo tempo, a influência desse novo herói, que em geral pertence à nobreza, atravessou praticamente todo o século XIX. Conhecido a partir de Liérmontov como “herói do tempo”, seu surgimento está estreitamente relacionado com a criação do método do “realismo” na literatura russa. Por quase três décadas, a galeria de “heróis do tempo” apresentada pelos escritores russos foi toda composta pela figura do “homem supérfluo”, que a cada etapa do desenvolvimento social foi assumindo não só uma nova forma como outras atitudes em relação à vida.

Dostoiévski, sempre atento a todas as “vozes” que se faziam ouvir na sociedade em sua época, não poderia ter ficado indiferente justamente à que parecia soar mais alto e constituía um enorme desafio aos escritores russos. Com sua novela *A senhoria* ele apresenta, na figura de Ordínov, um “sonhador” romântico, não só um fenômeno, para ele, ainda corrente na vida russa em fins dos anos 40, mas também um novo elo na evolução do “herói do tempo”. E a intenção deste trabalho é tentar mostrar que, ao ser representado através de um método artístico capaz de penetrar em suas características mais determinantes, o “sonhador” romântico de *A senhoria* se revela mais um dos representantes simbólicos dessa geração de jovens aristocratas que, com Turguêniev, recebeu a denominação de “homem supérfluo”. Daí o narrador transitar entre a descrição realista e neutra de Petersburgo e a linguagem da poesia folclórica que distingue a figura de Katierina sem a menor cerimônia, fazendo de *A senhoria* uma novela realmente ousada do ponto de vista de seu estilo. Nela, a combinação de dois mundos que se revelam inconciliáveis, o da

Petersburgo de Ordínov e o da Rússia rural de Múrin e Katierina, produz um efeito impressionante no plano da linguagem.

A senhoria é uma obra que difere muito de todos os outros trabalhos de Dostoiévski e constitui sua primeira tentativa de caracterização de um tipo e de um tema que iriam ocupá-lo praticamente durante toda a sua carreira. No Brasil, no início dos anos 60, foram publicadas duas traduções desta novela. Uma de Natália Nunes, pela Editora Aguilar, com o título *A dona da casa*, cuja fonte parece ter sido uma tradução direta para o espanhol, pelos cotejos realizados para este estudo. A outra é de Vivaldo Coaracy, publicada pela Editora José Olympio como *A senhoria*, e também não especifica de que língua foi traduzida. O fato é que nenhuma foi realizada diretamente do original em russo, o que, para os propósitos deste trabalho, já justifica uma nova. Longe de mim dizer que não sejam boas, mas são traduções que já passaram pelo filtro de uma língua intermediária, e em grande medida foram acomodadas às necessidades da língua e do gosto do leitor a que se destinavam.

A linguagem em *A senhoria* é altamente elaborada e poética, rica em expressões metafóricas, fraseologia e vocabulário popular, no estilo da poesia folclórica. Nesta novela, como tão bem apontou Victor Terras, “o narrador cria uma impressão, em vez de uma descrição da experiência psíquica” do herói, à medida em que ele vai sendo dominado por uma forte paixão. E Dostoiévski, em vez de expressar suas observações de forma objetiva, precisa, “procura sugerir o estado emocional de seu herói através de um represamento de sinônimos com efeito cumulativo”,⁸ de palavras com mais ou menos o mesmo referente. Como esta pesquisa requer um estudo na medida do possível aprofundado da novela, além de apresentarem cortes, adaptações, condensação do argumento, muitas das características, e mesmo detalhes que precisariam ser ressaltados, se perderam, desaparecem nessas retraduições.

No fim da novela há um exemplo flagrante dos tipos de imprecisões e prejuízos que

⁸ Victor Terras, *The young Dostoevsky*, p. 231.

esse recurso pode acarretar não só ao estilo do autor como à própria compreensão do texto. Para atingir os fins a que se propõe, a personagem de Múrin adota uma linguagem extremamente entrecortada, alusiva, cheia de reticências e de fraseologia popular, típica de um mujique. Este expediente, que tem por intenção transmitir uma certa precariedade em sua capacidade de comunicação, é não só proposital como astuciosamente calculado pela própria personagem. Ao receber um melhor acabamento, com a supressão de muitos desses recursos nestas traduções, esse modo de falar de homem simples, do povo, adotado pela personagem para se colocar deliberadamente numa situação de pobre diabo, ficou extremamente suavizado. Com isso, a intenção do autor, que é clara no original russo, se perdeu completamente, atingindo o próprio sentido da obra.

Além destes recursos, Múrin, um comerciante com relações sinistras, que de um modo geral trata Ordínov sem a menor cerimônia, nesse trecho passa a se referir a ele com grande reverência, com o intuito de destruir sua imagem titânica e desmascará-lo com mais propriedade diante de seu único amigo. Entretanto, enquanto no português só temos a palavra senhor para nos remetermos a outra pessoa com deferência, a língua russa é riquíssima em sinônimos. O termo *Bárin*, que era usado para se referir a um homem da nobreza e como forma de tratamento a ele, assim como o pronome pessoal *Vi*, segunda pessoa do plural, nós traduzimos por senhor. Também a partícula *-s*, que se liga a uma palavra para transmitir ao discurso um sentido de servilismo, deferência, polidez, e às vezes um sentido irônico, assim como as palavras *sudar* e *gosudar*, são usadas em abundância por Múrin como formas de tratamento a Ordínov, que pertence a uma classe social superior, e também para este caso só temos as palavras senhor, meu senhor. Acontece que neste trecho estas expressões aparecem freqüentemente, e não só numa mesma frase, às vezes até num mesmo período. Isso tudo criou uma grande dificuldade para a tradução, que teve de ser contornada de forma a não prejudicar a intenção subjacente no discurso de Múrin. Todas essas nuances da fala de Múrin, que têm um propósito claro na novela – e não só nesse trecho, pois seu modo de falar varia de acordo com as circunstâncias –,

praticamente desaparecem nas traduções indiretas.

E no fim, tanto ele quanto Ordínov falam numa linguagem que melhor reflete a posição social deles. Ordínov fala como um *bárin* educado, conforme o estilo comum a uma personagem literária da época, ainda que excessivamente afetado por expressões românticas, e Múrin com “desenvoltura, astúcia”. No entanto, *A senhoria* é uma novela que se distingue por seu estilo altamente elaborado e poético, em que a maneira de falar estilizada e misteriosa de Katierina em determinados momentos se estende também à de Múrin, chegando mesmo a influir na de Ordínov. E a impressão estilizada, coloquial, que ela transmite em sua fala, em grande parte se deve à sua riqueza em expressões metafóricas, provérbios populares, imagens folclóricas, com abundância de diminutivos e muitos outros recursos. Mas o que mais se destaca, não há dúvida, é seu vocabulário popular, no estilo da poesia folclórica, como “terra úmida”, “falcão fulgente”, “serpente astuta”, e um uso, às vezes inusitado, de diminutivos, como “um pensamentozinho”, “liberdadezinha dourada”, “uma noitinha”, amplamente empregados também por Múrin.

Ao contar para Ordínov sua história, Katierina faz uma alternância do discurso direto para o indireto, unindo muitas vezes sua palavra à de Múrin em um único enunciado, de forma a acentuar não apenas a quem pertencem as palavras, mas também as circunstâncias em que elas foram pronunciadas. O destaque que esse recurso dá à sua narrativa, que parece ter um sentido de dialogizá-la, ao impregná-la com a “voz do outro”, de Múrin, atribui-lhe ao mesmo tempo um caráter de espontaneidade viva e de oralidade, além de resultar completamente de acordo com a poeticidade de sua fala. Esse mesmo resultado é obtido com o uso de assíndetos, como: “Olhamos, a floresta é densa e escura”; “Vai se levantar, vamos viver como irmão e irmã”, salpicados em toda a sua narrativa.

Todos estes matizes linguísticos são tão evidentes que às vezes chegam a ser estrepitosos no texto russo. O risco era o de que uma linguagem por si só artificial, mas conhecida e familiar dos leitores russos, não encontrando esse mesmo tipo de referência na nossa tradição literária, se dissolvesse na tradução. Todavia, o contraste entre a prosa

literária culta e realista do narrador e a fala poética, alusiva, de Katierina e, em parte, de Múrin, que assume um valor específico para a criação de uma atmosfera irreal, fantástica, na novela, deveria resultar claro também na tradução, ao menos no nível do estilo.

Enfim, na tentativa de fazer uma tradução que ficasse o mais próxima possível do texto original, procuramos preservar ao máximo a estrutura do russo, pelo menos naquilo que se verifica mais peculiar da linguagem do escritor, mas com o cuidado de não sacrificar a atmosfera criada por ele, visto tratar-se de um estilo, ainda que poético, extremamente coloquial. Para a escolha do sentido mais apropriado para cada palavra, cada frase, procuramos recorrer sempre ao conhecimento da situação como um todo no conjunto da obra, tendo sempre em vista não só a frase a que a palavra pertence, mas muitas vezes o texto todo, tentando sentir a palavra, a expressão, no contexto em que está inserida, e sondar nas entrelinhas sua intenção. Para isso, a compreensão mais profunda do texto, cujo estilo a destaca de tudo o mais que Dostoiévski escreveu, foi uma condição.

I – A *senhoria* no cenário da evolução da literatura russa nos anos 40

1. A recepção de *A senhoria*

É provável que não haja outro caso, pelo menos na Rússia, de um escritor que da noite para o dia, literalmente, tenha saído da mais completa obscuridade para a glória antes mesmo de ter sua primeira obra publicada. Em 1845, aos 25 anos de idade, então completamente desconhecido, Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski surge no círculo literário de Vissarion Belínski, o principal crítico da época, trazendo consigo os manuscritos de *Gente pobre* prontos para serem publicados. Por esse romance, a crítica progressista saúda com entusiasmo a chegada do “novo e singular talento” ao mundo da literatura, e ele se torna imediatamente o centro das atenções. Belínski considerou a obra completamente de acordo com suas buscas ideológicas e com as premissas do realismo defendidas pela “escola natural”⁹.

Os temas nela representados eram os mesmos da vida de Petersburgo explorados nas novelas gogolianas e nos “ensaios fisiológicos” dos “tipos urbanos”.¹⁰ E os problemas que colocava, ainda que fossem outros, já que Dostoiévski não se contentou com as soluções a que se propuseram seus antecessores, estavam plenamente de acordo com o programa de

⁹ Termo usado para designar a tendência literária russa que surgiu a partir da obra de Gógol e da qual Belínski foi o principal ideólogo. Para a escola, que mostrava a vida das pessoas pobres da cidade e exigia dos escritores objetividade de representação, ou seja, que acentuassem em suas obras a “verdade da vida”, a obra literária deveria possuir um caráter de protesto e de crítica social evidente. Nas disputas entre eslavófilos e ocidentalistas, o crítico eslavófilo Bulgárin havia usado a palavra natural como sinônimo de anti-estético, para criticar a escola de orientação gogoliana, por representar o lado sujo, feio, da cidade e da vida. Mas Belínski transforma esta palavra em um conceito positivo, fazendo dela uma bandeira de luta da literatura democrática progressista. Ele utilizou a denominação “escola natural” pela primeira vez em 1846.

¹⁰ O ensaio fisiológico foi muito difundido na Rússia nos anos de 1840, tornando-se um dos gêneros mais populares da “escola natural”. Os representantes deste gênero na literatura russa se colocavam como tarefa a representação da vida social contemporânea a eles com a máxima exatidão, com destaque para os tipos das camadas inferiores, que até então haviam ficado excluídos da grande literatura. Ao invés de representar a realidade como um todo, o ensaio fisiológico (também chamado de “daguerreótipo”) procurava dar um determinado “recorte” dela, apresentado geralmente na forma de uma série de ensaios separados, cada um dos quais endereçado à descrição detalhada, fisiologicamente “exata”, dos diferentes tipos e profissões, por exemplo o funcionário pobre, o tocador de realejo, o porteiro, etc. “a partir do material dado, pronto, da realidade” (V.G. Belínski, “Um olhar para a literatura russa de 1847”, in *O.R.* – designarei por *O.R.* suas *Obras Reunidas* em 4 volumes, e por *O.C.* suas *Obras Completas* em 13 volumes).

desenvolvimento do romance realista russo defendido por Belínski. Aos romancistas russos, o crítico estabelecia a tarefa de apresentar o universo em sua totalidade; ou seja, dar uma representação artística ampla da vida social contemporânea e das suas contradições, de modo a revelar sua ligação profunda com a vida interior do homem e o drama que irrompia das profundezas de sua alma.

Após ler os manuscritos de *Gente Pobre*, Belínski declara ao crítico P. V. Ânnekov, em êxtase, que essa obra “revelava mistérios e caracteres na Rússia com os quais ninguém até então havia sequer sonhado. Essa é a primeira tentativa de se fazer um romance social entre nós”.¹¹

Gente Pobre surge como um dos primeiros testemunhos do crescente amadurecimento da tendência realista gogoliana dos anos 40. Com a aprovação do principal crítico, sua publicação significou um acontecimento inédito no cenário da literatura russa e provocou enorme balbúrdia nos meios literários. Por algum tempo, jornais e revistas só falavam no nome do senhor Dostoiévski. Os sonhos juvenis de glória do escritor estavam se realizando. Sua primeira obra se tornara um sucesso, e ele, um escritor famoso e admirado. Diante da fama tão desejada, mas ainda absolutamente inesperada, o escritor não podia se conter de alegria. É o que ele próprio exprime em uma carta a seu irmão Mikhail, na qual, após tecer um comentário sobre os elogios de Belínski, declara radiante: “Querido irmão, meu futuro não poderia ser mais brilhante”.¹²

Com o êxito de *Gente pobre*, a publicação de sua obra seguinte, *O duplo*, é esperada com grande expectativa. Certo de estar às voltas com uma “idéia excelente”, “de um significado social sem par”, Dostoiévski recebe o primeiro de uma série de golpes que, daí em diante, viriam a ser desfechados contra ele. Os críticos ligados à revista *Sovriemiênik* (O contemporâneo) não esconderam sua decepção. Já Belínski foi um tanto cauteloso.

¹¹ I.V. Ânnekov. “Dez anos impressionantes (1838 – 1848)”, in *F.M. Dostoiévski na crítica russa*, p. 36.

¹² Carta de 1º de fevereiro de 1846. F.M. Dostoiévski, *O.C.*, v. I, p. 87 (A partir daqui, designarei por *O.C.* as *Obras Completas* em 30 volumes, de 1972-1990).

Num primeiro momento, apesar de criticar o estilo da obra¹³ e atribuir a ela falta de objetividade, não deixou de perceber que nela “o autor revelava um enorme poder de criação”.¹⁴

Mas com suas publicações seguintes também não foi bem-sucedido. Convencido de não ter se saído bem com o gênero da escola natural, temia voltar à repetição daquilo que já havia sido conseguido não só por ele próprio como por outros escritores, mesmo que desse ao tema um novo tratamento. A idéia de que com *Gente pobre*, *O duplo*, e também com *O senhor Prokhártchin*, tão mal recebido pela crítica, havia, em certa medida, esgotado o tema do “funcionário pobre” que descendia de *O capote*, de Gógol,¹⁵ o deixa alarmado.

Na tentativa de dar a qualquer custo um novo rumo às suas criações literárias, abandona o trabalho sobre “As suíças raspadas”, uma novela sobre repartições públicas a que vinha se dedicando. E ao deixar de lado sua inclinação à narrativa da existência do “funcionário pobre”, descartando assim aquelas possibilidades que havia explorado em suas primeiras obras, começa a se dedicar à sua novela *A senhoria*, ainda em 1846.

Numa outra carta a seu irmão, já mais comedido e sem o tom eufórico que caracterizava a anteriormente citada, confessa as razões que o levaram à escolha de um novo tema e faz a primeira referência a seu trabalho sobre a novela:

“Quero lhe dizer não mais que duas palavras, já que ando atarefado e me debatendo como o peixe sobre o gelo. Acontece que todos os meus planos foram por

¹³ Ánnenkov conta que, quando Dostoiévski fez uma leitura, na casa de Belínski, da segunda obra que estava escrevendo, este não parava de lhe chamar a atenção para “a necessidade de acostumar a mão, o que significava, na prática literária, adquirir capacidade de transmitir facilmente os pensamentos e livrar-se das dificuldades de exposição. Belínski, provavelmente, não conseguia acostumar-se à maneira difusa que o autor ainda tinha na época, voltando o tempo todo às mesmas frases, repetindo-as e variando-as infinitamente, e atribuía essa maneira à inexperiência do jovem escritor, que ainda não teria transposto os obstáculos relacionados com a linguagem e a forma. Mas Belínski se enganou. Ele encontrou não um estreante, mas um autor já completamente formado”. I.V. Ánnenkov, “Dez anos impressionantes (1838–1848)”, p. 37.

¹⁴ V.G. Belínski, “Um olhar para a literatura russa de 1846”, in *O.R.*, v. 3, p. 673.

¹⁵ No enredo de seu primeiro romance, *Gente pobre*, Dostoiévski introduz, além desta obra de Gógol, que retrata o perfil sócio-caracterológico da existência de um “funcionário pobre”, um “homem sem importância”, acuada, também *O chefe da estação*, de Púchkin, que representa o drama e a dor profunda da vida interior de um funcionário deste mesmo tipo. Dessa forma, já no próprio enredo, indica não só seus mestres como seus precursores imediatos.

água abaixo e ruíram por si mesmos... nenhum dos planos daquelas novelas de que lhe falei deu certo. Não estou mais escrevendo nem “As suíças raspadas”. Abandonei tudo, já que tudo isso não passava de uma repetição de coisas velhas, já ditas por mim há muito tempo. Agora idéias mais originais, vivas e luminosas brotam de mim no papel. Quando cheguei ao fim de “As suíças raspadas”, percebi tudo isso claramente. Na minha situação, uniformidade é ruína. Estou escrevendo outra novela, e o trabalho vai de vento em popa, está saindo com facilidade e frescor, como nunca em *Gente pobre*.”¹⁶

Já nas correspondências seguintes com seu irmão Mikhail, Dostoiévski se mostrava não só satisfeito com a novela como parecia tê-la em alta conta:

“Deseja-me sorte. Estou escrevendo a minha *A senhoria*. Já está ficando melhor do que *Gente Pobre*. O gênero é o mesmo. A fonte de inspiração que orienta minha pena me sai diretamente da alma. Não é como o *Prokhártchin*, que me fez penar o verão todo. Eu a enviarei a Kraiévski.”¹⁷

E em setembro de 1847 comunica-lhe que a novela estava pronta e que seria publicada no mês de outubro.

Dostoiévski escreveu *A senhoria* bem no início de sua carreira literária, mas já sob o clima de desentendimento com o círculo da revista *Sovriemiênik* (O contemporâneo). Antes dela, ele havia publicado apenas *Gente pobre*, *O duplo*, *Romance em dez cartas* e *O senhor Prokhártchin*. Ele trabalhou nessa novela mais de um ano, pelo menos de outubro de 1846 a dezembro de 1847.

A senhoria foi impressa em duas partes na revista *Otetchiéstvienie Zapíski* (Anais Pátrios). A primeira parte, que saiu no número de outubro de 1847, foi motivo de troça por parte de Belínski. Numa carta a Ánnenkov, ele comenta: “Dostoiévski vai fazer Kraiévski passar por maus bocados, publicou com ele a primeira parte de uma novela; a segunda

¹⁶ Carta de 20 de outubro de 1846. F.M. Dostoiévski, *O.C.*, v. 28, livro I, p. 131.

parte, não terminou de escrever, nem vai terminar nunca”.¹⁸

O crítico se enganou. A segunda parte de *A senhoria* também saiu. Mas foi um tremendo fiasco. Apesar de conservar nela a moldura externa da novela petersburguesa, de orientação gogoliana, com um material abundante da “fisiologia” da capital, essa era uma obra que diferia muito de seus trabalhos anteriores. Além de não ser compreendida pelos contemporâneos, os poucos comentários que suscitou não poderiam ter sido mais negativos. Belínski, que havia depositado no autor de *Gente pobre* grandes esperanças para o desenvolvimento da escola natural e, portanto, para a nova orientação que ele vinha imprimindo à literatura russa, submeteu-a a um julgamento arrasador. Segundo seu parecer, estava abaixo de qualquer crítica, tanto é que sua publicação não havia suscitado a menor reação, passando no mais absoluto silêncio. No artigo “Um olhar sobre a literatura russa de 1847”, manifestou claramente toda a sua rejeição a mais essa obra de Dostoiévski: “Se estivesse assinada por um nome desconhecido qualquer, ninguém diria uma palavra a seu respeito”, escreve. Na sua opinião,

“Não é só a idéia, mesmo o sentido dessa novela, que talvez até seja interessante, continua e continuará oculto à nossa compreensão se o autor não emitir os esclarecimentos necessários para esse enigma surpreendente da sua fantasia mirabolante. O que é isso — abuso ou pobreza de talento, que quer elevar-se à força mas tem medo de ir pela via comum e procura para si um caminho inédito qualquer?”¹⁹

Por mais que sua crítica a *A senhoria* tenha se revelado um duro golpe a Dostoiévski, Belínski não estava longe da verdade ao dizer que o escritor procurava para si um caminho inédito. Hoje em dia parece haver um consenso entre os estudiosos de sua obra de que as

¹⁷ Carta de janeiro-fevereiro de 1847. F.M. Dostoiévski, O.C., v. 28, livro I, p. 139-140. Andrei Aleksándrovitch Kraiévski era o editor da revista *Otetchiéstvienie zapíski* (Anais Pátrios), em que Dostoiévski publicou a novela *A senhoria*.

¹⁸ Carta de 20 de novembro – 2 de dezembro de 1847. V.G. Belínski, O.C., v. 12, p. 430.

¹⁹ V.G. Belínski, “Um olhar para a literatura russa de 1847”, in *O.R.*, v.3, p.351.

criações do início de sua carreira se revelaram em grande parte “experimentos”,²⁰ não só com a linguagem, os temas, as personagens, mas também com o método. E no momento em que escrevia esta novela, um momento de crise em suas atividades literárias, Dostoiévski se encontrava mais do que nunca entregue às suas buscas de novos temas, de personagens que melhor expressassem os acontecimentos humanos que tinham lugar em sua época e do modo mais apropriado para interpretá-los. Não é por acaso que passa a estudar obsessivamente os novos heróis da literatura russa e, ao mesmo tempo, a procurar sem descanso por moradores de sótãos em tavernas, cervejarias, para conversar, jogar bilhar com eles, observar seus costumes até nos mínimos detalhes.²¹ Como nenhuma tentativa de inovação formal importante, em um grande artista, é feita pura e simplesmente com base em “experimentos”, suas buscas por uma nova forma decorriam de uma necessidade imperativa de expressar os novos conteúdos que pressentia, que via surgir e avançar na realidade e “ansiavam por uma palavra nova”.²² O que se nota nele, como observou Boris Schnaiderman, “é uma busca pertinaz dos meios mais adequados de expressão e uma seriedade nessa busca, realmente rara”.²³

Mas o que se pode imaginar é que Dostoiévski, que havia se mostrado tão satisfeito com esta novela à medida que a escrevia, não contava com essa rejeição. Logo após a publicação de *A senhoria*, ele próprio a submeteu a um julgamento rigoroso e, como sempre fez, também desta vez justificou seu fracasso com sua difícil situação material. Pelo menos é o que atesta sua correspondência com Kraievski, na qual se queixa

²⁰ Para o crítico soviético G.M. Fridlender, por exemplo, “A formação tipológica do romance de Dostoiévski se deu, de modo mais definitivo, não nos anos 40, mas nos 60, quando a questão central para o grande romancista russo se tornou o problema da relação do herói com o povo, que nos anos 40 ainda não havia se colocado em toda a sua grandeza para o escritor.” (*O realismo de Dostoiévski*, 1964, p. 85)

²¹ L.F. Dostoiévski. “L.F. Dostoiévskaja ob ottse”, in *Herança literária*, nº 86, p. 302.

²² A época em que viveu Dostoiévski passava por grandes transformações, que trazia à tona fatos inusitados, que assinalavam que algo novo estava nascendo. E para entender esse novo quadro, para ele, o artista devia buscar não aquilo que era conjuntural, transitório, mas uma marca da situação do mundo, da época, como um todo, aquilo que constituía a própria essência da realidade. Daí sua obsessão pelos fatos da realidade e sua insistência de que “não apenas para criar e escrever uma obra de arte, mas também para reparar num simples fato, de certa forma, é necessário ser artista”: “o artista ouve, presente, chega até a ver”, que “surgem e avançam novos elementos que anseiam por uma palavra nova” (F.M. Dostoiévski, *O.C.*, v. 23, p. 144; e L. Grossman, *Dostoiévski artista*, p. 78).

amargamente de seu trabalho de um ano antes:

“Para cumprir minha palavra e entregar no prazo, me violentei, escrevi, entre outras, coisas tão estúpidas ou (no singular) uma coisa tão estúpida como “A senhoria”, tanto que, em minha perplexidade, sentindo menosprezo por mim mesmo, levei muito tempo até conseguir me concentrar e escrever de maneira séria e decente. Cada fracasso provocava em mim uma doença”... “Para lhe pagar o empréstimo, apesar de doente, escrevi correndo uma novela estúpida e pus em risco minha própria assinatura, que é meu único capital”... “Não trabalhei suficientemente minhas obras e escrevi com prazo fixo, isto é, pequei contra a arte. Não poupei minha saúde e fiz um esforço cruel para acertar minhas contas.”²⁴

Essa severidade no julgamento de seus trabalhos que não obtinham reconhecimento imediato da crítica era uma atitude típica de Dostoiévski, embora também reconhecesse que seu amor-próprio desmedido muitas vezes o levava a ser injusto consigo mesmo.²⁵ Ele vivia se lamentando e se recriminando, ou por lhe parecer que, por causa de sua constante necessidade de dinheiro, não “elaborava suficientemente suas obras”, ou porque, ao trabalhar com prazo estabelecido, cometia um “pecado contra a arte”, e por aí vai. A verdade é que nem mesmo obras como *O idiota* ou *Os demônios* o deixaram mais satisfeito do que com *A senhoria*.

Entretanto, essa falta de confiança em seu trabalho, pelo menos até esse momento, parece muito mais um reflexo da rejeição de suas obras depois do êxito de *Gente Pobre*. Mesmo a “insuficiência” na elaboração, de que tanto se queixava, com certeza se devia muito mais ao desnorreamento, à perplexidade que sentia diante da incompreensão dos

²³ Boris Schnaiderman, *O senhor Prokharitchin. Prosa e poesia*, p. 65.

²⁴ Carta de Dostoiévski a A.A. Kraiévski de 1º de fevereiro de 1849. F.M. Dostoiévski, *O.C.*, v. 28, livro I, p. 147-148.

²⁵ Em carta de 1º de abril de 1846 ao irmão, a respeito das críticas de Belínski a *O duplo*, Dostoiévski se queixa: “Eu tenho um defeito terrível: um amor-próprio e uma ambição desmedidos. A idéia de que frustrai a expectativa e estraguei uma coisa que poderia ser um grande trabalho acabou comigo. Goliádkin me causa nojo.... Ao lado de páginas brilhantes há coisas nojentas, asneiras, chega a dar náuseas, nem dá vontade de ler. Isso tudo fez da minha vida um inferno na época, cheguei a adoecer de desgosto”. (F.M. Dostoiévski, *O.C.*, v. 28, livro I, p. 120.)

críticos às suas obras à medida que vinham à luz. A questão é que Dostoiévski tinha seu talento em alta conta, e qualquer restrição ao seu estilo representava um golpe mortal à sua vaidade.²⁶

2. O motivo romântico da novela

Se com *O duplo* Belínski havia demonstrado certa condescendência, considerando que ainda era cedo para se fazer qualquer julgamento definitivo, com *O sr. Prokhártchin* e, principalmente, com *A senhoria*, acabaram suas dúvidas. A publicação desta novela parece ter sido a gota d'água para o rompimento das relações entre eles. A essa altura o crítico já não tinha a menor dúvida de que havia se equivocado redondamente ao considerar Dostoiévski um gênio. Pelo menos é o que ele declara com todas as letras numa correspondência com Ánnenkov:

“Não sei se comentei com você que Dostoiévski escreveu uma novela, *A senhoria* – uma tremenda besteira! ... A cada nova obra sua, uma nova queda... Nós nos ufanamos, meu amigo, de que Dostoiévski era um gênio! Eu, o primeiro crítico, fiz papel de asno ao quadrado.”²⁷

Pelo que tudo indica, comentários como este, que arrasavam com o escritor e com sua carreira literária, se devem principalmente à decepção de Belínski com o motivo romântico da novela.²⁸ De fato, é com sarcasmo que ele acentua esse aspecto da obra, como se pode

²⁶ A.Ia. Panaieva escreve em suas recordações sobre Dostoiévski que, “com o surgimento de jovens escritores no círculo [*de Belínski*], Dostoiévski infelizmente se tornou motivo de chacota, e parece que por causa disso ele empregava de propósito seu tom irritado e arrogante, de que ele era incomparavelmente superior a eles em talento... se tornou extremamente desconfiado... suspeitava que todos tinham inveja de seu talento e praticamente a cada palavra dita sem qualquer intenção achava que queriam depreciar sua obra. Ofendê-lo”. (*F.M. Dostoiévski nas lembranças de seus contemporâneos*, v. I., p. 141.)

²⁷ Carta de 15 de fevereiro de 1848 a P.V. Ánnenkov. V Belínski, *O.C.*, v. XII, p. 467. O gênio, para Belínski, por sua própria essência, era uma personalidade que expressava tendências progressistas do desenvolvimento histórico e de interesses do povo. No caso de um grande artista, essa denominação se encerrava no fato de ele apontar em direção ao futuro sem se afastar do povo. Era o caso de Púchkin, Liermantov e Gógol. Já o talento não cria suas próprias idéias, ele toma as idéias do gênio e as desenvolve, popularizando-as e pondo-as ao alcance de todos. (Ver Mardovtchenko. “Belínski e sua luta pela escola natural”, in *Herança literária*, nº 54.)

²⁸ Na opinião de V.I. Kirpotin: “A senhoria segue abertamente os cânones românticos rejeitados e ridicularizados pelo círculo literário para o qual entrou Dostoiévski depois de escrever *Gente pobre*”.

notar por suas declarações a respeito da novela:

“Nela acontecem umas cenas curiosas: a mulher do comerciante conta uma história disparatada, da qual não dá para entender uma única palavra, mas toda vez que Ordínov ouve sua voz, ele desfalece. O comerciante vive se intrometendo nisso, com seu olhar ardente e um sorriso sardônico. O que eles falam um ao outro, por que agitam tanto as mãos, fazem trejeitos, mudam de voz, ficam imóveis, recuperam os sentidos – decididamente, não dá para saber <...> o que parece é que o autor estava querendo conciliar Marlínskii e Hoffmann,²⁹ tagarelando aqui e ali um pouco de humor num gênero novíssimo (moderno), e lustrando tudo isso com um verniz do caráter nacional russo [*referência certamente a Gógol*]. Não há em toda essa novela uma palavra ou expressão viva: tudo é rebuscado, forçado, falso”.³⁰

Mas para compreendermos realmente o porquê de tais críticas e sua rejeição a esta obra faz-se necessário que nos voltemos um pouco para o contexto socio-cultural da época em que ela foi escrita e tentemos compreender o processo de transformação em que está inserida sua criação.

Dostoiévski escreve *A senhoria* justamente num momento em que Belínski, empenhado no desenvolvimento da “escola natural”, travava uma luta tenaz contra o romantismo ou qualquer tentativa de ressuscitá-lo. É preciso deixar claro que o crítico jamais negou seu direito histórico à existência e o defendeu como um movimento necessário e progressista. Reconheceu nele perfeitamente uma necessidade histórica, um degrau imprescindível para o desenvolvimento da consciência nacional. Mas seu papel, em sua opinião, ele já havia cumprido, e, na qualidade de um fenômeno contemporâneo, constituía um remanescente nocivo, que devia ser combatido a qualquer custo. O combate

Dostoiévski . v. 2, p. 79. L. Grossman: “Os tipos dos subúrbios da capital receberam o colorido da novela romântica (não por acaso Belínski se pôs a falar a respeito de Marlínski e Hoffmann)”, *Dostoiévski*, p. 95.

²⁹ A.A. Bestújiev-Marlínski é considerado um dos melhores representantes da *intelligentsia* aristocrata progressista na literatura de inícios do século XIX. A obra a que Belínski parece se referir em sua crítica é, mais especificamente, a novela *Stráchnoe gadánie* (Um enigma terrível). Nos anos de 1840, todas as obras de E.T.A. Hoffmann já estavam disponíveis em traduções russas, e sua popularidade na Rússia era elevadíssima.

de Belínski se endereçava, portanto, não ao romantismo como um todo, mas àquilo que ele chamava de romantismo contemporâneo, conservador, um romantismo propriamente russo, remanescente do idealismo romântico dos anos 30.³¹ Além do que, nos anos 40, o cenário literário russo passava por uma reviravolta completa, enriquecido pelo surgimento quase simultâneo de vários novos nomes, com obras de grande destaque. Só em 1846 foram publicados *Gente pobre*, de Dostoiévski, *Memórias de um caçador*, de Liérmontov, *Quem é o culpado?*, de Herzen, *Uma história comum*, de Gontcharóv. Dessa forma, uma literatura com um programa voltado para a tradição do romantismo dos anos 20-30, que colocava no centro de seus interesses o mundo das emoções do indivíduo, uma percepção romântica da natureza, só podia estar em contraposição com o programa defendido pela “escola natural”. E é dentro desse quadro, num momento em que as preocupações políticas eram cada vez mais absorvidas pelos interesses literários, que a crítica progressista, com Belínski à sua frente, passa a desfechar seu ataque ao que chamava de conservadorismo romântico. Para o crítico, a fidelidade à consciência romântica, quando a literatura russa entrava numa nova fase tão rica de seu desenvolvimento, só podia ser entendida como uma coisa de indivíduos que sentiam necessidade de se entregar à sensibilidade em detrimento da razão apenas por prazer:

“Acontece que a multidão gosta de comer, beber, se alegrar, rir, e eles querem a qualquer custo se sentir superiores à multidão. Eles tiram prazer de sua convicção de que em seu peito, dilacerado por uma infelicidade, arde uma paixão desenfreada... mas que o destino lhes reservara apenas a desilusão... Eles preferem um amor infeliz, não compartilhado, ao amor feliz.”³²

Com declarações desse tipo, Belínski ridicularizava ao máximo o idealismo romântico dos anos 40, com seu culto ao “indivíduo escolhido”, ao “grande amor”, e o acusava de ter

³⁰ V.G. Belínski, “Um olhar para a literatura russa de 1847”, in *O.R.*, v. 3, p. 837.

³¹ Entre os remanescentes do idealismo romântico, Belínski colocava em primeiro lugar os eslavófilos, que na época continuavam conscientemente a manter as mesmas posições dos anos de 1820-30, desenvolvendo-as do ponto de vista do dogmatismo da igreja e de um nacionalismo místico. Ver artigo de L. Guinzburd, “Belínski na luta contra o idealismo romântico”, in *Herança literária*, no. 54.

se separado das origens filosóficas do movimento, vulgarizando as conquistas da poética romântica, fazendo dela nada além de uma moda pequeno-burguesa. “O desacordo com a realidade é uma doença nessas pessoas”,³³ concluía o crítico.

Para entender o ponto de vista de Belínski, é preciso ter em conta que o contexto social, político e cultural que deu origem ao romantismo³⁴ na Rússia, no primeiro quarto do século XIX, que se caracterizou por uma influência crescente das idéias de desenvolvimento social da aristocracia revolucionária, diferia muito daquele dos anos 40.

Como um país imensamente atrasado que era a Rússia, as pessoas instruídas constituíam uma parcela extremamente reduzida e separada por um abismo da vasta maioria da população. O próprio Herzen mostra em seu romance *Quem é o culpado?* quanto a burocracia, pouco qualificada, estava empenhada em favor desse atraso e da estagnação da sociedade, como forma de refrear e controlar a enorme população que vivia nas mais terríveis condições de pobreza, opressão e ignorância, mas inconformada com os grilhões que a acorrentava. Nas condições em que se encontrava o país, nenhum homem que tivesse o mínimo grau de independência, originalidade e caráter poderia encontrar meios que lhe permitissem um desenvolvimento normal. Com a vitória na guerra contra Napoleão, a aproximação da Rússia com a cultura Européia, que possibilitava à pequena minoria de pessoas instruídas um contato com as idéias do ocidente muito maior do que era antes permitido, havia trazido à tona toda a contradição existente na sociedade russa.

E nos anos 20, impulsionados por estes acontecimentos, nos meios progressistas da nobreza começaram a se formar sociedades políticas secretas, que tinham como principal especificidade ideológica um ódio extremo ao despotismo, à autocracia e à servidão. O interesse que as questões políticas e sociais suscitaram nessa geração ganhou tanta dimensão, que levou suas atividades a culminar na Revolta Dezembrista na sociedade russa

³² V.G. Belínski, O.C., v. X, p. 99.

³³ V.G. Belínski, O.C., v. X, p. 99.

³⁴ A guerra civil de 1812, que deixou ainda mais expostas as contradições sociais já agudas aos extremos na vida russa, teve um profundo significado para o desenvolvimento da consciência nacional de todo o povo

em dezembro de 1825.

Como na época as contradições sociais pareciam vir à tona de forma mais aguda do que nunca, elas acabaram se tornando um tema de peso na pauta de discussões entre as diversas tendências literárias então em disputa, o que certamente deu impulso também ao surgimento das premissas que levaram ao desenvolvimento do “realismo” ainda nos anos 20. Dessa forma, as mesmas circunstâncias que possibilitavam o desenvolvimento crescente do romantismo deram ensejo também ao surgimento do método do realismo na Rússia. E uma das especificidades básicas apresentadas tanto por uma tendência como pela outra era a do conflito do ideal com a realidade, que se expressava através de uma personagem solitária, um indivíduo que se encontrava em contradição irreconciliável com a sociedade conservadora e retrógrada que o cercava. No entanto, como a atenção dos românticos estava voltada mais para os mistérios do mundo espiritual do homem do que para os motivos reais deste conflito, o comportamento e as atitudes do herói não podiam ser explicados pelas condições sociais em que se encontravam. A “fuga da realidade”, portanto, acabava sendo motivada mais por razões psicológicas, e a vida do herói aparecia envolvida por um colorido simbólico-misterioso. Já o método do realismo começou a se formar nos mesmos anos 20, com a peça *A desgraça de ter espírito*, de A.S. Griboiédov, e o romance em versos *Evguiêni Oniéguin*, de A.S. Púchkin. Nestas obras, as personagens principais também são apresentadas em conflito com uma sociedade provinciana e estagnada, mas já numa perspectiva claramente social, que permitia explicar o comportamento e as atitudes do herói, assim como a “fuga” da realidade, principalmente pelas circunstâncias históricas e sociais em que ele aparece enredado.

No entanto, se a figura de Tchátски,³⁵ da primeira metade dos anos 20, ainda pôde expressar toda a onda de expansão do pensamento revolucionário vivida por sua geração, a figura de Evguiéni Oniéguin se apresenta já profundamente marcada pelo impacto da

russo. É na esteira destes acontecimentos que surge o movimento romântico revolucionário, que dá origem aos círculos secretos dos futuros decabristas.

³⁵ Personagem principal da peça de A.S. Griboiédov, *A desgraça de ter espírito*, escrita entre 1821-1824.

derrota dezembrista e pela dura repressão que a seguiu, que mergulhou essa geração numa situação de crise ideológica e moral sem precedentes. Enquanto o homem dos anos 20 que pensava e sentia via se abrir diante de si todo um leque de possibilidades e sonhos, o dos anos 30, obrigado a recuar da ação política, teve de deslocar sua atenção para outras questões. Desaconselhada de completar sua formação na França revolucionária, a juventude russa era incentivada a se dirigir para a Alemanha. E ao voltar para o seu país, abarrotada de filosofia idealista e de metafísica alemã, tomava a forma de círculos de amigos.

Não por acaso, este foi um período da história da Rússia em que os dois princípios em que basicamente estava dividida a sociedade – o político, de orientação ilustrada revolucionária, e o místico, voltado para as questões religioso-filosóficas – durante algum tempo puderam se entender. Ou seja, este foi um período na história da sociedade russa em que as aspirações de uma “harmonia divina”, dos idealistas românticos, puderam conviver pacificamente com os sonhos da revolução social sem entrar em contradição. Isto foi possível porque, como aponta o crítico soviético L. Guinzburg, “o idealismo romântico dos anos 30, a seu modo, constituiu também uma forma de protesto (ainda que passiva) contra o regime burocrata, escravagista e absolutista”.³⁶ Tanto é que do círculo de Herzen–Ogariév, muito mais um centro de aspirações políticas, ao qual a idéia da luta política não era de forma alguma alheia, surge o primeiro socialismo utópico russo, como resultado de uma composição da problemática da justiça social e da liberdade com o idealismo romântico.

E é nesse contexto que, em parte, se explica a gênese do que veio a ser conhecido como “homem supérfluo”, o herói da nova literatura russa. Um herói da nobreza que fazia parte da pequena minoria de homens cultos e moralmente sensíveis que, incapazes de encontrar um lugar na sociedade para desenvolver suas potencialidades, se fechavam em si mesmos, refugiando-se em fantasias e ilusões, ou no ceticismo e desespero.

³⁶ L. Guinzburg. “Belínski e sua luta contra o idealismo romântico”, in *Herança literária*, nº 54, p. 185.

Nessa mesma época, como estudante da Universidade de Moscou, Belínski começava a dar seus primeiros passos no sentido da crítica social através da literatura. Logo em seguida, porém, iniciado por Bakúnin, se entrega de tal forma à influência do pensamento idealista, que a “conciliação com a realidade”, com “as verdades eternas e sem qualquer relação com as querelas e trivialidades de nossa vida terrena, com o mundo em que realmente vivemos e ao qual temos de nos adaptar”,³⁷ havia se tornado sua única preocupação. Portanto, as idéias a que se submeteram os idealistas românticos dos anos 30, cuja influência nos anos 40 Belínski rechaçava, abominava e procurava por todos os meios combater, eram as mesmas a que ele próprio havia aderido incondicionalmente. Na sua concepção, o idealismo dos anos 30 havia sido a última etapa histórica legal do Romantismo na Rússia. Foi nesse período que as novelas de Marlínski, a que ele faz menção em suas críticas à novela *A senhoria*, tiveram grande destaque.

Embora Belínski tenha conduzido sua luta ideológica no campo da crítica literária, o conceito de romantismo não se restringe, para ele, apenas à literatura. E nem poderia, principalmente nos anos 40, quando as questões estéticas, morais, políticas e sociais se encontravam tão estreitamente entrelaçadas que no início a própria demarcação das correntes em ocidentalistas e eslavófilos foi se dando justamente em função da aceitação ou negação do idealismo romântico.³⁸

Para a *intelligentsia* progressista, ocidentalista, os anos 40 significavam finalmente uma época de despertar, após a derrota decabrista. Uma época de buscas ideológicas intensas para sair da crise, uma época de discussões acaloradas a respeito das mais importantes questões sociais e morais, em especial do lugar, na sociedade, do homem culto, que pensava. Nesse momento, Belínski justificava suas críticas ao romantismo apoiando-se

³⁷ Esta declaração é do crítico I.I. Panáiev (citada por Josef Frank, *As sementes da revolta. 1821-1849*, p. 167).

³⁸ Em seu livro *Biloe i dumí* (Passado e pensamentos), Herzen conta que o motivo para o fim do círculo de amigos de Moscou, o “rompimento teórico” entre ele, Granóvski e Ogariév, começou com a discussão sobre a imortalidade. “Eu nunca aceitarei vosso pensamento seco, frio, da unidade do corpo e da alma; com ele desaparece a imortalidade da alma”, dizia Granóvski a Herzen e Ogariév. A. Herzen, “Passado e

no argumento de constituir ele um movimento historicamente ilegal, conservador, que havia tomado partido da reação política, tornando-se aos poucos uma forma ativa de protesto contra as exigências democrático-burguesas.

As manifestações anti-românticas de Belínski estavam, portanto, estreitamente relacionadas com as mudanças em suas buscas ideológicas em meados dos anos 40 e com o esquema de desenvolvimento da literatura que passava a defender. Preocupado com o futuro da “escola natural”, sua rejeição ao romantismo crescia à medida que descobria em Gógol e na tendência gogoliana o princípio da arte contemporânea. Em meados da década de 40, a literatura romântica e a filosofia idealista alemã, com uma produção massiva, que inundava o mercado de livros, ainda continuavam a exercer grande influência no cenário literário russo. Belínski, para combatê-la e, ao mesmo tempo, empreender sua defesa da “escola natural”, aprofundou ao máximo o sentido social de sua luta contra o romantismo,³⁹ de forma a provocar uma reviravolta completa na posição entre o ideal e o real conforme estabelecida anteriormente pelo programa romântico.

Com isso, a *representação* da figura do “sonhador”, que é o tipo central da novela *A senhoria*, passou por grandes transformações. Se em 1838 Belínski o “reconhecia como um caráter elevado e titânico”, “em 47 ele vai persegui-lo” sem trégua, considerando-o “uma variante estreita e simplificada” daquele, “um invólucro vazio, a imagem monstruosa de uma forma sem conteúdo”.⁴⁰

Acontece que nesse momento em que o interesse de Belínski estava mais do que nunca absorvido pelas novas possibilidades abertas pelo romance social, então em expansão, a “inatividade do sonhador”, seu “desacordo com a realidade”, significavam para ele um conservadorismo injustificável. Ao perceber no realismo um movimento que visava à realidade, tendo em vista que a censura agia com menos rigor com tudo o que se referisse

pensamentos”, cap. XXXII, in *Livro para o aluno e o professor. Novelas. “Passado e pensamentos”. Artigos*, p. 289.

³⁹ Essa luta contra o romantismo, em muito, havia se transformado numa luta pelo leitor, pela nova juventude *raznotchínaia*, que no geral se encontrava entregue às idéias românticas, em “desacordo com a realidade”, e Belínski procurava iniciar na concepção realista e democrática.

explicitamente à literatura, começa a ver nela como que um papel de liderança na sociedade.⁴¹ E então ele, intransigente crítico da sociedade como um todo, agarrou-se à literatura também como um veículo para as discussões mais gerais sobre as questões políticas, sociais, morais, que de outro modo estariam impedidas de ocorrer.

E é assim que, nesse novo cenário da literatura russa, a figura do “sonhador” vai se tornar o símbolo mais acabado da paralisia, da impotência, da incapacidade de enfrentar as exigências e os desafios impostos pela vida, resultando em personagens que podem ainda menos que os mais comuns dos mortais. É nesse contexto que Dostoiévski, ao tentar ampliar suas possibilidades, colocando no lugar do funcionário pobre, de consciência limitada, um intelectual, uma figura mais complexa, cria seu primeiro personagem “sonhador”. E é também nesse contexto, portanto, caracterizado por uma luta encarniçada contra o romantismo, que pode estar a explicação da rejeição de Belínski a esta sua novela.

3. O fenômeno da figura do herói

Quando se trata da literatura russa do século XIX, em especial de sua primeira metade, não há dúvida de que, em primeiro lugar, o que se sobressai é o fenômeno do herói. Em geral um herói da nobreza, cuja aparência característica, contagiante, entrou para a memória cultural nacional. Certamente que este é um fenômeno mais amplo do que propriamente histórico-literário. Na literatura, sua formação está ligada antes de mais nada com Evguiêni Oniéguin, do romance em verso de mesmo nome, de Púchkin. Mas a verdade é que ele ganhou contornos já bem definidos com a figura de Tchátski, da peça *A desgraça de ter espírito*, de Griboiédov, escrita num momento de formação das tendências progressistas e de expansão da influência de suas idéias de desenvolvimento social. O elevado sentimento de dignidade pessoal que expressa a figura de Tchátski, além de um

⁴⁰ L. Ginzburg. “Belínski e sua luta contra o idealismo romântico”, in *Herança literária*, nº 54, p. 196.

⁴¹ Sobre o papel da literatura na vida espiritual da sociedade russa, Herzen tem uma frase que ficou famosa: “Para um povo privado de liberdade social, a literatura é a única tribuna de cuja altura ele pode fazer ouvir o grito de sua indignação e de sua consciência”. (A.I. Herzen, “Sobre o desenvolvimento das idéias

grande amor ao povo russo e ódio à servidão, o desejo de servir à causa, são traços que o aproximam claramente dos futuros decabristas. Já Evguiêni Oniéguin, criado após a derrota dos revolucionários aristocratas, é uma expressão clara da mudança dos tempos. Mas, sem dúvida, ambos surgem como portadores de uma “palavra nova”, neste momento em que está em processo a constituição da figura do homem russo do novo tempo, assim como da própria língua literária russa.

A influência desse novo “herói da nobreza”, que parece ter em sua independência a principal fonte de seu encanto, se estendeu para toda a literatura russa do período clássico. A estudiosa russa Anna Juravlióva, num artigo de 1975, em que pesquisa o que chamou de “feitura” do “herói do tempo” na literatura russa do século XIX, aponta essa figura como um modelo cultural ao qual se reportaram todos os grandes escritores russos deste período. Juravlióva observa que “é como se todos se pautassem por ela, que recebeu os mais variados tipos de tratamento – desde a admiração até seu destronamento e a luta contra ela –, mas sempre como tentativa de estabelecer uma correspondência com esta figura”.⁴²

Trata-se de personagens atraentes, que possuem uma integridade e um encanto fora do comum, em cuja constituição pela primeira vez é representado o caráter do indivíduo na nova realidade cultural russa: um indivíduo em sua relação com outros indivíduos, em sua relação com o meio estagnado da vida da nobreza e com valores morais extra-individuais. Questões estas que estavam colocadas na ordem do dia e geneticamente ligadas à formação do tipo do “herói do tempo” na literatura russa dos anos 20-30 do século XIX e já, como aponta Anna Juravlióva, em grande medida relacionadas com o tipo do “homem supérfluo”.

Neste sentido, pode-se considerar que Oniéguin expressa um momento em que estas características começam a receber um contorno já mais nítido, quando o herói da nobreza é retratado no momento de sua verdade histórica. E o significado desta obra de Púchkin para

revolucionárias na Rússia”, in *Livro para o aluno e o professor. Novelas. “Passado e pensamentos”. Artigos*, p. 363.

⁴² A.I. Juravlióva, “O herói do tempo’ na literatura russa do século XIX”, p. 45.

o desenvolvimento posterior da literatura russa, na exploração do tipo de Oniéguin nas obras dos escritores russos do século XIX, é evidente. O tipo do “herói do tempo” criado por ele, neste primeiro momento muito mais como portador de uma função caracterológica, ainda daria muito o que falar. Aquilo que ele apresentava ainda em embrião, que, como observou o crítico N. Dobroliúbov, “se expressava por meias palavras, pouco claras, pronunciadas em sussurro”, com Oblómov, do romance de mesmo nome, de Gontcharóv, “tomou uma forma definida e firme, se manifestou em voz alta e abertamente”⁴³.

Mas antes que esse fenômeno do “herói do tempo”, que pelo menos até a libertação dos servos em 1861 ficou conhecido como “homem supérfluo”, chegasse a “se manifestar em voz alta e abertamente” na figura de Oblómov, que, como aponta Victor Terras, serviu para Dobroliúbov “como uma peça de demonstração da inutilidade histórica de todo nobre russo”,⁴⁴ muita coisa aconteceu no cenário da literatura russa. Portanto, a diferença de temperamento não é o único traço que distingue os heróis deste tipo, há também a diferença da época em que eles foram aparecendo, pois com o passar do tempo esse tipo foi assumindo uma nova forma e outras atitudes em relação com a vida. E reparar nessas novas fases de sua existência, definir a essência de seu novo sentido a cada etapa do desenvolvimento da sociedade russa, como apontou Dobroliúbov, “constituiu uma tarefa enorme, e o talento que conseguiu isso sempre deu um passo à frente substancial na história da literatura russa”.⁴⁵

No romance *O herói do nosso tempo*, de Liérmontov, a figura de Petchórin recebe tantos traços exteriores do “herói do tempo” que é impossível não perceber nele já um passo à frente na evolução deste tipo criado por Púchkin. Petchórin é representado como uma pessoa corajosa, conseqüente, extremamente honesta em suas posições morais e um

⁴³ N. Dobroliúbov, “O que é o oblomovismo?”, in *N. Dobroliúbov 1836 – 1861*. p. 74.

⁴⁴ V. Terras. *Handbook of Russian Literature*, p. 454. Acontece que, no momento em que Dobroliúbov escreve seu artigo “O que é o oblomovismo?”, em 1859, a crítica democrático-revolucionária estava profundamente empenhada em sua ofensiva contra a crítica liberal (a *intelligentsia* ocidentalista já havia se dissociado em liberais e democratas revolucionários, com a mudança destes últimos para posições que tendiam ao materialismo). Com isso, ao ressaltar os lados frágeis do “homem supérfluo” em seu artigo, Dobroliúbov em grande medida o reduz ao tema do liberalismo.

amante da liberdade, mas não consegue desvendar “sua predestinação”. Petchórin sofre da doença de seu tempo, os anos 30: a descrença, o ceticismo, que o impossibilita de agir em nome do bem e acaba por conduzi-lo ao mais completo vazio espiritual e à depressão moral.⁴⁶

Um passo decisivo no sentido da constituição de uma verdadeira galeria dos “homens supérfluos” na literatura russa foi dado por Herzen, em 1846, com seu romance *Quem é o culpado?* Nele, Herzen descreve o caráter contagiante de Béltov, um jovem de formação elevada e grande potencial moral, que “começa a vida com o fogo prometeico na alma”, mas, assim como Oniéguin e Petchórin, também “se transforma num ‘cético desiludido’”.⁴⁷ A origem do drama espiritual e moral de sua personagem é relacionada por Herzen com o complexo sistema da Rússia, fundamentado na servidão e na desigualdade social, e com a especificidade do momento histórico. Na mesma época foi publicado o romance *Uma história comum*, de Gontcharóv, que também tem como centro a figura de um jovem “sonhador” romântico, Alieksandr Adúiev, que sofre uma derrota após outra ao alienar o sentido da vida a três idéias simbólicas: glória, amor e amizade. Idéias estas essenciais para os idealistas românticos dos anos 30, que almejavam viver uma vida superior, inacessível à multidão desprezível, que rastejava ao destino. Belínski considerou este romance de Gontcharov um golpe certo no coração do romantismo.

Sempre atento à concepção de mundo que se formava em sua época, Dostoiévski não poderia ter ficado indiferente a um fenômeno que estava colocado na ordem do dia e despertava tanto interesse entre os escritores. Convencido de que a base de qualquer criação artística autêntica é constituída pela realidade, ele reiteradas vezes declarou sua opinião de que os objetivos e os interesses da arte são idênticos aos do homem, a quem ela serve e está indissolivelmente ligada. Nesse sentido, sua novela *A senhoria* constitui uma

⁴⁵ N. Dobroliúbov, “O que é o oblomovismo?”, in *N. Dobroliúbov 1836 – 1861*. p. 56.

⁴⁶ Belínski atribui seu “desacordo com o mundo” ao fato de ser ele um herói de uma época de transição, uma época de destruição dos antigos sistemas e concepções morais e absoluta ausência de novos ideais sociais concretos. (V.G. Belínski. *O.C.*, v.4, p. 519.)

tentativa de apresentar, na figura de Ordínov, um “sonhador” romântico, não só um fenômeno, para ele, ainda corrente nos anos 40, mas também um novo elo na evolução do “herói do tempo”, que com Oniéguin e Petchórin iniciara uma carreira que ainda estava longe de chegar ao fim. Na figura de Ordínov, o escritor dá sua própria versão sobre um tipo popular, russo, do qual, como escreveu Dobroliúbov, “não pôde escapar nenhum dos escritores realmente sérios”.⁴⁸ Ordínov, sem dúvida, é mais um dos representantes simbólicos dessa geração de jovens aristocratas que três anos mais tarde, com Turguêniev, receberia a denominação de “homem supérfluo”.⁴⁹

Se é certo dizer que em cada grande escritor, em suas primeiras obras, mesmo nas de juventude, é possível encontrar em germe toda a sua produção subsequente, em Dostoiévski isso é mais do que verdadeiro. Com a novela *A senhoria*, ele inaugura uma etapa em sua carreira de escritor em que começa a se dedicar a questões, tanto temáticas como relativas ao seu método de criação, que aparecerão desenvolvidas em toda a sua complexidade em seus trabalhos de maturidade.

Os traços básicos do ponto de vista sob o qual ele escreve suas obras, que dá ao herói completa liberdade de revelação de si mesmo sem a interferência direta do autor, já está nitidamente delineado desde *Gente pobre*. Mas de grande importância para a compreensão do caminho seguido por ele na evolução da representação dos destinos humanos em sua obra é esta sua novela da primeira fase. *A senhoria* constitui, sem dúvida, um dos principais precedentes de suas criações da época madura.

Esta é a primeira obra de Dostoiévski em que aparece uma personagem intelectual, com origem numa classe social superior. Vassíli Mikháilovitch Ordínov é um jovem da capital, de origem nobre e com cultura. É o primeiro personagem do escritor que se aproxima do tipo do “herói do tempo”, constituindo sua primeira tentativa de configuração de um herói

⁴⁷ S. Rozanova, “Sviáznii potcherk jivikh sobitii” (Um estilo coerente dos acontecimentos vivos), in A. I. Herzen, *Quem é o culpado?*, 1980, p. 8.

⁴⁸ Dobroliúbov se refere aqui ao tipo do “homem supérfluo”. N.A. Dobroliúbov. “O que é o oblomovismo?”, in *N. Dobroliúbov 1836 – 1861*, p. 56 (artigo de 1859).

da intelligentsia aristocrática. Apesar de ser um “desclassificado”, no sentido de que está privado do bem-estar e dos privilégios de sua classe, o “herói” de Dostoiévski, de qualquer forma, é um homem de uma camada cultural superior. E isto nele é uma coisa fundamental, pois, em que pese toda a sua “marginalidade”, nem por isso ele se revela imune aos problemas da classe a que pertence. O próprio Ordínov se apresenta a Múrin como um nobre (em russo *dvorianin*), como uma pessoa independente, que não trabalha e se dedica às suas próprias coisas.

No entanto, Dostoiévski começa a trabalhar com essa figura do herói da nobreza de um modo que difere muito do de seus antecessores. Pode-se dizer que o princípio do herói clássico portador de uma nova palavra é conservado por ele. No entanto, em sua versão deste mesmo tipo, ele promove uma ruptura em sua caracterização, ao apresentá-lo não nos meios da aristocracia, mas num subúrbio pobre, nos limites de um quadro da “fisiologia” da capital, e ainda com um novo conteúdo psicológico-social. Conteúdo este nutrido da própria experiência de vida do escritor e de sua visão de mundo, que lhe permitem representar o homem como um ser livre, único e imprevisível, que só pode ser entendido de dentro de seu próprio ponto de vista. Tanto que, quando se trata da obra de Dostoiévski, é impossível não se perceber quanto é importante para o escritor o motivo da destruição de qualquer imagem do homem configurada à sua revelia. E isto já desde *Gente pobre*, quando, ao retratar a revolta de Diévuchkin contra o enfoque literário dado por Gógol à figura do funcionário pobre, ele abre uma polêmica com o modo tradicional de representação do ser humano.⁵⁰

⁴⁹ Esta é a denominação com que Turguêniev se refere ao personagem de sua novela “Diário de um homem supérfluo”, publicada em inícios dos anos 50.

⁵⁰ Ver a respeito M.M. Bakhtin, “A personagem e seu enfoque pelo autor na obra de Dostoiévski”, in *Problemas da poética de Dostoiévski*, p. 49.

II – Ordínov: um “herói de seu tempo”?

1. A questão da verossimilhança da personagem

Praticamente na mesma época em que Dostoiévski iniciou sua carreira literária, nos anos 40, surgiram também outros escritores de grande talento, como Nekrásov, Turguêniev, Herzen, Gontcharov. No entanto, em nenhum deles foram depositadas tantas esperanças como em Dostoiévski. Dizer, na época, que “havia surgido um novo Gógol”,⁵¹ era o mesmo que dizer que havia surgido um novo gênio. Dostoiévski foi logo tomado por todos como um escritor da “escola natural”, que havia saído de *O Capote*, de Gógol, para continuar sua tradição, embora já em seu romance inaugural polemizasse abertamente com esta obra do escritor. Enquanto a escola gogoliana procurava afirmar o valor do homem comum mostrando-o de forma objetiva, com toda a limitação de suas capacidades inventivas, “tal como ele é”, Dostoiévski declara imediatamente sua rejeição a este modo de representação, revelando um ponto de vista extremamente original sobre o homem.

Mas esse novo ponto de vista do escritor na representação de suas personagens, se a princípio foi o responsável por elevá-lo a alturas inimagináveis, também o foi por sua queda abrupta. Os mesmos críticos que de início o colocaram nas nuvens começaram a recriminar cada vez com mais freqüência o que consideravam uma “limitação” de seu realismo: a falta de tipicidade e verossimilhança em sua maneira de representar a realidade, sua preferência pelas extravagâncias psicológicas, psicopatológicas,⁵² por fenômenos isolados e excepcionais.⁵³ Nem mesmo a “cruidade” de seu talento passou despercebida,⁵⁴

⁵¹ Ao levar para Belínski os manuscritos de *Gente pobre*, o crítico Nekrásov anuncia-lhe em êxtase: “Surgiu um novo Gógol”, ao que Belínski lhe teria respondido: “Para vocês, os Gógols estão dando como cogumelos”. (Artigo de R.B. Ivanov-Razumnik para: V.G. Belínski, “Coletânea de Petersburgo”, in *O.R.*, p. 528).

⁵² Ver Belínski sobre *O duplo*, “Em nossa época, o fantástico pode ter lugar em manicômios, mas não na literatura, pode ser assunto para médicos, mas não para poetas.” V.G. Belínski, “Um olhar sobre a literatura russa de 1846”, in *O.R.*, v. 3, p. 674 e 675.

⁵³ Dostoiévski sempre insistiu na necessidade de o escritor conhecer a realidade sobre a qual escreve nos mínimos detalhes. Ele se volta sempre de modo obsessivo aos fatos da realidade, que diz passarem despercebidos: “Não há um cidadão que os note, ninguém quer fazer um esforçozinho sequer e parar para pensar, para reparar neles. Eu não poderia deixá-los para trás, nem os gritos todos dos críticos de que eu

tanto que ele recebeu de Turguêniev o epíteto de “o marquês de Sade russo”.

No entanto, o ponto de vista na obra de Dostoiévski acabou por revelar-se um expediente fundamental para a verossimilhança de suas personagens, que, como mostrou Bakhtin, se constitui pela “verossimilhança de seu discurso interior sobre si mesma em toda a sua pureza”. Mas, como observa o crítico, “para ouvi-lo e mostrá-lo, para inseri-lo no campo de visão de outra criatura, torna-se necessário violar as leis desse campo de visão, pois um campo normal de visão tem capacidade para absorver a imagem objetiva de outra criatura, mas não outro campo de visão em seu todo”.⁵⁵

A *senhoria* é uma narrativa em terceira pessoa na qual Dostoiévski introduz em sua íntegra o campo de visão da personagem principal. Para isso, ele não precisou lançar mão de nenhum estenógrafo fantástico, como chegou a insinuar mais tarde, por exemplo, na novela *Uma criatura dócil*.⁵⁶ Resolveu a questão vinculando o campo de visão do narrador ao da personagem central, passando a tomar conhecimento apenas daquilo que entra para o campo de visão dela. E ao se fixar em uma única personagem, o narrador conscientemente abre mão de sua capacidade de onisciência em relação às demais. Com este recurso técnico, que limita a onisciência do narrador a uma única personagem, Dostoiévski conseguiu uma tal simbiose entre os dois, a ponto de muitas vezes não se poder distingui-los. Assim, a narrativa, que é exterior, pois é conduzida por um narrador que se

represento uma vida que não é verdadeira poderiam me dissuadir.” (F.M. Dostoiévski, *F.M. Dostoiévski e a questão da arte*, p. 450.

⁵⁴ Mikháilovski, “Um talento cruel”, in *Artigos críticos literários*.

⁵⁵ M.M. Bakhtin. *Problemas da poética de Dostoiévski*, p. 46.

⁵⁶ Em sua novela *Uma criatura dócil*, para introduzir o discurso direto da personagem, nas condições excepcionais em que ela se encontra, sem que sua palavra interferisse na palavra pronunciada por ela, Dostoiévski procurou para si um ponto que ele chamou de “fantástico”. No prefácio à obra ele explica esse

encontra fora do plano dos acontecimentos da novela, que não toma parte na ação, torna-se ao mesmo tempo extremamente interior.

Esta técnica narrativa, que em muitos aspectos se aproxima da explorada mais tarde por ele no romance *Crime e castigo*,⁵⁷ muito mais do que apenas uma forma especial de organização artística do material pelo autor, tinha o sentido, também, de uma recusa, da parte de Dostoiévski, de expressar abertamente suas próprias idéias. Para ele se trata de uma posição estética consciente, que Bakhtin aponta como responsável pela destruição do “monologismo” em seu mundo artístico, ao deixar a cargo das próprias personagens a revelação sobre si mesmas.

Esse procedimento característico do estilo de Dostoiévski, que dá ao narrador a capacidade de penetrar o mundo psíquico alheio, encurtando a distância entre ele e a personagem, já havia sido apontado também por Belínski a propósito de *Gente pobre*. O crítico percebeu que “o autor conta a aventura de seu herói a partir de si mesmo, mas completamente com a linguagem e a compreensão do herói”. E para ele é nisto que se revela a “capacidade infinita” de Dostoiévski “de contemplação objetiva dos fenômenos da vida, a capacidade, por assim dizer, de se transferir para a pele de outra criatura completamente estranha a ele”.⁵⁸ Ou seja, como precisou Bakhtin essa peculiaridade do modo de criação do escritor, a voz do narrador, quando introduzida na obra, nunca se sobrepõe à voz da personagem. Ele pode se identificar com uma personagem de sua história, mas jamais assumir a posição neutra de um observador externo, e muito menos de um observador que vê os acontecimentos de uma posição superior.

Em *Gente pobre*, com o intuito de dar aos próprios protagonistas a possibilidade de revelação de sua existência em toda a sua complexidade, ele escolheu a forma de

seu procedimento e a necessidade de recorrer a ele para que a revelação da verdade sobre a personagem se desse por ela própria.

⁵⁷ Sobre *Crime e castigo*, Dostoiévski explica que a narrativa seria conduzida “em nome de um autor como que invisível, mas uma criatura onisciente, que não se desvia dele (Raskólnikov) por um minuto, nem mesmo em palavras”. F.M. Dostoiévski. O.C., v. 7, p. 146.

⁵⁸ V.G. Belínski, “Coletânea de Petersburgo”, in *O.R.*, v. 3, p. 84.

correspondência entre eles.⁵⁹ Tendo em vista este mesmo objetivo, em *A senhoria* ele lança mão de um narrador que, de fora do plano da ação, conta a história exclusivamente em termos dos aspectos da consciência da própria personagem a que se liga.

A ação em *A senhoria*, assim como em todas as obras anteriores de Dostoiévski, tem lugar em Petersburgo. Mas em seu centro, no lugar do funcionário pobre, ele coloca um outro tipo, psicologicamente mais complexo, a figura de um jovem intelectual, idealista, um “sonhador” romântico. Personagem central da novela, Vassíli Mikháilovitch Ordínov, embora de origem nobre, é tão pobre e solitário quanto os funcionários humildes que o antecederam. O que dá ensejo à narrativa sobre ele, servindo como pretexto para o desencadeamento de toda a ação da novela, é o surgimento de um fato “excepcional” em sua vida, provocado por um acontecimento mais do que banal: uma mudança de alojamento, à qual ele se vê obrigado por força das circunstâncias. A novidade de um acontecimento como este, como diz o narrador, “tão insignificante”, é suficiente para pôr Ordínov, que não estava acostumado a “sair a negócios” (p. 8), numa situação de extrema vulnerabilidade, que se reflete não só em seu estado emocional como fisicamente, fazendo-o sentir “calor, calafrios e febre alternadamente”. (p. 63)

E é assim que Ordínov, que “sempre havia levado uma vida tranqüila, completamente solitária” (p. 5), se vê de repente jogado em meio a um “turbilhão” de acontecimentos, tornando-se bruscamente objeto central da narrativa.

Mas é verdade que Dostoiévski coloca também Katierina e Múrin no centro da novela, o que cria uma certa confusão entre os pesquisadores sobre a personagem principal, cuja discussão a respeito ainda hoje não se deu por encerrada. Para muitos dos críticos, o tema central é a personagem-tipo, o “sonhador”. Porém, nos anos de 1920, seguindo a opinião do crítico soviético A.L. Bem, se formou uma tendência a considerar que as demais personagens são fruto da imaginação delirante de Ordínov. Para Bem, o verdadeiro herói

⁵⁹ Essa questão está melhor desenvolvida em minha Dissertação de Mestrado: “Os caminhos da razão e as tramas secretas do coração: a representação da realidade na novela *A dócil*, de Dostoiévski”. FFLCH/USP, 2002, p. 113.

de *A senhoria é Ordínov*, “apenas e unicamente ele”, enquanto “a figura de Katierina constitui apenas uma generalização artística do conflito interior na alma de Ordínov, apenas um símbolo que revela um certo ‘mistério de seu mundo interior’”.⁶⁰ Sendo assim, “Katierina e sua história, em essência, constituem apenas um tema desenvolvido secundariamente”.⁶¹ K.K. Istomin também procura mostrar que a única personagem real em *A senhoria é Ordínov*, enquanto Múrin e Katierina não passam de “forças populares espontâneas e feitiços nebulosos do passado que toldam a alma sensível de Ordínov.” Múrin é visto por ele como um “símbolo da ‘familiaridade’ oficial”, já Katierina representa “a Rússia oprimida, adoentada, o grande reino dos ‘humilhados e ofendidos’, em cujas ricas entranhas definham seus ideais luminosos de amor, igualdade e fraternidade”. A outra força é “a Rússia livre, ilustrada, que hipoteticamente alcança o grande mistério da grande alma russa, que deseja apaixonadamente arrancar do rosto do todo-poderoso Múrin a máscara da mentira, do engano, da hipocrisia”. No entanto, para Istomin, o representante dessa força é Dostoiévski, e não Ordínov.”⁶²

Já entre a crítica mais recente as opiniões não poderiam ser mais divergentes. Para Victor Terras, Ordínov só poderia ser considerado o herói da novela “se o todo ou a maior parte da ação fosse entendida como um produto das alucinações de Ordínov, no sentido em que o é a novela expressionista. Caso contrário, ele é apenas um espectador, um “testa-de-ferro” do narrador, através do qual tomamos conhecimento sobre o estranho e excitante casal Múrin e Katierina”.⁶³

Josef Frank considera Katierina a personagem central, uma vez que o foco narrativo, como indicado no título da novela, incide sobre ela e sua relação com Múrin e Ordínov.⁶⁴

⁶⁰ A.L. Bem, “Dramatização do delírio”, in *Pesquisa. Cartas sobre literatura*, p. 322. Este artigo foi publicado pela primeira vez em Praga, em língua tcheca, em 1928. Em russo ele foi publicado em 1929, na coletânea *Sobre Dostoiévski*.

⁶¹ A.L. Bem, “Dramatização do delírio”, in *Pesquisa. Cartas sobre literatura*, p. 286.

⁶² K.K. Istomin, *Da vida e obra de F.M. Dostoiévski*, p. 43.

⁶³ Victor Terras, *The young Dostoevsky*, 1969, p. 196.

⁶⁴ A.L. Bem cita uma observação de A.S. Dolínim sobre a técnica de Dostoiévski para a denominação de suas obras: “Nele os títulos quase nunca coincidem nem com o acontecimento do enredo central, nem com a personagem que representa o papel principal num dado encadeamento de acontecimentos. Os títulos

Um dos argumentos de Frank é que a psicologia de Ordínov sequer recebe um desenvolvimento completo, já que não chega a existir um conflito entre ele e a realidade, uma vez que sua primeira tentativa de romper o isolamento só faz lançá-lo num “mundo ainda mais estranho e fantástico do que jamais imaginara”.⁶⁵

Num trabalho mais recente, de 1998, o pesquisador italiano Stefano Aloe conclui que na novela há dois temas centrais, o do “sonhador” e o do “coração fraco”, o que coloca Ordínov e Katierina como personagens principais.⁶⁶

No entanto, ainda que Katierina e Múrin também ocupem um lugar de grande destaque na trama, não há dúvida de que seu tema central é o tipo “sonhador” e Ordínov, sua personagem principal. O foco narrativo, diferentemente do que diz Josef Frank, está centrado na figura de Ordínov e, até o final da novela, não se desvia dele por um instante sequer. É a partir dele que se desenvolve toda a narrativa, a história das demais personagens só vem à luz na medida em que se ligam à sua. O narrador mesmo só vê os acontecimentos através de Ordínov. Afetado pela idéia de que não sabe tudo, pela própria precariedade de nossa percepção, ele só toma conhecimento daquilo que entra para o campo de visão de Ordínov, assim como de seus sentimentos, pensamentos e percepções. Privado do poder de onisciência em relação às demais personagens, ele perde também o acesso ao estado mental delas, com raros momentos de exceção, e ainda assim apenas em relação a Iaroslav Ilitch. O objeto da narrativa é o mundo de Ordínov, apresentado de seu próprio ponto de vista, da forma como ele percebe os acontecimentos, com todas as suas dúvidas e incertezas. Isso fica evidente pelo acúmulo de expressões como: “talvez fosse”, “ao que parece”, “teve a impressão”, “era como se”, “ocorreu-lhe”, que se acham espalhadas por toda a obra.

Como a história é conduzida de um centro fixo, seu objeto, portanto, é parcial, e sua perspectiva,

extremamente delimitada, mas é isso o que vai permitir que todos os fios da narrativa se liguem à

apontam precisamente para outros fatores que desempenham um papel composicional importante no romance”. A.L. Bem, “Dramatização do delírio”, in *Pesquisa. Cartas sobre literatura*, p. 322.

⁶⁵ Josef Frank, *As sementes da revolta, 1821–1849*, p. 438.

personagem central, dando unidade a toda a obra. Além do que, é justamente desta limitação de sua capacidade de onisciência, ao se ligar a uma única personagem, que o narrador vai tirar todos os efeitos especiais com que retrata a tragédia de Ordínov, ou seja, a tragédia do “sonhador” romântico, esse cidadão meio enfermo, “exageradamente suscetível”, “cheio de entusiasmos juvenis” e “totalmente incapacitado para a vida prática”, como ele se refere a Ordínov.

O narrador nos põe em contato com a realidade de Ordínov, com o “quem era ele”, já no próprio início da novela, enquanto ele procura um novo alojamento. Sem abandoná-lo por um momento sequer, relata sucintamente algumas situações que abrangem sua infância e seu passado mais recente. Mas não diz muita coisa além daquilo que, por ainda fazer parte do presente, é estritamente necessário para se acompanhar o desenrolar dos acontecimentos nos poucos dias subseqüentes em que vai se concentrar a narrativa.

Conta que Ordínov, único descendente de uma família aristocrática arruinada, “por causa de seu temperamento estranho e introspectivo” (p. 7) começou a se isolar de todo mundo ainda na infância. Ao terminar a faculdade e receber de seu tutor uma quantia ínfima, “o que havia restado da herança de seu bisavô” (p. 6), alugou o primeiro canto que encontrou e ali “se enclausurou como se estivesse em um monastério, como se estivesse recluso do mundo” (p. 6). O que exigia de Ordínov esse isolamento e absorvia toda a sua existência (ainda segundo o narrador) era sua paixão profunda e insaciável pela ciência. Pelo que nos relata, Ordínov vivia exclusivamente para saciar sua sede de conhecimento, com um fanatismo que chegava a ser pueril. Só não deixa claro a que área pertencem seus

⁶⁶ Stefano Aloe, “Un racconto in bilico fantastico”, in Fedor Michajlovic Dostovskij. *La padrona di casa*. Roma, Re Enzo Editrice, 1998.

estudos.⁶⁷ Limita-se a dizer que ele estava trabalhando em um novo “sistema”, no qual tentava unir criação e conhecimento: Ordínov queria “ser um artista na ciência” (p. 88). No entanto, após dois anos de reclusão, ele havia se asselvajado completamente.

E é assim, alienado do mundo das paixões e das emoções da vida real, voltado exclusivamente para sua fantasia científica, que o encontramos no início da novela. De dados objetivos sobre sua vida, é isso o que conta sumariamente o narrador, sem se aprofundar em detalhes. Mas há um pequeno comentário que faz sobre Ordínov, ainda nesse trecho de seu relato, que se revela essencial e constitui uma questão central de toda a narrativa. Ele diz:

“Essa paixão o havia transformado numa verdadeira criança perante o mundo exterior e já para sempre incapaz de se impor a outras pessoas de bem, quando se fizesse necessário demarcar para si ao menos um cantinho entre elas. Nas mãos de pessoas hábeis, a ciência é um capital; a paixão de Ordínov era como uma arma apontada para ele mesmo.

“Havia nele mais uma inclinação inconsciente do que uma motivação lógica precisa para os estudos e o conhecimento, assim como para qualquer outra atividade a que até então se dedicara, até mesmo a mais insignificante... Mas em seus estudos solitários nunca houve ordem e um sistema determinado, nem mesmo agora havia; o que havia agora era apenas o primeiro entusiasmo, o primeiro ardor, a primeira febre do artista.”

É no sentido da elucidação deste comentário inicial que está voltada toda a construção da novela. Com ele o narrador toca em questões que estão diretamente relacionadas com seu tema central: o tema do intelectual idealista, do “sonhador” romântico. Mas há ainda aqui uma outra questão, que se refere não só à temática, mas principalmente ao método de criação de Dostoiévski, que se revela essencial na novela.

⁶⁷ Este fato, que também serviu para Belínski como motivo de crítica à obra, até hoje gera controvérsias entre os que se dedicam a estudá-la.

Neste comentário, o narrador não faz senão emitir uma opinião que era corrente sobre o tipo de Ordínov. O que está em questão, no entanto, é que, ao exprimir sua opinião, ele apresenta a personagem do ponto de vista dominante de um narrador onisciente, de acordo, portanto, com o método de representação comum na época, com o qual, como foi apontado anteriormente, Dostoiévski polemiza com Gógol já em *Gente pobre*. Ou seja, para ele, a caracterização e definição de um indivíduo por outro de maneira fixa e imutável, como também foi apontado por Bakhtin, é um tipo de procedimento absolutamente inaceitável. Trata-se de uma atitude arrogante por parte do narrador, uma manifestação de autoritarismo e desprezo pela outra pessoa e, portanto, não pode refletir com propriedade a sua verdade, já que para Dostoiévski o homem só pode ser entendido do interior de seu próprio ponto de vista, que não é acessível a um observador externo. Ou seja, como se costuma dizer, cada um é que sabe onde lhe aperta o sapato.

A opinião do narrador sobre Ordínov emitida neste comentário inicial, ainda que, realmente, se revele verdadeira, a possibilidade de confirmá-la com propriedade, com todos os seus desdobramentos e em toda a sua complexidade, cabe apenas a ele próprio. E, de fato, depois dessa declaração, o narrador muda completamente sua posição em relação à personagem, passando a limitar-se àquilo que ela sabe sobre si mesma e os acontecimentos. Com isso, a distância que ele tenta manter inicialmente em relação aos acontecimentos logo se perde e o foco da narrativa se volta para o momento em que eles estão se dando. De modo quase imperceptível, o narrador começa a se aproximar intimamente de Ordínov, a adentrar seus pensamentos e sentimentos, até o ponto de se instalar por completo em sua mente, como se “se transferisse para a sua pele”.⁶⁸ Conseqüentemente, também as fronteiras entre sua própria voz e a de Ordínov vão se esgarçando, chegando muitas vezes a se fundirem completamente – mas sem que uma se torne objeto da outra. Tanto que Victor

⁶⁸ Como foi visto anteriormente, esta especificidade característica da forma narrativa de Dostoiévski foi notada pela primeira vez por Belínski (*O.R.*, “Peterburgskii Sbornik”, v 3, p. 84). Mas o próprio Dostoiévski também se manifestou nesse sentido, em uma carta a seu irmão Mikhail datada de 1º de setembro de 1846, a respeito de *Gente pobre*, em que diz: “...Eles se acostumaram a ver em tudo a cara do criador; a minha, no entanto, eu

Terras apontou esta obra de Dostoiévski como sendo a primeira em que aparece um narrador quase completamente neutro.⁶⁹

Este recuo do narrador de conduzir a história de Ordínov a partir apenas de seu próprio ponto de vista revela uma visão de mundo e valores que estão relacionados com o modo como a verossimilhança se realiza em toda a obra de Dostoiévski. Da parte do narrador de *A senhoria*, apesar de ser uma narrativa em terceira pessoa e apesar do comentário inicial, não há sequer sombra de um esforço de objetificação da personagem, no sentido de torná-la um veículo para expressar suas próprias idéias.

Como se pode ver, a partir do trecho “Sentia cada vez mais prazer em vagar pelas ruas. Olhava para tudo embasbacado, como um *flâneur*...” (p. 8), a narrativa retoma seu tempo regular, que é o dos acontecimentos no presente, no momento em que ela está sendo conduzida, e o ponto de vista do narrador não consegue mais se firmar. Para continuar a contar a história ele é obrigado a deixar que sua voz se misture intimamente com a voz silenciosa de Ordínov, em seqüências inteiras de discurso indireto livre, criando muitas vezes no leitor a impressão de que a narrativa está sendo conduzida pelo próprio Ordínov. É como se nos lugares onde o narrador diz “ele” pudesse ser mudado para “eu”, como na cena, ainda no início da novela, em que Ordínov sai andando pelas ruas em busca de um alojamento e se dá conta de sua solidão:

“Foi ficando angustiado e triste. Começou a temer por sua vida, por toda a sua atividade e até por seu futuro. Um novo pensamento vinha roubar-lhe a tranqüilidade. De súbito ocorreu-lhe que havia passado sua vida inteira sozinho, que ninguém o havia amado, e que também ele nunca chegara a amar ninguém. Alguns dos transeuntes com os quais puxou conversa casualmente no início do passeio o olharam de um modo grosseiro e estranho. Percebia que o tomavam por louco ou por um excêntrico bem original” (p. 9).

não mostrei. E eles não conseguem perceber que é Diévuchkin quem fala, e não eu, que Diévuchkin não conseguiria falar de outra forma”. (F.M. Dostoiévski, *O.C.*, v. 28, livro I, p. 117.)

⁶⁹ Victor Terras, *The young Dostoevsky (1846-1849)*, p. 217.

Este exemplo da maneira impessoal de o narrador conduzir a história foi tomado aleatoriamente, mas o texto todo está repleto de outros tão bons e até melhores que este, como é o caso dos sonhos de Ordínov, em que a simbiose entre narrador e personagem chega ao máximo, tendendo já a um tipo de fluxo de consciência:

“Por vezes, em momentos de vaga consciência, tinha lampejos de que estava condenado a viver uma espécie de sonho longo, interminável, cheio de sobressaltos, lutas e sofrimentos estranhos e estéreis. Aterrorizado, tentava se insurgir contra esse fatalismo funesto que o oprimia, mas no momento cruciante da luta uma força desconhecida tornava a golpeá-lo, e ele percebia, sentia claramente que estava de novo perdendo a memória, que de novo uma escuridão impenetrável e insondável se abria diante dele, e ele se lançava a ela com um uivo de angústia desesperador.” (p. 25)

À medida que avança a narrativa, vai se tornando cada vez mais difícil diferenciar a voz do narrador da de Ordínov. Mas há passagens em que o narrador parece fazer questão de lembrar sua presença, como acontece em seguida ao trecho anterior à do sonho, acima citado: “Percebia que o tomavam por louco ou por um excêntrico bem original, *o que, aliás, era a pura verdade*” (*grifo meu*). Esse trecho destacado em itálico significa um brusco corte na condução dos pensamentos de Ordínov por parte do narrador. Ele irrompe na cena como que para reforçar a idéia de que se trata de sensações experimentadas por Ordínov, e não de conjecturas suas. Além do que, nesse caso, ele parece ter ainda um outro propósito: reafirmar o estado de alienação em que se encontra a personagem, que nessa altura ainda não seria capaz de ter clareza do estado de asselvajamento em que se encontrava. E mais adiante, ele diz: “Por todo lado estava ermo e deserto; tudo tinha uma aparência meio lúgubre e hostil: *pelo menos era essa a impressão que tinha Ordínov*” (*grifo meu*). Os dois pontos aqui indicam uma pausa, um recurso utilizado por ele para introduzir sua própria palavra, ainda no sentido de lembrar sobre si mesmo e reafirmar que se trata das impressões de Ordínov e não das suas.

As marcas do discurso do narrador, é verdade, não desaparecem de todo e volta e meia se tornam mais visíveis. É o caso da cena na igreja, em que Ordínov se ajoelha ao lado de Katierina, Nela o narrador irrompe de súbito, com um comentário muito sutil, mas que lhe permite demonstrar com autoridade suficiente sua compreensão do que acontece com Ordínov:

“Talvez essa impressionabilidade exacerbada, esse desnudamento e essa desproteção de seus sentimentos tenham se desenvolvido com a solidão; talvez essa impetuosidade de seu coração, preparada no irremediável silêncio penoso e sufocante de longas noites de insônia, entre anseios inconscientes e inquietações impacientes de seu espírito, estivesse finalmente prestes a explodir ou a encontrar desafogo” (p. 15);

E na seqüência compara o estado emocional de Ordínov a uma tempestade de verão, mas antes, como que fazendo questão de reforçar que se trata de um comentário seu, deixa uma marca evidente de sua presença: “*e devia ser isto mesmo*”, diz, e continua:

“como costuma acontecer bruscamente nos dias tórridos e abafados, em que o céu repentinamente se torna todo negro e a tempestade se derrama em chuva e fogo sobre a terra sedenta, se pendura como pérolas de chuva nos ramos de esmeralda, fustiga a erva, os campos, abate sobre a terra os tenros cálices de flores, para que em seguida, aos primeiros raios do sol, tudo, retornando à vida, se levante, se precipite ao encontro dele e, solenemente, lhe envie no céu o seu incenso doce, luxuriante, regozijando-se e exultando com a renovação de sua vida... *Mas Ordínov agora não conseguiria sequer pensar no que se passava com ele: ele mal se reconhecia...* (p. 15) (*grifos meus*).

Com essa observação final, o narrador, além de mostrar sua compreensão do que acontece com Ordínov, mostra também o estado emocional que o arrebatava sempre que ele se encontra ao lado de Katierina, que o faz perder completamente a noção de si mesmo. De certa forma, esse constitui um dos motivos em que se apóia Bem para justificar sua tese de

que as cenas em que Katierina aparece a seu lado seriam fruto dos “delírios” de Ordínov.

Um outro recurso característico da narrativa é que o narrador não se precipita a formular aqueles pensamentos e movimentos do mundo interior de Ordínov que ele próprio não se encontra em condições de compreender, recorrendo a expressões como: “chto-to”, “kokoe-to”,⁷⁰ permanecendo também nesse caso no nível da compreensão da personagem.

No entanto, a partir do trecho “Sentia cada vez mais prazer...” até praticamente o fim da novela, uma fronteira nítida entre sua voz e a voz silenciosa de seu personagem, o narrador quase não consegue mais demarcar. E todo o desenvolvimento posterior de sua narrativa será uma espécie de representação artística da tese inicial do narrador sobre o “sonhador” idealista que teve o coração enfraquecido em consequência de sua inércia e reclusão.

Pelo fato de o tempo do enunciado e o da enunciação estarem ao máximo aproximados, o narrador pôde intencionalmente se pôr no mesmo nível de sua personagem, passando a saber da situação apenas aquilo que ela mesma vai sabendo a cada passo. Através da criação deste clima artístico tão complexo e sutil em torno da figura de Ordínov, o narrador passa a apresentar ao leitor apenas aquilo que está no campo de visão ou na mente dele, levando-o a se revelar num processo da mais tensa interação da consciência que ele tem sobre si mesmo com o que as demais personagens têm a dizer sobre ele. O ponto de vista neutro de um observador externo, que apresenta um desenrolar distanciado dos acontecimentos, construindo uma imagem estável da personagem, destruiria esse clima, impedindo que a revelação do “sonhador” se desse por ele mesmo, no processo de suas buscas de um novo lugar no mundo.

Isso Dostoiévski havia percebido já ao escrever seu primeiro romance, ao considerar o modo de interpretação da realidade da “escola natural” insuficiente para penetrar não só na essência significativa dos fenômenos sociais, como para a representação das características mais determinantes de suas personagens. E é assim que, ao empreender uma

⁷⁰ Em russo, as expressões chto-to, que significa “algo”, “alguma coisa”, e kakoe-to, “um certo”, “uma espécie de”, aparecem espalhadas por todo o texto da novela, e muitas vezes foram traduzidas simplesmente pelo

reviravolta completa no mundo criado por Gógol, passa para o ponto de vista da própria personagem tudo o que era apresentado do ponto de vista do escritor. Especificidade essa que se tornou característica de seu modo de escrever e é vista até hoje como uma questão essencial de seu método artístico. Mas o sentido geral dessa necessidade que sentia de revelar a essência da alma de suas personagens de todos os seus ângulos recebeu da crítica na época definições, na opinião de Dostoiévski, extremamente estreitas. E é então que ele oferece uma definição magnífica de seu método de criação: “Com um realismo pleno, encontrar o homem no homem... Sou apenas realista *no sentido mais elevado*, ou seja, retrato todas as profundezas da alma humana”.⁷¹

2. A tragédia da solidão

Obrigado a buscar um novo alojamento nos bairros pobres de Petersburgo, como conta o narrador logo no primeiro parágrafo da novela, Ordínov se vê de repente em contato com a vida viva, borbulhante, “de um mundo em eterno alvoroço, em eterna transformação” (p. 6). Após alguns instantes de aturdimento psíquico, embriagado por sensações nunca antes experimentadas, seu coração logo sucumbe a um sentimento de imensa tristeza e solidão. Ressentido “por ter a tal ponto se enterrado vivo em sua cela”, ele sente vontade de também se introduzir “nessa vida que lhe era alheia”, que ele havia “apenas pressentido com seu instinto de artista” (p. 8). E é nesse estado de espírito, em sua ânsia de recuperar o tempo perdido, que, ao entrar numa igreja, tem início seu drama e sua iniciação para a vida no mundo exterior.

Ali, ao encontrar Katierina, a mulher que mudaria para sempre sua vida, Ordínov se lança a uma dimensão de seu ser que até então desconhecia. Com isto, ele vê sua vida se abrir para o mundo exterior, obrigando-o a se despedir para sempre da vida tranqüila e sem sobressaltos que havia construído para si mesmo, voltada de corpo e alma para o seu

artigo indefinido. São partículas que na novela assumem geralmente a função de reforçar na narrativa a limitação do narrador no nível da consciência de Ordínov.

⁷¹ F.M. Dostoiévski, *F.M. Dostoiévski e a questão da arte*, p. 465 (*grifos do escritor*).

“mundo interior e artístico”. E se para Ordínov aquele era um mundo compreensível nos mínimos detalhes, a partir deste momento e até o fim da novela ele não mais conseguirá se identificar com ele. A ruptura entre ambos só tenderá a se aprofundar cada vez mais, até que ele não mais o reconheça. Não é à toa que experimenta “a profunda sensação de que toda a sua vida se partira ao meio” (p. 19).

E também não é por outro motivo que sua busca de um novo alojamento, que acaba por se transformar numa busca de um lugar no mundo ao qual pertencer, lhe traz à mente recordações de sua infância. São lembranças que o remetem a um outro momento, similar, de ruptura com um mundo de ordem e completa satisfação que lhe era tão doce, mas que desabou sobre ele. A perda da proteção materna, e conseqüentemente daquele mundo cercado por “enxames de espíritos luminosos” (p. 26), afugentados para sempre de sua vida, leva a uma fratura irreparável, a uma espécie de fragmentação da própria unidade paradisíaca original. O sentido da vida, que até então lhe parecia imanente, se perde; e no lugar dos espíritos luminosos que enxameavam em seu redor, trazendo harmonia e sentido a tudo a sua volta, vê abrir-se diante dele um abismo, símbolo da cisão em seu mundo. Rejeitado pelos companheiros por causa de seu caráter “introspectivo e sorumbático” (p. 7), aos poucos se isola de todo mundo. Se a meta de sua “fuga”, neste momento, era reencontrar a integridade perdida, o que Ordínov consegue é aprofundar ainda mais sua cisão com o mundo, ao ponto de torná-la praticamente irreversível.

Com os recuos no tempo, seja através de recordações ou delírios, Dostoiévski pôde introduzir *flashes* da infância e do passado de Ordínov que se revelam essenciais para a compreensão das razões e dos condicionamentos de suas ações atuais, e que não deixam de transmitir também uma certa objetividade à narrativa. A infância, aliás, é um ponto de partida indispensável nas criações em geral de Dostoiévski, já que é aí que começam a se formar as bases do caráter de suas personagens, o que não quer dizer que ele possa ser explicado apenas pelas circunstâncias de sua infância.

Já desde a infância, ao se sentir rejeitado pelos companheiros de mesma idade, Ordínov

levanta um muro entre eles e se isola do mundo. Em seus delírios, em seguida às suas recordações sobre essa época de sua vida, um enorme salto no tempo reporta o leitor ao momento em que Ordínov se dava conta de que já era um “homem feito”, de que “anos inteiros haviam passado sem que ele visse e percebesse” (p. 27). A sensação de deslocamento no mundo que experimenta então o leva a se fixar em suas investigações intelectuais solitárias, que deveriam conduzi-lo ao conhecimento, mas o conduzem a uma intensificação ainda mais radical de seu isolamento, de sua solidão.

O que acontece com Ordínov foi também descrito por Dostoiévski em seu folhetim “Crônica de Petersburgo”⁷² na mesma época em que escrevia *A senhoria*. Tal como Ordínov, o “sonhador” do folhetim “começa a se esquivar da multidão, a se esquivar dos interesses comuns e, quase sem perceber, seu talento para a vida real começa a se embotar”, já que “os prazeres proporcionados pela fantasia”, que de alguma forma preenchem “o vazio indolente de uma vida cotidiana insossa”, “se revelam mais plenos... do que a vida real”.⁷³

Ou seja, objetivamente incapaz de resolver seu conflito com a realidade que o cerca, ele se lança a uma espécie de evasão. Daí o exagero com que Dostoiévski pinta, no retrato psicológico de Ordínov, as debilidades características dos idealistas dos anos 30-40: a “paixão insaciável” pela ciência, o amor romântico exagerado, o mergulho nos sofrimentos espirituais, sua excitabilidade e vulnerabilidade excessivas. Com o mesmo frenesi de paixão com que dois anos antes Ordínov havia se entregado ao conhecimento científico, agora se lança à conquista de Katierina.

Num trecho de uma carta a Bakúnin, na época em que ainda se encontrava entregue às

⁷² “Crônica de Petersburgo” de 15 de abril de 1847, in *O.C.*, v. 18, p. 30. Como Dostoiévski foi também um jornalista de carreira, seus artigos são de grande interesse para o estudo de sua obra. Em 1847, com o desvanescimento de seus sonhos de glória e a reputação quase destruída, a sensação de que já havia esgotado o veio gogoliano da escola natural e uma necessidade desesperada de dinheiro o levaram a aceitar uma proposta de escrever os folhetins “Crônica de Petersburgo” para o “S.Peterbúrgskie Viédomosti” (Notícias de S.Petersburgo). Tratava-se de um jornal quinzenal aristocrático e conservador, defensor da tradição puchkiniana e inimigo da tendência gogoliana da revista “O contemporâneo”. Os folhetins apareceram em quatro edições: em 27 de abril, 11 de maio, primeiro de junho e 15 de junho de 1847. Na crônica de 15 de junho Dostoiévski faz pela primeira vez uma caracterização do “sonhador”.

idéias do idealismo, Belínski escreve: “A realidade é um monstro terrível, para ser livre e, em vez de um monstro terrível, ver nela uma fonte de felicidade, existe apenas um único meio – conhecê-la”.⁷⁴ O que podemos perceber é que o modo de raciocinar de Ordínov não difere muito do de Belínski daquela época. De certa forma, é isso que faz também ele, que, ao se isolar de tudo e de todos, em seu anseio de encontrar um sentido para a vida, se lança a apurar suas capacidades intelectuais. Ordínov, porém, que já desde a infância apresentava uma tendência ao isolamento, nem percebe que, na mesma proporção em que se dedica a desenvolver seu intelecto, mais impressionável se torna sua sensibilidade, mais precárias se tornam suas relações com as outras pessoas e mais irreversível a dissolução de seus vínculos com o mundo exterior. O desenvolvimento de sua inteligência acaba se dando no sentido de apartá-lo completamente da totalidade da vida. E isto não só não escapa a Múrin como lhe serve como um argumento definitivo para a desmoralização da imagem elevada que Iaroslav Ilitch fazia do amigo: “na minha estupidez de mujique, o que diria ... é que o senhor, meu senhor, é um homem de livros, se enfurnou demais em suas leituras; diria que se tornou espantosamente inteligente, mas ela, isto é, como se costuma dizer em russo entre nós, os mujiques, sua inteligência, passou para trás sua sabedoria” (p. 84).

Esse divórcio, essa cisão entre a vida real e a vida interior do indivíduo constituía uma séria preocupação para Dostoiévski já nessa época. Numa carta a seu irmão Mikhail, ao falar de si mesmo, ele expressa com exatidão a “idéia” de seu personagem:

“Quanto mais espírito e conteúdo interior temos dentro de nós, mais belo é nosso canto e nossa vida. É claro que é terrível a dissonância, que é terrível o desequilíbrio que a sociedade nos apresenta. O *exterior* deve estar em equilíbrio com o *interior*. Do contrário, na ausência de fenômenos exteriores, o interior se eleva a uma altura demasiadamente perigosa. Os nervos e a fantasia tomam muito lugar no ser. Qualquer fenômeno exterior, por falta de hábito, parece colossal e

⁷³ F.M. Dostoiévski, O.C., v. 18, pp. 30-34.

⁷⁴ Carta de Belínski a Bakúnin, da época em que estava completamente influenciado pela filosofia idealista, em fins dos anos 30.

assusta a pessoa. Começa-se a ter medo da vida.⁷⁵

O crítico russo Motchúlski definiu bem essa contradição trágica da alma de Ordínov, que faz dele “um tsar no mundo da fantasia, mas uma ‘criança perante o mundo exterior’ (p. 7). Ele paira livremente no céu, e não consegue pisar no chão”,⁷⁶ daí a redução de sua vida a seu “pequeno mundo” interior, àquilo que ele pode dominar.

Tudo na narrativa nos leva à conclusão de que a aparição de Katierina e Múrin na igreja, assim como toda a seqüência de acontecimentos inusitados envolvendo esse estranho casal, só poderiam agir doentamente na imaginação impressionável de Ordínov. O pesquisador russo V.A. Svitielski observa que isto se deve ao fato de que, “por mais inflamada que estivesse a imaginação de Ordínov, o estranho casal Katierina e Múrin se revela realmente enigmático”. Para Svitielski, o que mais contou para que Ordínov tivesse essa percepção, prendendo-se a eles já ao primeiro encontro, foi “sua intuição de herói romântico”.⁷⁷ Não é possível, no entanto, explicar a tensão que lhe desperta na alma o encontro com Katierina com base apenas em sua “intuição de herói romântico”. Esse acontecimento sacode a tal ponto os fundamentos de seu mundo interior, que dá ao narrador a oportunidade de esclarecer o motivo por que a narrativa está sendo conduzida em terceira pessoa: “Ordínov agora não conseguia sequer pensar no que estava acontecendo com ele: ele mal se reconhecia” (p. 15). E ao expor ao leitor suas impressões sobre a origem desse abalo emocional, que faz enfim aflorar tudo o que ele havia bloqueado por anos a fio dentro de si, o narrador chega ao ponto essencial dessa questão: “talvez essa impressionabilidade exacerbada... tenha se desenvolvido com a solidão.” (p. 15)

De fato, a impressionabilidade de Ordínov tem origem em sua solidão, que o levou a se asselvarjar completamente e, de certa forma, é o que determina quase de imediato sua dificuldade de comunicação e a necessidade de um narrador externo para conduzir a narrativa sobre ele.

⁷⁵ F.M. Dostoiévski, *O.C.*, v. 18, p.

⁷⁶ K. Motchúlski, *Dostoiévski, vida e obra*, p. 64 (Artigo de 1947.)

A solidão, muito mais do que a “intuição de herói romântico”, revela-se um conteúdo essencial da tragédia do “sonhador” de Dostoiévski. Ordínov começa a se isolar completamente do mundo ainda na infância e mais tarde se fecha definitivamente em seu cantinho insalubre, pode-se pensar, por vontade própria. No entanto, é essa justamente a sua tragédia, a tragédia da solidão, que não decorre absolutamente de uma opção romântica, de uma recusa consciente de uma realidade cotidiana mesquinha. E, nesse sentido, a figura de Ordínov é de extrema expressividade, pois sintetiza fenômenos da realidade e problemas que não são apenas seus, mas que se referem a toda uma camada cultural, ainda que reduzida, da sociedade de sua época.

Ordínov entra em cena como participante de uma cultura florescente, que abria um imenso leque de desejos e de sonhos para essa parcela da sociedade à qual estava culturalmente ligado. Ele próprio estava desenvolvendo um trabalho científico no qual colocara suas “mais calorosas e fervorosas convicções” (p. 88). No entanto, ao mesmo tempo, a sociedade altamente repressora e economicamente estagnada em que estava inserida esta pequena minoria de pessoas instruídas, ainda incrustada em formas típicas do feudalismo, impedia seu desenvolvimento de maneira livre e autônoma, assim como o de suas idéias. Evguiêni Oniéguin e Petchórin, cada um a seu modo, não se encontram menos em “desacordo com o mundo” do que Ordínov. Todos os “heróis” dessa geração, que no início dos anos 60 Turguêniev denominaria de geração dos pais, sentem que foram altamente predestinados, sentem na alma uma força extraordinária, mas, assim como Petchórin, não conseguem adivinhar em que consiste essa predestinação.⁷⁸ Ordínov mesmo “talvez estivesse predestinado” a realizar alguma “idéia integral, original, autêntica”, “a ser um artista na ciência” (p. 88), como diz o narrador. Mas em sua primeira tentativa de sair “de seu deserto mudo” (p. 7), “de se introduzir de algum modo nessa vida

⁷⁷ V.A. Svitelski, “A novela romântica de Dostoiévski”, in *A individualidade do escritor e o processo socio-literário*, 1978, p. 48.

⁷⁸ Bastante ilustrativa dessa questão é a epígrafe original de *Pais e filhos*, um fragmento de uma conversa na época entre um homem de meia idade e um jovem: “O jovem ao homem de meia-idade: ‘Você tinha conteúdo,

que lhe era alheia”, que ele “havia conhecido ou, melhor dizendo, provavelmente apenas pressentido com seu instinto de artista” (p. 8), entra num beco sem saída. Béliov, apresentado por Herzen como um homem extremamente culto, um coração ardoroso, uma natureza viva, ao se lançar de corpo e alma à realização de seu projeto de ser útil à pátria, depara-se com uma estrutura de poder profundamente estagnada, que se revela uma barreira intransponível para o desenvolvimento não só de seu país como de suas idéias. Deslocado do mundo que o cerca, ele recua de todos os seus projetos, da vida prática, e gradualmente acaba por se pacificar com a realidade que o cerca, ainda que em palavras não deixe de considerá-la torpe e abjeta. E assim como Oniéguin e Petchórin, se torna mais um dos “filhos de seu século”, um autêntico “herói de seu tempo”, um “homem supérfluo”, que não encontrou uma esfera em que pudesse aplicar suas capacidades, realizar seus projetos, seus sonhos. Mesmo o destino de Rudin, do romance de mesmo nome de Turguêniev, em nada difere do de seus antecessores. Também ele percebe que a natureza lhe deu muita coisa, mas que morreria sem ter feito nada digno de sua capacidade, sem deixar nada de benéfico.

Herzen, ao mostrar seu herói como um fenômeno objetivo, historicamente legítimo, procura acentuar, em todos os seus aspectos, que Béliov é uma pobre vítima de um século de dúvidas, que condena uma minoria culta a uma trágica solidão. Já Dobroliúbov e a crítica democrática revolucionária se mostram pouco condescendente com os “filhos do século”, que “falam de seus anseios elevados, em consciência da dívida moral, em união de interesses, mas no fim das contas isso tudo fica só nas palavras”.⁷⁹ Na virada dos anos 50 para os 60, ao conduzir uma ofensiva arrasadora contra a *intelligentsia* liberal, estes críticos acentuaram ainda mais o lado frágil do “homem supérfluo” – a indecisão, a impotência, a incapacidade de uma intervenção ativa na vida. Com isso, o tema do “homem supérfluo” ficou em grande parte reduzido ao tema do liberalismo, e sua base histórica, à

mas não tinha força’. O homem de meia-idade ao jovem: ‘E você tem força, mas não tem conteúdo’ (Isaiah Berlin, *Os pensadores russos*, p. 275).

⁷⁹ N.A. Dobroliúbov. “O que é o oblomovismo?”, in *N. Dobroliúbov 1836–1861*, p. 79.

nobreza e o “oblomovismo”.

Na vida de Ordínov, assim como na de seus antecessores literários, as coisas vão acontecendo como decorrência não apenas de uma impossibilidade, mas também de uma incapacidade de ação no mundo exterior, que em parte tem raízes na posição social e no desenvolvimento moral e intelectual dessas pessoas.⁸⁰ No caso de Ordínov, há um agravante, pois, além de tudo, ele apresenta uma séria fraqueza, é um “sonhador” que perdeu o contato com a vida real e se asselvajou em sua solidão.

Mas eis que ao entrar numa igreja deserta, iluminada apenas pelo brilho dos raios do sol-poente e as chamas bruxulentes das velas, chega finalmente o momento em que, após toda uma vida de completo recolhimento em si mesmo, se oferece a ele, de repente, a possibilidade de se abrir para o mundo exterior, ao se interessar por outra pessoa. Se até então ele havia vivido só para a ciência e sonhado, agora sua vida é tumultuada por um fato novo, que o põe em movimento desta vez no mundo exterior, fazendo-o desenvolver um novo sentido de si mesmo. Sentimentos e sensações uma vida inteira sufocados enfim irrompem de uma só vez, transformando-lhe a existência. Seu coração solitário se precipita súbita e impetuosamente em busca de amor e compaixão. Ordínov anseia por compartilhar sua vida com a de outra pessoa, como se esse fosse o acontecimento em sua vida que iria resgatá-lo; mas o coração da mulher que escolheu para amar não é livre, pertence a outro homem, ao qual ela diz ter vendido sua alma. Para conquistá-la, ele teria de enfrentar um rival poderoso, que em sua imaginação “fantasiosa” era a própria personificação do mal. E os abalos emocionais que é forçado a enfrentar são tão intensos que ele chega a pensar na morte como um hóspede desejado.

De fato, a novela está toda estruturada em torno desta disputa entre Ordínov e Múrin pelo coração da bela Katierina. Ordínov é um jovem estudioso de origem nobre, um

⁸⁰ Nos séculos 12-13, na Rússia, a nobreza – *dворянство* – fazia parte de uma camada socialmente inferior, encarregada do serviço militar. A partir do século 14, passa a receber terras pelos serviços prestados. No entanto, desde 1762, apesar de continuar assegurado pela renda de suas terras e o trabalho dos servos, o nobre russo havia sido liberado da obrigação concomitante do serviço militar e do serviço civil ao estado,

“sonhador”, um idealista romântico; Múrin, um velho beato, epilético, burguês, metido com um covil de ladrões; enquanto Katierina, na definição de Múrin, seu marido (e talvez pai), “não passa de uma moça simplória, uma roceira “mal-lavada”, uma caipira estúpida” (p. 82), parceira para ele, e não para um fidalgo.

Com certeza, narrar a história de um triângulo amoroso não era absolutamente o que interessava a Dostoiévski. O que está em questão aqui, pela forma como esta disputa está colocada, são os fins a que ela serve: a representação e, ao mesmo tempo, o desmascaramento do “sonhador”. Um tipo que, na literatura romântica, se distinguia por seu caráter elevado, titânico, e podia ser apresentado como inteiramente perfeito e acabado, que era o que parecia ser; isto é, aquilo que ele pensava de si mesmo coincidia exatamente com sua verdadeira natureza e com a opinião dos outros sobre ele. E é justamente esse tipo que Dostoiévski tenta mostrar nesta novela como um fenômeno ainda corrente na vida russa em fins dos anos 40, mas com uma diferença fundamental. Ao colocá-lo no centro de sua narrativa, o escritor promove uma reestruturação completa em sua representação, que lhe permite mostrar toda a discrepância existente entre o que ele parece ser e aquilo que ele realmente é. Ou seja, enquanto para o romantismo o tipo era um elemento fixo, em que a personagem está inibida por suas características internas, Dostoiévski vai justamente romper essas amarras e mostrar, através da figura de Ordínov, que as pessoas não estão fechadas, estanques em suas características. Mas, para conseguir mostrar isso, as fissuras que ele promove na narrativa verificam-se tão profundas, que é preciso ver se elas já não traspassam também o método do “realismo”, comum na época, apontando já para a narrativa moderna, antecipando recursos que o século XX iria banalizar.

3. O desmascaramento do “sonhador” romântico

Uma questão essencial nessa obra, para Dostoiévski, sem dúvida, é a construção de sua própria versão do tipo de Ordínov, um “sonhador” – um típico herói romântico –, como um

encontrando-se, portanto, ainda no século XIX, até a libertação dos servos, em 1861, numa situação que lhe garantia plenamente a “superfluidade”.

“herói de seu tempo” – um “homem supérfluo”. O fato de ele apresentar a figura do “sonhador” em seu último folhetim “Crônica de Petersburgo” como um fenômeno corrente na época vem a corroborar essa idéia. Ao centrar a narrativa em Ordínov, a finalidade de Dostoiévski, com certeza, não é dar a ele destaque, fazendo dele o tipo central, mas deixar que a elucidação de sua figura possa ser conduzida através dele mesmo. Essa atitude do escritor, ao conceber a personagem como um ser livre e imprevisível, cuja compreensão só pode ser acessível a partir de seu próprio ponto de vista interior, faz com que a composição e o enredo desta novela, que era ainda uma de suas primeiras criações, já se distingam por uma singularidade extraordinária.

Um elemento que se destaca na composição da novela e merece uma atenção especial, portanto, é o princípio autoral. A forma como está organizada a narrativa possui um significado fundamental para a representação do “sonhador” e sua revelação como o que Dostoiévski chamou de “homem fraco”, e que com Turguêniev receberia, mais tarde, a denominação de “homem supérfluo”.

O tempo do enunciado e o tempo da enunciação estão ao máximo aproximados na narrativa, que é conduzida no momento do desenrolar dos acontecimentos. Mesmo os recuos no tempo em que se insere a história de Katierina, assim como os sonhos de Ordínov e suas recordações da infância e do passado recente, estão subordinados ao tempo da enunciação. Com isso o narrador, privado da distância épica necessária ao processo de hierarquização e seleção da realidade, necessariamente perde a objetividade e, para conduzir a narrativa, abre mão de sua onisciência, vinculando-se ao campo de visão e à mente de Ordínov, os únicos aos quais ele se permite e nos permite ter acesso. Dessa forma, a única percepção que conseguimos ter dos acontecimentos é a que provém dele, de suas ações e das que inspira nas demais personagens.

Depois de expressar sua opinião sobre Ordínov no início da novela, à medida do desenvolvimento do enredo o narrador o leva a entrar em contato com as demais personagens, obrigando-as assim, de uma forma ou de outra, a emitir sua opinião sobre ele,

e umas sobre as outras. Com isso, a idéia que conseguimos ter sobre Ordínov vai se formando aos poucos e em muito se parece com o processo de conhecimento que temos das pessoas com quem passamos a conviver. Ela nos é transmitida através de uma interação daquilo que podemos captar a partir do próprio Ordínov, de seus sentimentos, de sua maneira de agir, com aquilo que, entre o dito e o não-dito, as demais personagens acabam por revelar sobre ele. Aos poucos, a idéia condutora da narrativa sobre a personagem vai se aclarando, e para isso a forma escolhida para contar a história, concentrada no momento presente dos acontecimentos, desempenha um papel fundamental. Uma narrativa no passado colocaria o narrador numa posição já distanciada e, portanto, superior e decisiva para dar a última palavra sobre a personagem.

Ao eliminar a distância que separa o narrador de seu objeto, Dostoiévski abre uma brecha na própria tessitura da narrativa para a exploração do tipo de Ordínov por Múrin. Rompendo a capa de aparência que envolve a figura do “sonhador”, Múrin fará com que ele próprio deixe emergir toda a disparidade que há em seu modo de ser, sentir e agir, ou seja, entre aquilo que ele imagina ser ou se imagina que ele seja e aquilo que ele de fato é. Múrin o levará a descobrir por si mesmo e a exhibir diante das demais personagens toda a sua covardia, sua terrível impotência e frouxidão de vontade. E isso foi possível porque ele reconhece o tipo de Ordínov já desde o início, ao colocá-lo à prova com um único olhar.

Além de Múrin, cada uma das personagens, a seu modo, contribui para a revelação do caráter de Ordínov. À medida que vão sendo introduzidas as diversas fontes através das quais o vamos conhecendo (o próprio narrador, Iaroslav Ilitch, o zelador, Katierina e ele próprio), seu caráter vai sendo submetido a uma análise multilateral.

A disputa entre ele e Ordínov pelo coração de Katierina serve como móvel para a representação da ação, que está voltada para o destronamento do “sonhador” romântico e sua revelação como um “homem fraco”. Daí a importância fundamental que o papel de Múrin assume na novela, porque é justamente ele, uma criatura que na imaginação de Ordínov toma proporções demoníacas, que vai alastrar uma destruição contínua da

dimensão elevada e titânica de seu caráter de “sonhador”.

Se fizermos um levantamento na obra das cenas em que Ordínov aparece ao lado de Múrin, veremos que em cada uma delas, sem exceção, Múrin procura desarmá-lo com o olhar. Quando pela primeira vez Ordínov cruzou o caminho desse “estranho casal” no adro da igreja: “o velho deitou-lhe um olhar severo e hostil” (p. 11). Ordínov, meio sem se dar conta do que fazia, se pôs no encalço deles, seguindo-os até em casa. Mas “de repente o velho se voltou com impaciência e lançou um olhar a Ordínov.” (p. 11) Esse olhar fez “o jovem parar de chofre”. Em seguida, “o velho tornou a se virar, como que para se certificar de que sua ameaça havia surtido efeito.” (p. 12) E assim, com o tipo de situação armada já nessa cena inicial, fica como que estabelecida uma espécie de duelo velado entre os dois pelo coração de Katia.

Esse olhar poderoso de Múrin também entrou na lista de motivos de Belínski para suas críticas à novela. Em um de seus comentários sarcásticos a *A senhoria*, ele ironiza:

“Nos olhos dele havia tanta eletricidade, galvanismo, magnetismo, que qualquer fisiologista lhe proporia um bom preço para ele abastecer de tempos em tempos suas experiências e observações científicas, se não com os olhos, pelo menos com seus olhares fulminantes e faiscantes.”⁸¹

No dia seguinte Ordínov volta à igreja e se ajoelha ao lado de sua desconhecida; mas na saída ele “tornou a encontrar seu olhar colérico e malicioso, e um estranho sentimento de ódio confrangeu-lhe o coração” (p. 15). Ainda sob o fascínio da “beleza celestial” de sua desconhecida, ele arma “um desses planos arrevezados”, mas que, “não obstante sejam desatinados... quase sempre acabam dando certo” (p. 15), e surge à sua porta como que encarnando um papel de herói, tanto que ela imediatamente o toma por seu “hóspede esperado”, seu libertador. E, embora diante de si, tentando impedir-lhe a entrada, estivesse “seu velho conhecido, que o encarava cheio de espanto” (p. 16), Katierina, como se tivesse compreendido o significado desse passo de Ordínov, intervém em seu favor e o introduz em

⁸¹ V.G. Belínski, “Um olhar sobre a literatura russa de 1847”, in *O.R.*, v. 3, p. 837.

sua casa. Para não contrariar Katierina, Múrin o acolhe. No entanto, depois de conseguir seu intento e se mudar para a casa dela, incapaz de suportar a situação criada por ele mesmo, Ordínov sofre uma crise espiritual atroz.

O crítico Rudolf Neuhauser, em seu ensaio de 1968 sobre *A senhoria*, toma o encontro de Katierina e Ordínov na igreja como “o encontro entre a *intelligentsia* e o povo”.⁸² Neuhauser sugere que Katierina, que “representa o povo russo, a alma russa”, entendeu o passo de Ordínov, “um intelectual progressista, ocidentalista,” ao vê-lo à sua porta, e “está preparada a unir forças com ele e resistir a Múrin”,⁸³ “personificação de todo o mal nas tradições nacionais da Rússia, particularmente como concentrada nos rituais religiosos”.⁸⁴ Essa idéia ainda será abordada adiante.

Entretanto, embora Katierina se mostre pronta a se rebelar, Múrin, que se considera o “único feiticeiro” de “seu coraçãozinho de ouro” (p. 72), tem seus próprios meios para mantê-la cativa. Ele sabe que para ela, uma verdadeira “filha da natureza”,⁸⁵ criada num bosque, entre mujiques e barqueiros, “a liberdade é mais saborosa que o pão, mais esplêndida que o sol” (p. 22). Deixar, portanto, “a porta livre” para Ordínov e não contrariá-la faz parte de sua estratégia para a “escravização”/“reificação” de Katierina, cujo processo tem início quando, ao levá-la da casa de seus pais, deixa-lhe a impressão de que jamais lhe tolheria a liberdade, enquanto ele, sim, seria um eterno escravo de seus

⁸² Rudolf Neuhauser, “The Landlady: A new Interpretation”, *Canadian Slavonic Papers*, 10, p. 50. Essa interpretação, no entanto não era novidade. Já o crítico e amigo de Dostoiévski N.N. Strakhov havia observado que em *A senhoria* pela primeira vez Dostoiévski tocou em um tema importante para a sua obra sobre a relação do “sonhador” intelectual e o povo, que ocupa um lugar central em suas obras dos anos de 1860-1870 (citado por Leonid Grossman, *O caminho de Dostoiévski*, Izd. Brokhaus – Efron, L., p. 72-74). Essa é uma observação recorrente nos trabalhos dos estudiosos dessa obra (ver A.L. Bem, “Dramatização do delírio”, in *Pesquisa. Cartas sobre literatura*; e mais recentemente O. Diláktorskaia, *A novela peterburguesa de Dostoiévski*).

⁸³ Rudolf Neuhauser, “The Landlady: A new Interpretation”, p. 54.

⁸⁴ Rudolf Neuhauser, “The Landlady: A new Interpretation”, p. 49.

⁸⁵ Seguindo Púchkin e Liérmontov, e mesmo Karamzin, em *Pobre Liza*, Dostoiévski também apresenta em *A senhoria* uma “filha da natureza”. Mas com uma diferença fundamental, aqui os papéis são invertidos. Oniéguin, mais que o amor de Tatiana, recusa sua vida simples, no campo. Petchórin, depois de raptar Bela e conquistar seu coração, a larga à própria sorte, ao perceber que não pode se satisfazer com seu mundo simples. Em *A senhoria* a situação se inverte. É Katierina, uma autêntica “filha da natureza”, “criada nos bosques, em meio a mujiques e barqueiros...”, que rejeita Ordínov. É ela que não pode se satisfazer com o mundo dele.

desejos. E seu principal estratagema para a “escravização”/“reificação” de Katierina é recordá-la sempre da promessa feita nesse instante: “se vier a deixar de me amar... eu lhe restituirei seu amor com sua liberdadezinha dourada; só que nesse instante, minha bela orgulhosa, intolerante, terá fim também a minha vida!” (p. 57). E quando estão no barco de Aliócha, o noivo prometido de Katierina desde a infância, e a embarcação se revela frágil demais para transpor o rio com os três durante a tempestade, Múrin lhe relembra sua promessa de libertá-la, ainda que ele mesmo por isso perecesse, se esta fosse sua vontade. Na repetição ostensiva dessa promessa, associada a falsas demonstrações de que ela é livre como um pássaro, até Katierina assimilá-las a ponto de se entorpecer, se revela todo o processo com que Múrin mascara para ela o real e vai tomando conta de sua subjetividade, até eliminá-la.

Com isso, as palavras de Múrin sobre Katierina, de que ela é “meio louca”, de que “enlouqueceu”, adquirem uma certa dose de verdade. O que ele se recusa a revelar, no entanto, é como ela ficou assim. Ele diz a Ordínov: “Ela é meio louca! Por que e como enlouqueceu.... para que você precisa saber?” (p. 85). Embora Múrin não diga, Ordínov pode intuir. Apesar de tudo, ele tem um forte senso de realidade, e acaba por entender por si mesmo toda a verdade sobre a alienação de Katierina.

Múrin não deixa escapar a menor oportunidade para alimentar em Katierina a ilusão de que a deixaria livre se ela assim o desejasse. Quando Ordínov bate à porta do quarto de seus senhorios para entregar seus documentos a Múrin, na esperança de vê-la, Múrin lhe diz: “Está bem, fique em paz.” Isso é o que ela pode ouvir. No entanto, “em seu olhar havia algo de desdenhoso e maldoso”, e isso só Ordínov pode ver. Tanto que “uma sensação desagradável apodera-se dele. Sem saber por que, começava a lhe fazer mal olhar para esse velho.” (p. 19) Nos mínimos detalhes, cada uma das palavras de Múrin, cada um de seus gestos, é extremamente calculado, no sentido de dar continuidade ao processo de “escravização”/ “reificação” de Katierina, desenvolvido em várias etapas, até torná-lo completamente irreversível.

Embora ele lhe promettesse devolver sua “liberdade dourada”, caso ela deixasse de amá-lo, e estivesse disposto a mover céus e terra para satisfazer seus desejos, a Katierina não escapava que era “sua escrava desonrada” (p. 59). Ela própria usa este termo para se referir à sua situação em relação a Múrin. A idéia de que a “escrava desonrada” havia substituído a “filha da natureza” não lhe é absolutamente estranha. A questão é que a consciência não vem imediatamente, mas com o tempo, quando disso, de sua vergonha, paradoxalmente, seu coração passa a tirar prazer. Daí as palavras de Múrin, ela “persegue a liberdade, mas nem ela mesma sabe com que se encapricha seu coração. E daí resulta que é melhor deixar tudo como estava” (p. 86). Nessa novela de Dostoiévski, a modelagem do indivíduo pela sociedade, pelo meio, aparece de uma forma simbólica contundente.

Neuhauser, que associa a figura de Katierina à “alma russa escravizada por séculos de tradições religiosas e nacionais”, vê sua impotência “para renunciar às tradições opressivas, para seguir o intelectual ocidentalista, progressista”, no fato de que a compreensão da própria pessoa injuriada e humilhada se torna um tipo de ópium que conforta o homem”.⁸⁶

Daí as palavras de Múrin: “Dê a ele, ao homem fraco, a liberdade – ele mesmo a atará e a trará de volta. A um coração tolo, nem a liberdade de nada serve!”, que encontram eco trinta anos mais tarde, em *Os irmãos Karamázov*, quando a consciência da influência que exerce a sociedade para a modelação do ser humano havia se tornado ainda mais aguda.

A idéia aqui emitida por Múrin sobre o peso que constitui para o homem a liberdade, em vista da necessidade objetiva, é a mesma colocada na boca do grande inquisidor em *Os irmãos Karamázov*: “...o homem não tem preocupação mais dolorosa que a quem transferir o quanto antes o dom da liberdade com que essa infeliz criatura nasce”.⁸⁷ Ou seja, em sua impotência para renunciar às tradições opressoras, a liberdade, para o “coração fraco”, se torna um fardo.

Apesar de a narrativa estar concentrada no momento atual dos acontecimentos, Dostoiévski inclui uma dimensão temporal na caracterização da personagem de Katierina

⁸⁶ Rudolf Neuhauser, “The Landlady: A new Interpretation, p. 57.

⁸⁷ L. Grossman. *Dostoiévski artista* (tradução de Bóris Schnaiderman), p. 160.

que se revela fundamental. Trata-se do tempo que transcorre desde o momento em que ela, ao introduzir Ordínov em sua casa, acalenta a ilusão de que ele é seu “hóspede esperado” e de que a resgatária, até o momento em que a ilusão é desfeita, quando ela se dá conta não só da real situação de seu “libertador” como da sua própria e da vanidade de suas esperanças. A verdade é que as esperanças de Katierina só poderiam se concretizar se Dostoiévski estivesse disposto a dar à novela um tratamento romântico de cabo a rabo ou, então, um final inverossímil, já que a literatura não pode andar muito à frente da vida. Um caráter íntegro, ativo, que pudesse transformar qualquer pensamento, qualquer idéia em ação, ainda não existia na sociedade russa. Mas, para sermos justos com Ordínov, é preciso reconhecer que, se Katierina escolhe ficar com o outro, isso se deve não apenas à impotência dele, mas também à dela própria, para renunciar àquilo que a mantém oprimida. Ou seja, num nível mais simbólico, “o povo, a alma russa”, se recusa a “unir forças” com o “intelectual progressista, ocidentalista”, não só por perceber sua impotência e incapacidade de lutar por seus objetivos, mas porque ele próprio não tem forças para renunciar a séculos de tradição.

É preciso, portanto, fazer uma ressalva na opinião de que Katierina expulsa Ordínov porque não confia em sua capacidade para libertá-la. Leonid Grossman tem razão em apontar que não é “nem o tiro de Múrin, nem o punhal de Ordínov que conduzem ao desenlace. A própria heroína decide seu destino”.⁸⁸ A questão é se ela tinha escolha, pois a modelação do homem pelo homem é um ponto básico dessa novela. Num nível simbólico, ela mostra de forma viva e determinante a que ponto a sociedade, o meio, influencia na construção do indivíduo, define sua vida, seu comportamento e não lhe deixa alternativa.

Mas o duelo entre Múrin e Ordínov se intensifica quando este força a fechadura e invade o quarto de seus senhorios no meio da noite: “os olhos do velho faiscaram de ódio sob as sobrancelhas pesadamente contraídas e uma fúria repentina desfigurou-lhe todo o rosto” (p. 30). No dia seguinte, ele torna a entrar no quarto dos senhorios, desta vez convidado para

⁸⁸ L. Grossman, *Dostoiévski*, p. 97.

uma rodada de vinho por Katierina, disposta a se despedir de seu passado para se dedicar a um novo amor. Ordínov viu que “os olhos do velho, como que apagados por uma angústia agonizante, estavam cravados nele; e com um aperto na alma ele se lembrou desse olhar, que, assim como agora, da vez anterior faiscava de cólera e angústia por debaixo das sobrancelhas hirsutas, negras e contraídas”. “Sentiu uma leve vertigem.” (p. 66). O olhar de Múrin exerce forte influência não só no estado emocional de Ordínov, mas também fisicamente, o que em muito contribui para a criação de uma atmosfera sobrenatural em torno da figura desse velho sinistro. Em seguida, a pedido de Katierina, Múrin se desculpa com Ordínov e o convida a sentar-se com eles à mesa. “Sinto-me culpado diante de você, senhor, cometi um pecado e o ofendi, nem eu sei bem como, fiz uma besteira no outro dia com o fuzil.”(p. 66) Se é do gosto de Katierina, ele não ousa contrariá-la em nada, satisfaz cada um de seus desejos, ainda que a custo de grandes sacrifícios, até mesmo permitir que Katierina visite em seu quarto seu rival.

Nessa última cena em que os três aparecem reunidos, Ordínov já está com a faca na mão, pronto para atacar Múrin, sob o olhar atônito de Katierina, quando inesperadamente a situação toda sofre uma reviravolta. De repente, “teve a impressão de que um dos olhos do velho se abria lentamente e, rindo, se fixava nele... De repente teve a impressão de que o rosto todo do velho se pusera a rir e que uma gargalhada diabólica, assassina, glacial ressoou enfim pelo quarto...” (p. 76). Aqui o “duelo” entre os dois chega ao auge. Mas o próprio Ordínov acaba enredado pelo poder de encantamento do velho. Nesse momento, ele compreende toda a verdade sobre a natureza do domínio de Múrin sobre Kateirina: “Embuste, cálculo, uma tirania fria e ciumenta e terror sobre um pobre coração despedaçado – foi o que ele percebeu nesse riso descarado que agora se escancarava...” (p. 76). No entanto, no exato momento em que se dá conta de todo o estratagema usado por Múrin para manter Katierina cativa, ele recua, revelando diante dela toda a sua impotência e incapacidade de enfrentar o mal.

Depois de expulsar Ordínov de sua casa, Katierina oculta a cabeça sobre o peito de

Múrin. Nesse momento, “cada traço do rosto do velho se pôs a rir com um riso tão insolente, descarado, que Ordínov sentiu todo o seu ser tomado de horror” (p. 76). Diante do olhar e do riso do velho, o “sonhador” romântico de Dostoiévski se revela um “homem fraco”, um verdadeiro “herói de seu tempo”, incapaz de tomar qualquer atitude para não perder a mulher cujo coração havia conquistado ao primeiro olhar.

Acontece que Múrin havia percebido o tipo de Ordínov logo no primeiro encontro, e ele tem sua própria teoria sobre esse tipo, o que constitui um motivo central na novela. Múrin estava convencido de que tinha diante de si um “homem fraco”, semelhante a Katierina, não é à toa que o compara com “uma mocinha abandonada que enxuga as lágrimas com as mangas” (p. 86). E ele tem razão, o “intelectual progressista” revela-se não menos alienado que “o povo, a alma russa”, que ele pretende libertar dos grilhões da escravidão. Só com o olhar, Múrin destrói de maneira inapelável diante de Katierina a imagem titânica com que Ordínov se apresentara a ela, ao se plantar na porta de sua casa, como que encarnando um papel de herói de contos de fada que sai pelo mundo para salvar a princesa da escravidão de um feiticeiro. Incapaz de qualquer atitude decisiva, até mesmo em defesa da mulher cuja vida “havia se tornado a sua própria vida”, e cuja dor, a “sua dor” (p. 51), no papel de herói Ordínov se revela um fiasco. Seu comportamento em nada difere do do original “homem supérfluo”. Não é esse mesmo, afinal, o comportamento de Rudin, seu sucessor, diante da decisão corajosa de Natália de abandonar tudo para segui-lo, apesar da oposição de sua mãe? Rudin, o homem em cujas palavras Natália depositava toda a sua confiança, é incapaz de pôr “em prática seus discursos acerca a liberdade, do sacrifício”, e recua covardemente diante do primeiro obstáculo. Sua resposta a Natália é a única que se poderia esperar desse tipo: “Curvemo-nos ao destino”. “O destino parece opor-se à nossa união.”⁸⁹

Na luta para desmascarar o rival e manter Katierina a seu lado, pode parecer que Múrin coloca a nu seu próprio caráter. Mas a verdade sobre sua figura não se esgota aí. Como se sabe, para Dostoiévski, “não pode existir no mundo um homem que seja um canalha e nada

⁸⁹ I.S. Turguêniev, *Rudin*, p. 105.

mais”;⁹⁰ pois há sempre algo nele a ser preservado. E é de acordo com esta sua concepção sobre o homem que ele apresenta esta personagem. No final, depois de vencer a última etapa de seu “duelo” com Ordínov, ao destruir também diante de Iaroslav Ilitch a dimensão elevada da imagem que este tinha do amigo”, Múrin muda completamente sua postura em relação a ele. Já não é o sentimento de ódio ao impostor, àquele que veio se interpor entre ele e sua mulher, que dirige suas atitudes.

E o significado da contraposição das figuras de Ordínov e Múrin se apresenta de modo especialmente evidente na cena em que os dois se encontram na rua, que aparece como um território neutro. Ali, Múrin não tem necessidade nem de se mascarar nem de desmascarar seu inquilino diante de ninguém. Depois de ter alastrado a mais completa destruição da dimensão elevada da figura de Ordínov diante de Katierina, de Iaroslav Ilitch e para o próprio Ordínov, Múrin, de certa forma, se reconcilia com ele. Ao lhe entregar o presente de Katierina, ele deixa claro que não queria mais “ofender seu inquilino”: “Ora, senhor, você é muito jovem. Ainda tem o coração impetuoso como o de uma mocinha abandonada, que enxuga as lágrimas com a manga! Saiba, senhor, um homem fraco sozinho não consegue se manter! ...Se lhe digo isso tudo, assim, é porque ainda é muito rapazinho!” (p. 86).

Mas será realmente possível que o cínico moral Múrin, que na prática despreza qualquer concepção sobre o bem e o mal, possa compreender Ordínov? A resposta de Dostoiévski é que sim. É espantoso, mas Múrin, o mesmo homem que, depois de convencer Katierina de que ela também era culpada da morte de seus pais, obrigando-a a se penitenciar com ele, por seus crimes, com rezas, que a mantém sob seu domínio a custo de expedientes os mais abjetos, é capaz até mesmo de sentir piedade. Apesar de todo o seu ódio pelo impostor, ele não fica de todo indiferente ao seu sofrimento, embora seja verdade que esse sentimento não surta efeito nenhum sobre seu comportamento.

⁹⁰ Por este motivo, como aponta L. Grossman, Dostoiévski considerava insuficiente a tipologia de Gógol, pois para ele, “a vida é mais ampla, os tipos espirituais são mais ricos, e os caracteres humanos mais variados e

E assim, no final, vemos uma clara intenção do autor de atenuar a impressão negativa formada em torno da imagem desse “bruxo maligno”, que se torna ainda mais complexa na contradição de seus traços. De qualquer modo, uma revelação a que não podemos ter acesso é se ele era ou não um bandido, o que faz com que ele permaneça um enigma até o fim. Como observou A.L. Bem, “Dostoiévski deixou essa última ponta de mistério em Múrin e Katierina”.⁹¹

Mas esse não é o único mistério que permanece até o fim envolvendo a figura de Múrin. Quando conta a Ordínov sua triste história, como morreram seus pais e ela se amigou com o assassino deles, que a enfeitiçou e adquiriu sobre ela um misterioso poder, Katierina parece guardar um segredo terrível, que lhe oprime profundamente a alma: pelo que tudo leva a crer, Múrin é seu verdadeiro pai. Sua própria mãe a chama de filha bastarda, ameaçando contar ao pai de Katia de quem ela é filha: “E vou lhe dizer de quem você é filha, sua bastarda!” (p. 53) Durante a última cena em que os três aparecem reunidos, o próprio Múrin a chama abertamente de “filhinha malvada” (p. 72), e ela mesma insinua algo nesse sentido, ao lhe perguntar: “Encontrará sua filha a felicidade”? (p. 70)

Este motivo levou muitos críticos da obra de Dostoiévski à conclusão de que, para a caracterização da figura de Katierina, ele se inspirou na Katierina do conto “A terrível vingança” (1832), de Gógol.⁹² Escrito em sua fase romântica, Gógol se apoiou na tradição do folclore ucraniano para a sua criação. E se sua Katierina mantém uma relação incestuosa com o pai, um feiticeiro que a atormenta com sua paixão, é porque ela é apresentada como vítima de seus encantamentos, do poder sobrenatural que ele exerce sobre ela. Já em *A senhoria*, Dostoiévski, ao transferir a ação para Petersburgo atualizá-la, procurando manter-se fiel ao seu método de criação, responde a questões da realidade que estavam

complexos. Neste sentido, Sobákievitch não é completamente real, ele não é verdadeiro em tudo”. (L. Grossman, *Dostoiévski artista* (tradução de Boris Schnaiderman), p. 93.

⁹¹ A.L. Bem, “Dramatização do delírio”, in *Pesquisa. Cartas sobre literatura*, p. 285.

⁹² Ver a respeito Iuri Tiniánov, “Dostoiévski e Gogol (Para uma teoria da paródia)”, in *Evolução literária*, M., Agraf, 2002, pp. 301 – 304. A.L. Bem, “Dramatização do delírio”, in *Pesquisa. Cartas sobre literatura*, pp. 305 -312. K. Motchúlski, *Dostoiévski, vida e obra*, p. 65. (Este conto de Gógol, do livro *Noites na granja perto de*

colocadas naquele momento. E assim, o domínio que Múrin exerce sobre Katierina aparece nitidamente como resultado de um poder que nada tem de sobrenatural, mas de atitudes muito bem calculadas, de uma “tirania profunda e implacável sobre uma pobre criatura indefesa” (p. 89).

A verdade é que o próprio Ordínov acaba contribuindo desde o início para a disseminação da atmosfera sobrenatural que envolve a figura de Múrin. Desde o primeiro encontro Múrin lhe transmite uma impressão penosa: “sem saber por que, lhe fazia mal olhar para esse velho” (p. 19). Como a história de Múrin é contada de diferentes pontos de vista, tanto a narrativa do zelador tártaro como a de Iaroslav Ilitch sobre seus poderes sobrenaturais contribuem para reforçar essa atmosfera. Katierina mesmo confirma que ele gozava da fama de feiticeiro: “Nossa gente o chamava de feiticeiro. Você estudou nos livros e conhece qualquer escrita de magia negra” (p. 70), diz ela. No entanto, não há nada de irreal, de fantástico, na novela, tudo é perfeitamente explicável. E essa atmosfera que envolve a figura de Múrin, colocando Katierina como vítima de seu poder misterioso, sobrenatural, aos poucos vai sendo totalmente dissipada para o leitor. Fica evidente que nela não há feiticeiro nenhum, encantamento nenhum, nada de sobrenatural, e sim a prova mais cabal da teoria de Múrin, de que a liberdade, com o estado de acomodação da pessoa, acaba na prática por se tornar um fardo.

E o fato de cada uma das personagens ter sobre Múrin uma interpretação o torna uma das figuras mais complexas da novela. Com exceção de Ordínov, todos olham para ele com respeito até o fim. Na narrativa de Katierina, ele aparece como um ser diabólico, um corruptor, bandido, e também como uma criatura excepcional. Sua palavra exerce sobre ela um poder incompreensível, que às vezes aplaca, e outras fomenta ainda mais o seu pavor. Ela vive sob o terror de sua ameaça de voltar depois de morto atrás de sua alma pecadora, que ela está convencida de ter vendido a ele. No entanto, sua verdadeira natureza permanece inacessível a ela até o fim, assim como a todos os outros envolvidos na trama.

Dikanka, de 1832, foi traduzido para o português por Arlete Cavaliéri, “O nariz” e “A terrível vingança”. *A magia das máscaras*).

Como manifestou Iaroslav Ilitch para Ordínov, Múrin é um homem que “fala com desenvoltura, com audácia e muita astúcia” (p. 39). O que Iaroslav Ilitch, assim como as demais personagens, com exceção de Ordínov, se mostra incapaz de perceber é a dimensão dessa astúcia. Katierina mesmo, apesar de ser a principal fonte, além do próprio Múrin, através da qual vamos conhecendo seu verdadeiro caráter, não consegue penetrar na essência daquilo que ela mesma sabe sobre ele e perceber em seus atos e palavras os subterfúgios que ele usa para “engabelá-la” e mantê-la cativa.

No final, depois de sua convalescença na casa do alemão Spiess, o próprio Ordínov chega à conclusão de que “Katierina estava em seu perfeito juízo” (p. 89). Não tirou a razão de Múrin em defini-la como um “coração fraco”, mas desconfiou de que algum mistério a mantinha em seu poder. Ordínov compreendeu que ser um “coração fraco” não era algo que estava na natureza dela, nas entranhas mesmas de seu ser, mas o resultado de “uma tirania profunda e implacável sobre uma pobre criatura indefesa” (p. 89). Pela narrativa da própria Katierina, Ordínov havia tomado conhecimento dos diferentes estratagemas que utilizou Múrin para a sua escravização a ele, para a sua reificação. E o mais impressionante em sua narrativa é que ela mesma não consegue ter consciência disso. Mas Ordínov, mesmo entregue ao “misticismo, à crença na predestinação e no mistério”, mostra que tem um enorme senso de realidade.

Muito se fala que Dostoiévski buscou inspiração também em Hoffmann para a criação dessa novela, e certamente com razão. Assim como Ordínov, em muitos dos contos românticos de Hoffmann o herói é um jovem de disposição dócil, com inclinações artísticas, mas inepto para os assuntos da vida prática. Entretanto, enquanto a tendência do verdadeiro herói romântico, ao entrar em contato com a realidade, é se retirar para sempre para o mundo da fantasia, o que acontece com as personagens de Dostoiévski é exatamente o contrário: elas perdem definitivamente a capacidade de sonhar. O estudante Anselmo, de “O vaso de ouro”, com quem a crítica costuma fazer um paralelo com Ordínov, para realizar seus

sonhos e cair para sempre “nos braços da encantadora e doce Serpentina”⁹³, se permite, literalmente, como observou V. Terras, “sair de sua mente”⁹⁴. Ordínov, ao contrário, ao conhecer Katierina e entrar em contato com a vida viva, revela que tem um senso de realidade forte demais para seguir sonhando. E ao se afastar de Katierina, põe de lado toda a sua criação anterior, na qual havia depositado suas mais caras convicções, e chega a rir de si mesmo, de suas pretensões: “Parecia que todas estas imagens haviam se tornado gigantes de propósito em sua imaginação, para rir da impotência dele, o criador delas”.

Ordínov tem um senso tão agudo de realidade, que ele percebe nitidamente que Katierina, em sua pureza, não podia ter consciência da tirania de que era vítima. Tampouco podia ter consciência de que lhe distorciam a verdade e “lisonjeavam astutamente a inclinação inexperiente de seu coração confuso e impetuoso” para manter de propósito sua cegueira, e que “as asas de sua alma livre e audaciosa” aos poucos haviam sido podadas, para torná-la “incapacitada tanto de se rebelar como de se arrojar livremente para a verdadeira vida” (p. 89). Ainda que, a despeito de toda a sua revolta e indignação, Ordínov seja incapaz de qualquer atitude para mudar o curso de sua própria história, ele se dá conta perfeitamente de todo o processo de reificação de Katierina por Múrin nos mínimos detalhes e chega por si mesmo à fórmula do “coração fraco”.

Com isso, através da figura de Kátia, Dostoiévski mostra a mais completa “reificação” de um ser humano por outro, mostra toda a violência que significa o poder de um indivíduo sobre outro, que só pode servir à satisfação das necessidades humanas mais abjetas. Mas mostra também, de forma simbólica, o estado de alienação, de completa inércia e impotência, em que se encontrava o intelectual progressista para lutar por seus ideais de justiça e liberdade.

Entre as personagens da novela, Iaroslav Ilitch, apesar de aparecer como uma figura secundária, também desempenha um papel especial na elucidação da figura do “sonhador”.

⁹³ HOFFMANN, E.T.A., “O vaso de Ouro”, in *Histórias fantásticas*, p. 72.

⁹⁴ V. Terras, *The young Dostoevsky*, p. 69.

No encontro que promove entre ele e Ordínov, Dostoiévski parece perseguir um objetivo: a revelação de Ordínov, um intelectual idealista, um “sonhador”, como um “herói de seu tempo”, o tipo por excelência do “realismo” russo, que ficou conhecido como “homem supérfluo”, e mostrar a admiração extraordinária que a personalidade desse tipo é capaz de despertar nas pessoas mais inexperientes.

Quando nos deparamos pela primeira vez com seu nome, ficamos sabendo, através do narrador, que eles haviam se conhecido graças à facilidade que tinha Iaroslav Ilitch de fazer amizades com pessoas de bem. Esse encontro com Iaroslav Ilitch se revela bastante esclarecedor a respeito do caráter de Ordínov como um “herói de seu tempo”. Em suas palavras sobre Ordínov reconhecemos claramente a figura do admirador, do discípulo, no verdadeiro sentido da palavra, um tipo que costumava figurar ao lado do original “homem supérfluo” na literatura da época.

Iaroslav Ilitch é uma pessoa ativa e imponente, o oposto de Ordínov, que, em seu isolamento, como diz o narrador, havia se asselvajado completamente, tornado-se “para sempre incapaz de se impor a outras pessoas de bem, quando se fizesse necessário demarcar para si ao menos um cantinho entre elas” (p. 7). De capacidade intelectual não tão privilegiada quanto a do amigo, ele tem perfeita consciência de suas limitações e da superioridade do outro, o que, aliás, nem faz questão de ocultar. Ele mesmo diz a Ordínov: “O que sou eu em comparação com o senhor?” (p. 35). E não só reconhece que aprendeu muita coisa com o amigo como lhe é imensamente grato por isso.

Na cena em que conversam numa taverna se pode notar um dos raros momentos de onisciência do narrador em relação a outra personagem que não Ordínov (o que se repetirá mais duas vezes, uma na cena do encontro entre ele, Ordínov e Múrin e outra no fim da novela, mas sempre em relação a esta personagem), ao informar que só chegaram a fazer amizade por iniciativa de Iaroslav Ilitch, “sempre predisposto a buscar pessoas instruídas por toda parte” (p. 34). (Aqui é preciso também fazer um parêntese para lembrar que Iaroslav Ilitch era um oficial, e que, portanto, uma de suas principais funções, dado o

contexto de repressão da época, deveria ser a de investigar pessoas instruídas.) Mas, seja lá qual for o motivo que o tenha levado a se aproximar de Ordínov, sua mais abnegada devoção ao amigo estudioso é inegável. Ele sente por Ordínov não só o respeito que se sente por um mestre, mas verdadeira veneração. E quando lhe diz: “o senhor será o orgulho da nossa sociedade” (p. 34), ele está apenas seguindo seu coração, pois não percebe nenhuma das evidências. Ele tem Ordínov em tão alta conta que se submete a seus ensinamentos como a um superior: “permita-me exprimir-lhe minha gratidão. O senhor fez tanto por mim, iniciando-me com nobreza na visão justa das idéias... Seguindo seus conselhos, rompi com uma porção de conhecidos vulgares e atenuiei em parte a vulgaridade de meus hábitos... Passo em casa a maior parte do tempo livre... à noite leio algum livro útil” (p. 35), confessa ele a Ordínov.

A julgar não só pelos antecessores literários do mesmo tipo de Ordínov como também por muitos dos que o sucederam, tudo leva a crer que Iaroslav Ilitch fora atraído pelo discurso de Ordínov, provavelmente poderoso, e o levava tão a sério que se sentia como que convocado a algo grandioso, como ele mesmo chega a expressar: “meu único desejo, Vassíli Mikháilovitch, é ser útil à patria, pelo menos à medida de minha capacidade”. Com isso, as palavras de Iaroslav Ilitch lançam claramente uma luz no sentido da elucidação do tipo de Ordínov, aparentando-o ao original “homem supérfluo”: qual é, afinal, o desejo mais íntimo que manifestam Petchórin, Bélto, Rudin, se não o de ser útil à patria?

Iaroslav Ilitch surge na novela como um descendente direto daqueles personagens que geralmente fazem um contraste com o original “homem supérfluo”. Esse tipo pode ser encontrado na figura de Liénski, que contrasta com Oniéguin, na figura de Basístov, que faz o contraste com Rudin na novela de mesmo nome, de Turguêniev, e com muitos outros. Este é o papel reservado também a Iaroslav Ilitch, um homem de coração puro, entusiasmado, ingênuo, que fala sem pensar e às vezes chega a ser cômico, mas que acaba sendo uma figura importante para a elucidação da personalidade do “sonhador” de *A senhoria*.

Iaroslav Ilitch, grande admirador das idéias de Ordínov, se coloca sem reservas como que na qualidade de seu discípulo. Não só segue à risca seus conselhos como lhe é extremamente grato por eles. Este é um dos traços mais louváveis desse tipo a que pertence Ordínov, o fato de semear no coração e mente de pessoas como Iaroslav Ilitch idéias pelas quais eles mesmos, a despeito de todo o seu entusiasmo, no fim das contas se revelam incapazes de lutar.

Não dá para saber ao certo de que se trata o “sistema” que Ordínov estava desenvolvendo e que tanto influenciou o amigo. Fato este que também serviu como motivo para as duras críticas de Belínski à novela, que escreve a Ânnekov: “Pelas palavras e atitudes de Ordínov, não dá de modo algum para perceber que ele se dedicava a algum tipo de ciência, o que se pode adivinhar por elas é que ele se dedicava mesmo à cabalística, à magia negra – em suma, ao *encantamento*”.⁹⁵

O mais provável é que fosse algo ligado à filosofia do socialismo utópico. Adiante voltaremos a este assunto. Mas neste caso surge outra questão, Iaroslav Ilitch era um oficial de polícia, e como tal deveria ver com suspeita as idéias de Ordínov, em vez de se deixar envolver por elas. De qualquer modo, o que temos de concreto é que, até o encontro com Ordínov e Múrin em sua casa, Iaroslav Ilitch olhava para o amigo como que para uma perfeição abstrata. No entanto, depois do encontro entre os três, quando no final da novela os dois voltam a se reencontrar na rua, Iaroslav Ilitch faz menção de se esquivar de Ordínov.

Acontece que no encontro em sua casa ele havia visto Múrin escarnecer da inteligência de Ordínov, ridicularizar seu amor romântico por Katierina, expondo-o em toda a sua impotência e inércia, e a única reação do amigo foi fugir dali “como um louco” (p. 84). Múrin fez Iaroslav Ilitch ver que Ordínov também era uma criatura de carne e osso, que também tinha muita coisa tola, assim como o mais comum dos mortais. O que se pode imaginar, pelos valores manifestados por Iaroslav Ilitch, é que tenha se sentido

⁹⁵ V.G. Belínski, O.C. V. 10., p. 350.

decepcionado com o amigo, como se aquele que o havia iniciado “com nobreza na justa visão das idéias” (35), para as coisas elevadas da vida, não tivesse esse direito. O que sugere que, na base da ligação de Iaroslav Ilitch com Ordínov, o que havia era mais uma condescendência à fantasia, à capacidade de ver as coisas não como elas na verdade existem, mas como a pessoa quer e necessita que sejam. Motivo este que remete ao papel da amizade no contexto do idealismo romântico dos anos 30.

Ordínov aparece como uma figura venerada por Iaroslav Ilitch e logo de cara ganha também a simpatia do alemão Spiess e de sua filha, Tínkhen, que olhavam para ele com admiração e respeito, por suas idéias maravilhosas, seus sentimentos elevados, por seu amor à ciência, motivos semelhantes aos que haviam levado Iaroslav Ilitch a se sentir atraído por ele. Mas quando vem à tona o verdadeiro caráter de Ordínov, em toda a sua indolência e impotência, todos, sem exceção, se sentem decepcionados. Ordínov perde o respeito de todos, que já havia conquistado. O alemão, que lhe prometera servi-lo pessoalmente, por fim o larga à própria sorte, sem incomodá-lo absolutamente, assim como a própria Tínkhen. Perde também o respeito e o amor de Katierina, que também já havia conquistado ao primeiro olhar. Daí em diante, só servirá como motivo de orgulho para “a criada do alemão, uma velha muito beata”, que “contava com gosto como reza seu inquilino pacato e como passa horas a fio, como que inanimado, deitado no chão da igreja...” (p. 88)

4. O encontro entre a *intelligentsia* e o povo

A fundamentação ideológica da novela, como observou Bem, só se revela no final, quando Ordínov, ao perceber o verdadeiro significado da fórmula “coração fraco” usada por Múrin, desenvolve sua teoria sobre ela para explicar o misterioso poder que o velho exerce sobre Katierina. Não há dúvida de que existe na novela uma ligação entre a fórmula do “coração fraco” e uma avaliação da Igreja por parte do autor. A religião, certamente, não ocupa tanto espaço em toda a extensão da obra por acaso.

É extremamente simbólico que o encontro entre Katierina e Ordínov, “entre a

intelligentsia e o povo”, como definiu Neuhauser esse encontro, se dê em uma igreja. A religião desempenha, nessa novela, um papel social simbólico essencial, na medida em que é apresentada como um instrumento de opressão e “alienação” da “alma” russa. Na opinião de Bem, nela “pode-se ver um protesto simbolicamente velado de Dostoiévski contra a Igreja em si”.⁹⁶

É evidente a extensão que igreja encontra na casa de Múrin e Katierina, decorada com imagens de Nossa Senhora e lamparinas acesas por todos os cantos. É ajoelhada diante dessas imagens que o medo mantém Katierina “o tempo todo acordada”, se penitenciando com rezas, esperando que Nossa Senhora a “olhe de seu ícone com mais amor”. É através destes símbolos religiosos e com leituras de “coisas ameaçadoras, severas” (p. 49), dos livros sagrados dos antigos crentes, que Múrin a “engabela” e a submete a si. Mesmo as descrições sobre a aparência de Múrin, sobre seus trajes, tudo o identifica com os velhos crentes, remetendo-nos imediatamente à época anterior a Pedro, o grande. Ele se apresenta na novela como um portador das antigas tradições nacionais folclóricas e religiosas russas, ainda vivas no imaginário popular, principalmente se pensarmos na região do Volga, de onde vinha com Katierina. Se, quando mais jovem, para seduzi-la, ele usa todo o seu poder de conquistador irresistível, quando já está bem mais velho, doente, para não perder seu domínio sobre ela, começa a lançar mão de um outro expediente, também poderoso, a religião. Mas é justamente do que havia de mais irracional na cultura popular religiosa russa que se utiliza Múrin. É com ameaças aterrorizantes, de que virá buscar sua alma depois de morto, que ele a obriga a se penitenciar com ele por seus crimes.

Revela-se portanto extremamente significativo na novela o fato de que Ordínov, que aparece à sua porta como seu libertador, estivesse se dedicando a uma “criação em que, nas horas de pausa criativa, baseava as mais concretas esperanças” (p. 88), uma história da igreja. É importante notar que aqui se fala em “esperanças concretas”. Se relacionarmos isto com o que diz o narrador no início da novela, que “ele estava criando seu próprio

⁹⁶ A.L. Bem, “Dramatização do delírio”, in *Pesquisa. Cartas sobre literatura*, p. 322.

sistema”, e que sua idéia já se insurgia “materializada em uma forma nova, iluminada”, mas que o “momento de sua encarnação e criação ainda estava distante.... talvez ela fosse absolutamente irrealizável” (p. 7), a idéia de que esse “sistema” estivesse relacionado com as teorias do socialismo utópico se torna ainda mais evidente. Se for isso, o jovem de alma “pura e transparente” – o contrário do sinistro Múrin –, que Katierina reconhece ao primeiro olhar como “o hóspede de sua casa”, revela-se realmente um intelectual progressista, ocidentalista.

O que se pode supor é que Dostoiévski não forneceu maiores detalhes a respeito do “sistema” que Ordínov estava desenvolvendo por causa da censura. Nesse caso, uma das possibilidades é que se tratasse mesmo de um sistema socialista utópico, sob cuja influência se encontrava o próprio Dostoiévski na época em que escrevia *A senhoria*. Tudo leva a crer que seja realmente isso. Ordínov é um tipo intelectual dos anos 40, e o uso da palavra “sistema”, na época, sugeria um contexto bastante específico, que remetia às idéias ocidentais, relacionadas principalmente com a tentativa de se resolver o problema histórico entre o homem e o mundo. E, como se sabe, nesse momento Dostoiévski, já de relações rompidas com o círculo de Belínski, passara a freqüentar as reuniões às sextas-feiras na casa de Petrachévski, ligando-se mais estreitamente ao círculo dos socialistas utópicos. Nesse círculo, envolvido, na prática, com a questão da libertação dos servos, Dostoiévski participa ativamente do projeto de criação de uma gráfica para impressão de planfetos.

Josef Frank, que vê Ordínov mais como “um protótipo do tipo “sonhador” idealista romântico fora de moda”, questiona essa interpretação que o aproxima dos socialistas utópicos. Seu argumento para isso é que, nesse caso, “não se pode compreender por que Dostoiévski insistiu tanto no isolamento de Ordínov e na sua sensação de afastamento das outras pessoas e da vida agitada de São Petersburgo”.⁹⁷

Neuhaser, que interpretou *A senhoria* como uma alegoria sócio-cultural que reflete o cenário intelectual dos anos de 1846-1847, vê justamente no isolamento de Ordínov a

⁹⁷ Josef Frank, *As sementes da revolta, 1821 a 1849*, p. 431.

gênese de sua tragédia, que ele relaciona com a “tragédia do pensador socialista utópico que concentra todo o seu talento artístico e científico em filosofizações abstratas e deixa a vida passar”.⁹⁸

Essa colocação de Neuhauser, em certa medida, responde a questão levantada por Josef Frank, que não deixa de ter razão em considerar Ordínov “um ‘sonhador’ idealista romântico fora de moda”. Também pelas declarações de Belínski sobre a novela, Ordínov seria mais um dos “remanescentes” do idealismo romântico. A questão é que, ao colocar a figura do “sonhador no centro de sua obra e mostrá-lo como um tipo ainda corrente na época, o objetivo de Dostoiévski não é sua representação pura e simplesmente como um tipo romântico, tanto que toda a ação tem como pano de fundo a realidade apresentada no nível do “ensaio fisiológico”. Ao se aprofundar em sua psicologia em busca de suas bases de sustentação na sociedade dos anos 40, Dostoiévski promove uma reestruturação completa no modo de representação desse tipo, mostrando-o como algo estreitamente vinculado ao “homem supérfluo”, o “herói daquele tempo”. Um tipo que, pelas palavras do próprio Dostoiévski, “entrou, finalmente, para a consciência de toda a nossa sociedade e continuou se transformando e se desenvolvendo a cada nova geração”.⁹⁹

O “duelo” de olhares que se trava entre Ordínov e Múrin desde o primeiro instante pelo coração de Katierina adquire, portanto, uma dimensão extraordinária, levando ao desmascaramento desse tipo e à revelação de sua verdadeira natureza. De um lado temos Múrin, um velho crente, adepto da antiga religião do medo e da danação eterna, das tradições nacionais e religiosas russas, da velha Rússia. Do outro lado, Ordínov, um historiador da igreja, cuja idéia, materializada numa “forma nova, iluminada”, certamente estava relacionada com o “novo cristianismo” do socialismo utópico, com a idéia de libertação da “alma” russa de séculos de deformação, enfim, com a nova Rússia. Entretanto, enquanto o primeiro é capaz de lançar mão de qualquer expediente para preservar algo que já tem em seu poder, o segundo, o intelectual russo, com sua inércia e impotência para

⁹⁸ Rudolf Neuhauser, “The Landlady: A new Interpretation, p. 48, 1968.

qualquer ação decisiva, se mostra incapaz de conquistar a verdadeira simpatia do povo, pois não o entende.

Há ainda essa questão. Dostoiévski nesse momento ainda tinha uma visão pessimista sobre o povo russo, que, acostumado por séculos à passividade, não participaria da luta de libertação da opressão e do mal nacionais. Todos os elementos destacados sobre a novela, portanto, nos levam à conclusão de que *A Senhoria* significa, também, uma resposta de Dostoiévski à discussão que estava colocada na sociedade sobre a situação do povo e sua relação com a *intelligentsia*, e vice-versa.

Ao encontrar Katierina na igreja, Ordínov se compadece dela por seu sofrimento, um símbolo do sofrimento “do povo, da alma russa”, “escravizada por séculos de tradições nacionais e religiosas”.¹⁰⁰ No entanto, a dor dela lhe é estranha, ele não a conhece e, da altura em que se coloca, não consegue compreendê-la: “Não conheço a sua dor, mas minha alma está transtornada... O que me importa saber por que chora seu coração” (p. 59), diz ele a Katierina. Ordínov só conhece sua própria dor, a dor que lhe arrebatou o coração ao ver no rosto dela “sinais de um medo infantil e de um terror misterioso” (p. 11). Mas a dor dela não guarda semelhança com a sua. Ordínov passou quase três anos em completo isolamento, dedicando-se a desenvolver seus conhecimentos, que absorviam toda a sua vida e, pelo que tudo indica, estavam relacionados justamente com a necessidade de resolver a questão histórica que sempre afligiu a humanidade. No entanto, ao “sair de seu deserto mudo” e se deparar com “a outra esfera, a da atividade prática, cotidiana” (p. 6), incapaz de encontrar uma passagem que o levasse da fantasia científica, que durante anos havia preenchido “o vazio indolente de uma vida cotidiana insossa”,¹⁰¹ para o

⁹⁹ Citado por A.I. Juravlióva, “‘O herói do tempo’ na literatura russa do século XIX”, p. 45.

¹⁰⁰ Rudolf Neuhauser, “The Landlady: A new Interpretation”, p. 57.

¹⁰¹ Em seu último folhetim “Crônica de Petersburgo”, de 15 de abril de 1847, Dostoiévski fala de um fenômeno da vida social que denominou de “sede de atividade”, que entre os russos, segundo suas palavras, “chega ao ponto de uma impaciência febril e irreprimível”. Contrariando a tese então corrente de que os russos adquiriam o hábito de sonhar e fantasiar por falta de vontade, por preguiça, Dostoiévski considera impossível não cair na apatia quando a pessoa tem de viver “eternamente correndo atrás de impressões... atormentada por uma sede de atividades externas e diretas, e com medo, um medo que chega a ser doentio, de suas próprias ilusões, das quimeras de sua mente, de suas próprias fantasias e todos os meios secundários com

desenvolvimento na prática de suas capacidades e inclinações, Ordínov entra num beco sem saída.

É sem dúvida um fato importante que a tentativa mais imediata de superar o isolamento e a solidão, a ligação amorosa, tenha provocado a tragédia de Ordínov, que conduz também ao seu desmascaramento. Isso não quer dizer, no entanto, que tenha sido ela causa de sua tragédia. A ligação amorosa, em si, só faz tornar real o que já existia nele como uma possibilidade: a incapacidade de superar a solidão, o isolamento, e descobrir que o verdadeiro sentido da vida não está desvinculado da participação na vida exterior, na vida social.

Não é à toa que, passada a euforia que lhe trouxera a possibilidade de se unir a outra pessoa, sua vida recai na mais absoluta e integral falta de sentido. Depois de entrar em contato com a vida real, aquela possibilidade de realização pessoal e humana acalentada em suas noites de insônia, que havia consumido as melhores energias criadoras ainda existentes nele, se revela uma possibilidade abstrata, falsa e inconsistente. Ele havia acreditado que o “sistema” que estava criando seria útil não só para si mesmo como para toda a humanidade, mas agora “ele próprio ria de suas convicções cegas”, e as próprias imagens criadas por ele “não faziam senão oprimir e sufocar sua energia”, tornando-se “gigantes de propósito em sua imaginação, para rir da impotência dele, o próprio criador delas” (p. 88).

O isolamento de Ordínov se revela, portanto, como um fator determinante para essa sua impotência trágica em face dos problemas que a vida lhe coloca. Sua solidão radical, sua marginalização da vida real, da integração com seus semelhantes, o torna impotente e passivo, levando-o a capitular em face das regras de um jogo ao qual ele não está apto. Não por acaso é obrigado a aceitar sua derrota por Múrin como algo inapelável.

O tema da solidão de Ordínov é abordado, portanto, como um tema ligado ao seu contexto

que, *na nossa época*, se busca de alguma forma preencher o vazio indolente de uma vida cotidiana insossa.” (F.M. Dostoiévski, Folhetim “Crônica de Petersburgo” de 15 de abril, O.C., p. 30)

histórico concreto, e apresenta tanto a origem social da solidão como suas conseqüências humanas: a derrota e a frustração das mais autênticas tentativas de realização individual. Ordínov não só “embotou” todo o seu talento artístico e científico como perdeu o amor de Katierina, que havia conquistado ao primeiro olhar.

Ordínov, na verdade, é apresentado como uma pessoa criadora, que se entrega com uma embriaguês alucinante a tudo o que se dedica. Ele busca intensamente uma realização pessoal e humana na criação científica, mas nada do que começa, ele termina. A questão está na via em que ele se lança para a realização de suas potencialidades, baseando-se puramente em sua interioridade subjetiva, desligado da realidade, do contato com seus semelhantes. No entanto, a origem dessa solidão, que o leva a perder toda a ligação com a realidade concreta, que é o que gera seu caráter “sonhador”, está na própria vida social e em sua incapacidade de adaptação a ela, a um mundo que desde a infância o rejeita e é rejeitado por ele.

O desenvolvimento de seu caráter solitário aparece, portanto, organicamente relacionado às suas tentativas de integração no mundo exterior. As próprias circunstâncias da época, de sua origem social, que propiciavam essa “inclinação inconsciente” a qualquer atividade a que se dedicavam os jovens cultos da nobreza,¹⁰² certamente contribuíram para a formação de seu caráter, fazendo de Ordínov um tipo “sonhador”. Ordínov não é representado como um sonhador romântico por natureza. Ele não é uma pessoa constitucionalmente “sonhadora”, não está em sua natureza ser um “sonhador”. O narrador mesmo, em nenhum momento, atribui seu comportamento a algo orgânico, ou a novela seria de uma reificação total, o que sabemos que não faz parte da posição estética de Dostoiévski, tanto que a capacidade de onisciência do narrador está indissolivelmente atrelada às percepções do próprio Ordínov. E não há, portanto, de sua parte, nenhum

¹⁰² Em *Ássia*, de Turguêniev, a personagem de Gáguin justifica sua incapacidade de ultrapassar o dilematismo em suas pinturas pelo fato de ser mais uma vítima da “indolência russa”.

esforço de objetificação da personagem. Ao contrário, ele está o tempo todo mostrando a precariedade de suas percepções, daí ter concentrado sua narrativa em uma única personagem. E também não é intenção do autor, aqui, o estudo de um caráter, assim como não se trata também de mostrar a transformação do sujeito pela sociedade, ou mesmo o processo de formação da personagem, ela aparece num momento de crise, no decurso de apenas alguns dias. O que está em questão, portanto, é mostrar que é justamente na forma como Ordínov age e reage ao “ambiente” que sua personalidade se define e se modela como um autêntico “herói de seu tempo”, um “homem supérfluo”, cuja vida não é necessária a ninguém.

A decadência de Ordínov, que leva ao desmascaramento da figura do “sonhador”, é extremamente significativa. E com o final da novela Dostoiévski mostra que só com sua participação na vida viva o homem pode realizar integralmente suas possibilidades. “O *exterior* tem de estar em equilíbrio com o *interior*”, caso contrário, os obstáculos com que o indivíduo se depara, em suas tentativas de mudar o curso de sua vida, de influir sobre a realidade e sobre si mesmo, se revelam intransponíveis.

E, assim, o processo do desenvolvimento do enredo é conduzido de maneira a fazer com que, ao se lançar à vida real e entrar em contato com as demais personagens, a idéia elevada que Ordínov faz de si mesmo se revele falsa, e ele, um herói falso, fracassado.

E aí é que está, o enredo, aparentemente, pode ser banal, e o estilo, altamente folhetinesco, mas, ao trazer à tona questões humanas essenciais à época em que foi escrita, essa obra criada por Dostoiévski revela-se extremamente complexa.

Considerações gerais

Ainda que esta obra não tenha obtido êxito e que Belínski não a tenha apreciado, a concepção de personagem é a mesma que apenas dois anos antes o havia feito ver em *Gente pobre* uma expressão viva das idéias defendidas por ele próprio. É a mesma que o havia levado a perceber que havia algo novo na demonstração da verdade destas idéias: “uma tal capacidade de representação artística que convencia com a própria vida a indiscutibilidade do ideal socialista” defendido em seus artigos.

A luta de Belínski contra o romantismo pode bem ter sido, portanto, um motivo determinante para a sua repulsa a essa obra de Dostoiévski, num momento em que ele se empenhava para que a literatura se tornasse, finalmente, um órgão de consciência social. Como sabemos, ele havia depositado grandes esperanças no escritor para o desenvolvimento da literatura russa conforme o programa estabelecido para a “escola natural”. Mas, certamente, não foi o único motivo.

Belínski acertou em seu julgamento sobre *Gente pobre*. Foi o primeiro a perceber e a apontar que Dostoiévski construiu sua obra de um ponto de vista totalmente novo. E também estava certo, em que pese todo o seu sarcasmo, ao dizer que o escritor estava em busca de um caminho inédito, sem precedentes. Agora, que as obras de Dostoiévski não pudessem ser compreendidas, que o sentido de *A senhoria* constituísse um enigma, ainda que para o maior e mais famoso crítico russo da época, hoje se tem certeza de que não se devia absolutamente a pobreza ou falta de talento. Hoje se sabe que a compreensão de suas obras, na época, impunha grande esforço até mesmo ao grande crítico, pois na representação dos caracteres, das situações sociais e humanas que envolve seus heróis, Dostoiévski, apesar de absorver as tendências que estavam então em curso, vai muito além de todas elas.

Mas mesmo hoje, embora a literatura do século passado, como observa Boris Schnaiderman a respeito do conto *O sr. Prokhortin*, “nos tenha acostumado muito mais a

procurar beleza no insólito, no estranho”,¹⁰³ sua obra não deixa de constituir um desafio para o estudioso que se debruça sobre ela, ao se ver às voltas com as dificuldades que ainda encontra pelo caminho.

É verdade que, na época, a condenação categórica de Belínski a *A senhoria* acabou convencendo o próprio autor. Mas, ainda que ele tenha renegado sua forma, parece que sua convicção sobre a idéia da obra não foi tão abalada, já que esta novela revelou-se apenas a inauguração de uma nova etapa de seu processo de criação, e aponta para um ciclo de temas que desenvolverá em suas grandes obras de maturidade artística. O “sonhador” de *A senhoria* se tornará mais tarde referência para uma série de personagens de seus romances futuros, assim como muitas das situações de seu enredo também se revelarão extremamente significativas para a sua obra.

Por sua essência típica, Ordínov traz em si, ainda em germe, o subsolo, a principal característica apresentada por seus sucessores, os heróis semelhantes de Dostoiévski que aparecerão nos anos 60. O próprio herói de *Memórias do subsolo* e Raskólnikov, de *Crime e castigo*, se ligam a ele de forma original, idealizando as mudanças dos tempos, da moral humana, das concepções de mundo. O “sonhador”, como apontou A.L. Bem, “anuncia já o terrível fenômeno urbano que será esse tipo, com a diferença que ele ainda não havia conseguido compreender a si mesmo, criar a sua filosofia do subsolo e, portanto, frente à realidade, encontra-se completamente exposto”.¹⁰⁴

Em *Memórias do subsolo*, Dostoiévski apresenta o tipo do “subsolo” como “um dos representantes da geração que vive os seus dias derradeiros”.¹⁰⁵ Em *Crime e castigo*, ele apresenta também um jovem pensador solitário, que na perda do contato com as pessoas acaba também por perder não só a objetividade e o critério moral em relação a seus problemas – chegando a cometer um crime –, como a própria solidez psíquica.

A senhoria foi reeditada mais duas vezes em vida do autor, mas só começou a suscitar

¹⁰³ Boris Schnaiderman, *Dostoiévski. Prosa Poesia*, p. 62.

¹⁰⁴ A. L. Bem. “Dramatização do delírio”, in *Pesquisas. Cartas sobre literatura*, p. 265.

¹⁰⁵ *Memórias do subsolo*, p. 13 (Tradução de Boris Schnaiderman).

um certo interesse nos anos de 1880-1890. Com o reconhecimento de Dostoiévski, após sua morte, como um grande escritor, os pesquisadores começaram a tomar essa novela como um de seus primeiros e mais importantes acessos aos principais temas com os quais viria a se ocupar em suas criações futuras. Ainda assim, extremamente longe de estar entre as obras mais estudadas de Dostoiévski, *A senhoria* continua sendo considerada um enigma por boa parte daqueles que se dedicam à sua interpretação. Para alguns pesquisadores, o que, exatamente, queria Dostoiévski com esta obra, permanece um mistério.¹⁰⁶

E isso certamente porque, como observou o crítico italiano Stefano Aloe, “sobre a fortuna crítica de *A senhoria* influiu pesadamente o parecer de Bielínski, uma influência que, pode-se dizer, se prolonga até hoje”.¹⁰⁷ Também na opinião de Olga Diláktorskaia, “nas interpretações de *A senhoria* se formou uma firme tradição: em primeiro lugar, seguindo o grande crítico, considerar a novela romântica e ver neste traço do pensamento de Dostoiévski os motivos de sua fragilidade como escritor”.¹⁰⁸

Para essa tradição que se formou em torno da novela, além de seu tom intensamente romântico, que pareceu à crítica e ao público infeliz e anacrônico, contou também o que se convencionou chamar de excesso de “experimentalismo”. Nela Dostoiévski introduz não só novos tipos humanos, como um novo tema, e ainda revela uma nova face do seu talento de escritor, voltada para a linguagem, que se sobressai em seu estilo altamente poético. Nela a realidade caótica da cidade contrasta com a fala de Katierina, só superada pela de seu marido (e talvez pai), fazendo-nos por momentos esquecer o caos desse mundo em que se movimentam as personagens. Um mundo circunscrito por ruas lamacentas, prédios enegrecidos e superpovoados, enfim, pelas ruas em que transita Ordínov em direção ao seu mundo de fantasias em seu cubículo abafado.

¹⁰⁶ Neuhauser: “*A senhoria* ainda é um dos trabalhos mais enigmáticos de Dostoiévski. Várias interpretações têm sido oferecidas. Enquanto elas explicam alguns aspectos da novela, o tema permanece tão ambíguo quanto antes”. Rudolf Neuhauser, “The Landlady: A new Interpretation”, p. 43. Para O. Diláktorskaia, “a discussão sobre o significado de *A senhoria*, se olharmos da posição de seu estilo dominante, verifica-se como que não concluída” (*A novela petersburguesa*, p. 63).

¹⁰⁷ Stefano Aloe, “Un racconto in bilico sul fantastico”, *La padrona di casa*. O texto foi-me enviado pelo autor via correio eletrônico.

Em seu estilo, trabalhado com mestria por Dostoiévski, repousa muito de sua força e encanto. Mas ainda assim, ao invés de conseguir romper a crosta de frieza que vinha envolvendo suas obras, parece tê-la fortalecido ainda mais.

¹⁰⁸ Olga Diláktorskaia, *A novela petersburguesa*, p. 17.

Referências bibliográficas

- ALOE, Stefano. “Un racconto in bilico sul fantastico”. In *La padrona di casa*. Roma: Re Enzo Editrice, 1998 (cópia cedida pelo autor via e-mail).
- ÂNNIENKOV, P.V. *Kritítcheskie ótcherki* (Ensaio crítico). S.Petersburgo: Rússkii Khristiánskii Gumanitárnii Institut, 2000.
- _____. “Zametchátelnie diesiatiliet. 1838–1848” (Dez anos impressionantes. 1838–1848). In *F.M. Dostoiévski v rússkoi krítike* (*F.M. Dostoiévski na crítica russa*). Moscou: Khudójiestvienaia Litieratura, 1956.
- ANÚFRIEV, G.V. “*Khoziaika*” *Dostoiévskogo* i “*Stráshnoe gadánie*” *Marlínskogo*” (“A senhoria”, de Dostoiévski, e “Um enigma terrível”, de Marlínki). Leningrado: 1974.
- AVRAMIETS, I.A. *Póviest “Khoziaika” i posliédiuushieie tvórtchestvo Dostoiévskogo* (A novela “A senhoria” e a última obra de Dostoiévski). Tartu, 1982.
- _____. “*Portret*” *Gogolia* i “*Khoziaika*” *Dostoiévskogo* (“O retrato”, de Gógol, e “A senhoria”, de Dostoiévski). Tartu, 1983.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- BAZÁNOV, V. “Nóvie liudi v litierature 60-kh godov” (“O novo homem na literatura dos anos 60”). In: *Almanakh Soiúza Soviétskikh Pisátielei Karélii* (Almanaque da União de Escritores Soviéticos da Karélia). Petrozavodsk: Kariélskoe Gosudárstviennoe Izdatelstvo, 1940.
- BIESTÚJIEV-MARLÍNSKI, A.A. *Stráchnoe gadánie*, in *O.C.* v. 1,
- BELÍNSKI, V.G. “Peterbúrgski sbórník (“Coletânea de Petersburgo”); Vzgliád na rússkuiu litieraturu 1846 goda (“Um olhar sobre a literatura russa de 1846”); Vzgliád na rússkuiu litieraturu 1847 goda (“Um olhar sobre a literatura russa de 1847”), v. III. In: *Sobrânie Sotchiniênii v triokh tomakh* (Obras Reunidas em três volumes). Moscou: Golitsdat, 1949.
- _____. *Polnoe Sobranie Sotchiniênii* (Obras completas em 13 volumes). Moscou: Akadéimii Nauk SSSR, 1953-1959.
- BEM, A.L. “Dramatizátsia brenda” (Dramatização do delírio). In *Issliédovaniia. Pisma o litierature* (Pesquisas. Cartas sobre literatura). Moscou: Iazik Slaviánskoi Kulturi, 2001.
- BEZERRA, Paulo. *Dostoiévski: “Bobók”*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- BIÉLII, Andrei. *Masterstvo Gogolia. Issliédovânie* (O ofício de Gógol. Pesquisa). Moscou-Leningrado: 1934.
- BOGDÁNOV, V.A. (org.). “Iskusstvo kak “novoe slovo” o mire i tchelovieka” (A arte como uma “palavra nova” sobre o mundo e o homem) *F.M. Dostoiévski ob iskusstvie* (F.M. Dostoiévski sobre a arte). Moscou: Iskusstvo, 1973.
- CAVALIERI, Arlete. “*O nariz*” e “*A terrível vingança*”. *A magia das máscaras*. São Paulo: Edusp, 1990.

- DILÁKTORSKAIA, O.G. *Peterbúrgskaia pôviest Dostoiévskogo* (A novela petersburguesa de Dostoiévski). Petersburgo: SSM, 1999.
- DOBROLIÚBOV, N. “Chto takoe oblomovschina?” (O que é o oblomovismo?). In *Dobroliúbov 1836–1861. Statii – stikhotvoriéniiakh* (Dobroliúbov 1836–1861. Artigos – poemas). Moscou: Chkólnaia Bibliotieka, 1972.
- DOLÍNIN, A.S. (org). *Dostoiévski v vospominániakh sovriemiènnikov* (Dostoiévski na recordação de seus contemporâneos). Moscou: Khudójiestvenaia Literatura, 1964.
- DOLÍNINA, N. *Predislôvie k Dostoiévskomu* (Prefácio a Dostoiévski). Petersburgo: Diétskaia Litieratura, 1997.
- DOSTOIÉVSKAIA, A.G. *Vospominániia* (Memórias). Moscou: Khudójiestvenaia Literatura, 1981.
- DOSTOIÉVSKAIA, L.F. “L.F. Dostoiévskaa ob otsé” (L.F. Dostoiévskaa sobre o pai). In: *Literatúrnoe Nasliédstvo* (Herança Literária), v. 86. Moscou: Naúka, 1973.
- DOSTOIÉVSKI, A. *Vospomnaniia* (Recordações). Moscou: Agraf, 1999.
- DOSTOIÉVSKI, F.M. *Pôlnoe Sobránie Sotchiniênii v tritsatikh tomakh* (Obras Completas em trinta volumes). Leningrado: Naúka, 1972-1990.
- DOSTOIÉVSKI, F.M. “A dona da casa”. In *Obra Completa* (em 4 volumes) , v. 1. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1963.
- DOSTOIÉVSKI, F.M. “A senhoria”. In *Obras Completas de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1960.
- DOSTOIÉVSKI, F.M. *Memórias do subsolo* (tradução de Bóris Schnaiderman). São Paulo: Editora 34, 2000.
- DOSTOYEVSKI, F.M. “La patrona” (tradução de Rafael Cansino Assens). In *Obras completas*, tomo 1 (1844-1865). Espanha: Editora Aguilar, 1ª edição: 1943.
- DOSTOVSKIJ, Fedor Michajlovic. *La padrona di casa* (tradução de Stefano Aloe). Roma: Re Enzo Editrice, 1998.
- DOSTOIÉVSKI, F.M. (Org. V.A. Bagdánov). *F.M. Dostoiévski ob iskusstve* (F.M. Dostoiévski sobre a arte). Moscou: Iskusstvo, 1973.
- DURILIN, S.N. “Ob odnom símvole u Dostoiévskogo” (Sobre um símbolo em Dostoiévski). In: *Dostoiévskii. Sbornik statiei*. (Dostoiévski. Artigos escolhidos). Moscou, 1928.
- ERMÍLOV, L.Ia. “‘Stráshnaia mest’ i ‘Khoziaika’” (“A terrível vingança” e “A senhoria”). In *Voprósi Rússkoi Litieraturi* (Questões de Literatura Russa), nº 315. Moscou: 1969.
- IERMÍLOV, V. F. M. *Dostoiévski*. Moscou: Goltzdat, 1956.
- FANGER, Donald. *Dostoiévski y el realismo romantico*. Biblioteca de la Universidad Central de Venezuela, 1970.
- FRANK, Joseph. *Dostoiévski. As sementes da Revolta, 1821-1849*. São paulo: Edusp, 1999.
- FRIDLENDER, G.M. *Realism Dostoiévskogo* (O realismo de Dostoiévski). Leningrado:

- Naúka, 1964.
- ____. “Khoziaika” (A senhoria). In *Pôlnoe Sobránie Sotchiniênii v tritsatikh tomakh* (Obras Completas em trinta volumes). Leningrado: Naúka, 1972-1990.
- GONTCHAROV, I.A. *Obiknoviënnaia istóriia* (Uma história comum). Petersburgo: Ázbuka-Klássika, 2004.
- GRIBOIÉDOV, A.C. *Gôrie ot umá* (A desgraça de ter espírito), Leningrado: Khudójiestviennaia Literatura, 1976.
- GRIGORÓVITCH, D.V. “Literatúrnie vospominânii” (Lembranças literárias). In *F.M. Dostoiévski v vospominániakh sovriemiênikov* (F.M. Dostoiévski nas lembranças de seus contemporâneos), v. 1. Khudójiestviennaia Literatura, 1964.
- GROSSMAN, L. *Dostoiévski artista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- ____. *Put Dostoiévskogo* (O caminho de Dostoiévski). Leningrado: Brokgaus-Efron, 1924.
- ____. *Dostoiévski*. Moscou: Molodáia Gvardiia, 1963.
- GUINSBURG, L. “Bielínski v borbie s romantícheskim idealismom” (Bielínski e sua luta contra o idealismo romântico). In: *Litieratúrnoe Nasliédstvo* (Herança Literária), n. 54. Leningrado: 1948.
- GUS, M. *Idei i obrazi F.M. Dostoiévskogo* (Idéias e imagens em F.M. Dostoiévski). Moscou: 1962.
- HERZEN, A.I. *Poviesti. “Bilóe i dúmi”. Statii. Kniga dlia utchieniká i utchitieiá*. (Novelas. “Passado e pensamentos”. Artigos. Livro para o aluno e o professor). Moscou: AST, 2002.
- ____. *Kto vinovat?* (Quem é o culpado?). Moscou: Khudójiestviennaia Litieratura, 1980.
- HOFFMANN, E.T.A. “O vaso de ouro”. In *Contos fantásticos*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- IAKUBOVITCH, I.D. “Problema tvôrtcheskoi svobodi v Khoziaike Dostoiévskogo i Groze Ostróvskogo (Problemas da liberdade de criação em “A senhoria”, de Dostoiévski, e “A tempestade”, de Ostróvski. In *Dostoiévskii: Matieriali i issliédovaniia* (Dostoiévski: Materiais e Pesquisas), nº 14. Petersburgo: 1997.
- ISTOMIN, K.K. “Iz zízni i tvôrtchestva Dostoiévskogo v môlodosti” (Da vida e obra de Dostoiévski na juventude). In *Tvôrtcheskii put Dostoiévskogo* (O caminho criador de Dostoiévski). Leningrado: 1924.
- IVANOV-RAZUMNIK, R.B. “Peterbúrgskii sbornik” (Coletânea de Petersburgo). In Belínski, V.G. In: *Sobránie Sotchiniênii v triokh tomakh* (Obras Reunidas em três volumes). Moscou: Golitsdat, 1949.
- JACKSON, L.R. *Iskusstvo Dostoiévskogo. Bredi i noktiurni* (A arte de Dostoiévski. Delírios e noturnos). Moscou, Radiks, 1998.
- JURAVLIÓVA. A.I.; NEKRÁSOV, Vsievobod. *Pakiet* (Pacote). Moscou: Litieratúrnoe Khudójiestvennoe Izdanie, 1996.
- JUKÓVSKAIA, N.I. “Khoziaika” *F.M. Dostoiévskogo* (A senhoria, de Dostoiévski), Ezhened. Petr. Gosud. Akadiemítcheskikh Teatrov, no. 1-2.
- KÁCHINA-EVREINOVA, A. *Podpolie Geniia* (O gênio do subsolo). Leningrado: Atus,

- 1991.
- KANTOR, B. *V poiskakh lítchnosti: opit rússkogo klássiki* (Em busca da personalidade: a experiência da literatura russa clássica). Moscou: Moskvóvskii Filológicheskii Fond, 1994.
- KARIÁKIN, I.F. “O filosofsko-etícheskoi problemátike romana *Prestupliênie i nakazânie* F.M. Dostoiévskogo” (Sobre a problemática do romance *Crime e castigo* de F.M. Dostoiévski). In: *Dostoiévski i ego vremia* (Dostoiévski e sua época). Leningrado: Naúka, 1971.
- KIRPÓTIN, V.I. *Ízbranie rabôti v triokh tomakh* (Trabalhos reunidos em três tomos). Moscou: Khudójiestvenaia Literatura, 1978.
- KOJÍNOV, B. “*Prestupliênie i nakazânie* F.M. Dostoiévskogo” (*Crime e castigo* de F.M. Dostoiévski). In “*Tri chedevra rússkoi klássiki*” (*Três obras-primas da literatura russa clássica*). Moscou: Khudójiestviennaia Litieratura, 1971.
- KONÍCHEV, E.M. *Svoebrázie realisma v romane F.M. Dostoiévskogo* *Prestupliênie i Nakazanie* (O realismo original no romance *Crime e castigo*, de F.M. Dostoiévski)
- KRINÍTSIN, A.B. *Ispovied podpólnogo tcheloviéka* (A confissão do homem do subsolo). Moscou: Maks Press, 2001.
- KOVATCH, A. *Probliemi poétiki rússkogo realisma XIX viéka* (Problemas da Poética do Realismo Russo do século XIX). Leningrado: LGU, 1984.
- KUZNIÉTSOV O.N., LIEBIEDIEV, B.I. Dostoiévski nad bezdnoi bezúmiia (Dostoiévski em face da loucura abismal). Moscou: “Cogito Centre”, 2003.
- LEATHERBARROW, W.J. “Dostoevsky’s treatment of the theme of romantic dreaming in *khozyayka* and *Bielye nochí*”. In *The Modern Language Rewiew*. London: MHRA Style Book.
- LEVIT, T. “Hofman v rússkoi litierature” (Hoffmann na literatura russa). In Hofman E.T.A. *Sobrânie Sotchiniénii* (Obras Completas), v. VI. Moscou: 1930.
- LIÉRMONTOV, M.I. *O herói do nosso tempo*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1988.
- LIKHATCHÓV, V. “V pôiskakh virajiéniia realnogo” (“Em busca da expressão do real”). In *Dostoiévski: Materiali i issliédovania* (Dostoiévski: Materiais e estudos), vol. 1. Leningrado: Naúka, 1974.
- _____. “Nebriéjnie slovom u Dostoiévskogo” (A negligência com a palavra em Dostoiévski). In *Dostoiévski: Materiali i issliédovania* (Dostoiévski: Materiais e estudos), vol. 2. Leningrado: Naúka, 1976.
- LOTMAN, L.M. *Realism rússkoi literature 60-kh viéka* (O realismo na literatura russa nos anos 60 do séc. XIX). Leningrado: Naúka, 1974.
- LUKÁCS, G. *Teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- _____. *Ensaio sobre literatura*. Rio: Civilização Brasileira, 1965.
- MARKIN, P.F. “Pôviest Dostoiévskogo *Khoziaika*” (A novela “A senhoria, de Dostoiévski”). In *Janr i kompozítsiia litieratúrnnogo proizvidiéniia* (O gênero e a composição de uma obra literária). Petrozavodsk: 1983.
- MIKHÁILOVSKI, N.C. “Jestókii talant” (“Um talento cruel”). In: *Literatúrnie*

- kritičeskie statii* (Artigos críticos literários). Moscou: Golitsdat, 1957.
- MORDOVTCHENKO, N. “Belínskii v borbie za naturálnuiu chkolu” (Belínski e a luta pela escola natural). *Litieratúrnoe Nasliédstvo* (Herança Literária). Leningrado: 1948.
- MOCHÚLSKI, K. *Dostoiévski: jizn i tvortchestvo* (Dostoiévski: vida e obra). Paris: YMCA Press, 1947.
- NAÚMOV, V.V. “Probliema “novikh liudiei” v publitsístike piérvoi polovíni 1860-kh godov” (Problemas do “novo homem” no jornalismo da primeira metade dos anos 60). In: *Probliemi jurnalístiki* (Problemas do jornalismo), no. 5. Leningrado: LGU, 1975.
- NESTEROV, M.V. *Dávnie dni. Vstriétchi i vospominâniia* (Velhos tempos. Encontros e recordações). Moscou: 1956.
- NEUHAUSER, Rudolf, “The Landlady: A New Interpretation”, *Canadian Slavonic Papers*, 1968.
- NIKITIN, N.; JDÁNOV, V. “Roman o novom gueroie rússkogo jízni” (“Um romance sobre o novo herói da vida russa”). In: *Litieratúrnií Krítik* (Crítica Literária). Goslitsdat, 1938.
- PANÁIEVA, A.Ia. “Vospominânií” (“Lembranças”). In *F.M. Dostoiévski v vospominâniakh sovremiênikov* (F.M. Dostoiévski nas lembranças de seus contemporâneos), v. 1. Khudójiestviennaia Literatura, 1964.
- PONOMARIÓVA, G.B. *Dostoiévski: Ia zanimaius etoi tainoi* (Dostoiévski: Eu me dedico a este mistério). Moscou: “Akadiemika”, 2001.
- PEREVERZEV, V.F. *Dostoiévski v krítike* (Dostoiévski e a crítica). Moscou-Leningrado: 1931.
- _____. *U istótchikov rússkogo realisma* (As origens do realismo russo). Moscou, Ed. Sovremiênik, 1989.
- POROCHIÉNKOV, E.P. “Iazik i stil pôviesti Dostoiévskogo *Khoziaika*” (A linguagem e o estilo da novela de Dostoiévski *A senhoria*). *Voprósi Rússkoi Litieratúri* (Questões de Literatura Russa), nº 288. Moscou: 1968.
- PÚCHKIN, A.S. *Evguiêni Oniéguin*. Moscou, Chkólnaia Bibliotieka, 1963.
- RÓZANOV, V.V. *Nesovmiéstnie kontrásti jitiia* (Os contrastes incompatíveis da existência). Moscou: Iskusstvo, 1990.
- RÓZANOVA, S. “Sviáznii pôtcherk jivikh sobítii” (Um estilo coerente de acontecimentos vivos). In A.I. Herzen, *Quem é o culpado?*, 1980.
- SIELIÉZNIEV, Iuri. *Dostoiévski*. Moscou: Molodaia Gvárdia, 1981.
- _____. *V mire Dostoiéskogo* (No mundo de Dostoiévski). Moscou: Sovremiênnik, 1980.
- SCHNAIDERMAN, Boris. *Dostoiévski. Prosa poesia*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- _____. *Turbilhão e semente*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983.
- SCHÉNNIKOV, G.K. *Dostoiévskii i rússkii realism* (Dostoiévski e o realismo russo). Sverdslovsk: Urálskogo Universiteta, 1987.
- SCHKLÓVSKI, Victor. *Sobránie Sotchiniênii v triokh tomakh* (Obras Reunidas em três volumes). Moscou: Khudójiestvenaia Literatura, 1974.
- SCHULMAN, P.E. *Tvôrtchestvo ránniego Dostoiévskogo* (A obra de juventude de

- Dostoiévski), v. 1. Volgograd: Gosudarstvenii Pedagoguítcheskii Institut, 1939.
- SCHTEINBERG A.Z. “Dialiétika svoboda” (“A dialética da liberdade”). In: *Sistiem svoboda Dostoiévskogo* (O sistema de liberdade em Dostoiévski). Paris: YMCA-PRESS, 1980.
- SOLOVIÓV, E. *Jizni zametchátelnikh liudiei* (A vida de pessoas notáveis). Petersburgo, Lio Redaktor, 1996.
- STANKO, A.I. “Litierturnie Gazieti 30-40-kh godov viéka i tsensura” (Os jornais de Literatura dos anos 30-40 do século XIX e a censura). In: *Viestnik Lieningradskogo Univiersitieta*, no. 2, 1965.
- STEPANIAN, karen. *Soznat i skazat* (Conscientizar-se e dizer). Moscou: Raritet, 2005.
- SVITIELSKI, V.A. “Romantítcheskaia pôviest Dostoiévskogo” (A novela romântica de Dostoiévski). In *Individualnost pisáteliia i litierturno-obschiéstviennii protsess* (A individualidade do escritor e o processo literário-social). Voroniéj: Voroniejskogo Univiersitieta, 1978.
- TCHERNICHÉVSKI, N.G. “Russkii tchelovek na *rendez-vous*” (Um russo num *rendez-vous*). In *Obras escolhidas em três tomos*. Leningrado: Khudójiestvenaia Litieratura, 1978.
- TCHIRKOV, N.M. *O stile Dostoiévskogo* (Sobre o estilo de Dostoiévski). Moscou: 1963.
- TCHULKOV, G. “Kak rabotal Dostoiévski v sorokovikh godakh” (Como Dostoiévski trabalhou nos anos 40). In *Litieraturnaia Utchioba* (Estudos Literários), nº 4, 1938.
- TERRAS, Victor. *Handbook of Russian Literature*, New Haven and London: Yale University Press, 1985.
- TINIÁNOV, Iuri. “Dostoiévski i Gógol (K teorii parodi)” (Para uma teoria da paródia). In *Litieratúrnaia evoliútsia* (Evolução literária). Moscou: Agraf, 2002.
- TROYAT, Henri. *Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Americ Edit, s.d., 2 v.
- TURGUÊNIEV, I.C. “Gamlet i Don-Kikhot” (Hamlet e Dom Quixote). In *Polnoe Sobránie Sotchiniênii i pisiem v dvátsati vosimi tomakh* (Obras Completas e Cartas em 28 volumes). Moscou-Leningrado: Naúka, 1964.
- _____. *Rudin*. São Paulo: Global Editora, 1983.
- VIETLÓVSKAIA, V. *Poetítcheskaia deklarátzia rániego dostoiévskogo - Simvólíka pôviesti Khoziaika* (Uma declaração poética do jovem Dostoiévski - O simbolismo da novela *A senhoria*). Leningrado: Matitsa Srpska, 1985.
- VÓLGUIN, Igor. *Dostoiévski i sobremiènniki: jism v dokumentakh* (Dostoiévski e os contemporâneos: uma vida em documentos). Moscou: Kniga, 1991.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)